



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

BRUNA GARCIA CATARINO

**“E ASSIM COMEÇOU A HISTÓRIA QUE JÁ HAVIA
COMEÇADO”:
A PRESENÇA INDÍGENA E AS AÇÕES EDUCATIVAS
PATRIMONIAIS DO MUSEU HISTÓRICO DE
CAMBÉ (1985 A 2019)**

BRUNA GARCIA CATARINO

**“E ASSIM COMEÇOU A HISTÓRIA QUE JÁ HAVIA
COMEÇADO”:**
A PRESENÇA INDÍGENA E AS AÇÕES EDUCATIVAS
PATRIMONIAIS DO MUSEU HISTÓRICO DE
CAMBÉ (1985 A 2019)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez.

Londrina
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Catarino, Bruna Garcia Catarino.

"E assim começou a história que já havia começado" : a presença indígena e as ações educativas patrimoniais do Museu Histórico de Cambé (1985 a 2019) / Bruna Garcia Catarino Catarino. - Londrina, 2020.
156 f. : il.

Orientador: Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez.

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2020.

Inclui bibliografia.

1. Museu Histórico de Cambé - Tese. 2. Ações Educativas Patrimoniais - Tese. 3. História Regional - Tese. 4. Presença Indígena - Tese. I. Martinez, Cláudia Eliane Parreiras Marques. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 93

BRUNA GARCIA CATARINO

**“E ASSIM COMEÇOU A HISTÓRIA QUE JÁ HAVIA COMEÇADO”:
A PRESENÇA INDÍGENA E AS AÇÕES EDUCATIVAS PATRIMONIAIS
DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ (1985 A 2019)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Cláudia Eliane Parreiras Marques
Martinez
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Richard Gonçalves André
Universidade Federal do Parana - UFPR

Prof^a. Dr^a. Leilane Patricia de Lima
Universidade de São Paulo - USP

Londrina, 09 de fevereiro de 2021.

Dedico este trabalho as minhas
Marias.

AGRADECIMENTOS

Desde que embarquei nessa temática de pesquisa em 2017, ainda na especialização, me sinto imersa em sentimentos conflituosos, como prazer em realizar a pesquisa que tanto almejei e poder dividir com pessoas também interessadas, mas infeliz com a regressão abrupta dos últimos anos no cenário nacional sobre os debates e ações sobre os indígenas. Por conta desses meus descontentamentos acabei levando mais tempo para perceber que meu trabalho iria a contra mão e também se apresenta como forma de resistência nesse caminho conflituoso, onde as Ciências Humanas estão situadas atualmente.

Para além disso, muito empolgada, me lembro do primeiro ano no Programa de Pós-Graduação em História Social da UEL em 2018, das matérias realizadas e dos incentivos por parte dos professores de todo o departamento de História. Esses que já faziam parte de minha formação desde o ano de 2012, quando ingressei na graduação, e tenho o enorme prazer em dizer que fizeram parte de minha experiência e formação acadêmica. Em especial Gilmar Arruda, Francisco Ferraz, Richard André, Wander Proença, entre outros. Obrigada a todos!

De início devo imenso agradecimento a minha orientadora, Cláudia Martinez, não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua compreensão e apoio nos momentos mais desalentadores em que passei, onde não conseguia acreditar que seria capaz de realizar minha pesquisa, ela me mostrou que sou mais do que capacitada e nas ocasiões diversas ocorridas além da parte profissional. Tenho certeza que me lembrarei de seguir seu exemplo como pesquisadora e professora. Muito obrigada!

Aos colegas que participaram me apoiando (e socorrendo!) e das amizades, possíveis graças a esse meu período no mestrado: Gabriela Crepald, Thaysa Stabelini, Iasmin Castro, Cristina Santos, Matheus Schröder, Vinícius Assis e Samanta Botini.

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela oportunidade de ser bolsista em 2018 e 2019. Sem essa oportunidade o caminho teria sido mais pesado.

Ao meu grupo de terapia, minha psicóloga e colegas da PROPE - UEL (Programa de apoio à permanência) por todo o suporte disponibilizado durante os anos em que faço terapia. Obrigada por serem meu sustento.

Gostaria de agradecer também algumas pessoas que contribuíram para que

pudesse realizar os levantamentos de documentação e a realização das entrevistas: César Cortez, Rosangela Alduan, Eduardo Pavinato, Claudia Parellada e os estagiários do Museu Histórico de Cambé.

Aos meus familiares, essencialmente mãe e pai que me apoiaram financeiramente e sempre que possível com o que podiam auxiliar. Obrigada! A minha avó Zoé, minha inspiração de vida e incentivadora, que infelizmente não pode me ver titulada mestre. Muito obrigada vó, sinto muitas saudades!

Para finalizar, devo mencionar aqui o final de um ciclo na Universidade Estadual de Londrina. Toda sua estrutura física e humana disponível (mesmo com o advento do sucateamento da instituição pública), onde pude usufruir durante esses quase 10 anos. Espero que outros possam ter a grande oportunidade que tive!

Que eu possa vivenciar novas experiências engrandecedoras como essa!

Se pensarmos quantas gerações foram educadas com base em ideias negativas e preconceituosas em relação a povos indígenas, povos que agora reivindicam terras, culturas e direitos próprios garantidos pela Constituição de 1988, podemos ter uma ideia do tamanho do prejuízo, do quanto há para reparar e da importância dessa revisão historiográfica [...]. Reescrever a história do Brasil incorporando os indígenas e vários outros povos, como os africanos e seus descendentes, na condição de sujeitos históricos, é, reafirmo, de fundamental importância do ponto de vista acadêmico, social e político (Maria Celestino de Almeida, 2017, p. 34-35).

CATARINO, Bruna Garcia. “E assim começou a história que já havia começado”: a presença indígena e as ações educativas patrimoniais do Museu Histórico de Cambé (1985 a 2019). 2020. 156 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

RESUMO

A região do atual município de Cambé - PR permaneceu atrelada a uma “história oficial” até o final do século XX. Por um longo período vinculou-se sua gênese histórica a tal perspectiva, nomeadamente a partir da chegada da Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP), e isso se percebe por meio da materialidade de documentos produzidos durante as atividades de um importante órgão de difusão da memória e de identidade no município: o Museu Histórico de Cambé (MHC), inaugurado em 1985. As atividades, a história e a memória difundidas por esta instituição são importantes, pois entender como a temática e a presença indígena são trabalhadas nos faz refletir como a perspectiva de mudança no ensino ocorreu e continua ocorrendo. Tendo como referência tais fatos, o objetivo deste trabalho foi analisar como a temática indígena é desenvolvida e trabalhada pela ação educativa patrimonial do Museu Histórico de Cambé desde a sua fundação até os dias atuais (1985 a 2019). Para isso, utilizou-se como fonte histórica os relatórios de atividades do MHC, entrevistas realizadas com atuais e ex-funcionários e atividades desenvolvidas nas décadas de 1980 e 1990 por alunos das escolas públicas do município, que participavam das monitorias. Também foram reproduzidas as mesmas atividades aplicadas nas décadas de 1980/1990 com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental II de uma escola municipal de Cambé. Utilizou-se como metodologia de pesquisa a História Regional, pois entender como a população do município se apropria das memórias fornecidas pela história é de suma importância para este trabalho.

Palavras-chave: Museu Histórico de Cambé. Ações Educativas Patrimoniais. História Regional. Presença Indígena. História Oral.

CATARINO, Bruna Garcia. “**And so began the history that had already begun**”: the indigenous presence and the patrimonial educational actions of the Cambé Historical Museum (1985 to 2019). 2020. 156 f. Dissertation (Master’s Degree in Social History) – State University of Londrina, Londrina, 2020.

ABSTRACT

The region of the current municipality of Cambé - PR remained tied to an “official history” until the late twentieth century. For a long time, this was linked to its historical genesis from this perspective, namely since the arrival of the Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP), and this can be perceived through the material of documents displayed during the activities of an important organ of diffusion of memory and identity in the municipality: the Cambé Historical Museum (MHC), opened in 1985. The activities, the history and the memory disseminated by this institution are important, because understanding how the theme and indigenous presence are worked makes us reflect how the perspective of change in education occurred and continues to occur. Based on these facts, the objective of this work was to analyze how the indigenous theme is developed and worked by the patrimonial education action of the Cambé Historical Museum from its foundation until the present day (1985 to 2019). For this purpose, were used as historical source the MHC activity reports, interviews with current and former employees and activities developed in the 1980s and 1990s, by students from the public schools of the municipality, who participated in the monitoring. The same activities applied in the 1980s and 1990s with students of the 3rd year of Elementary School II of a municipal school of Cambé were also reproduced. The Regional History were used as a research methodology, because understanding how the population of the municipality appropriates the memories provided by history is of paramount importance to this work.

Keywords: Cambé Historical Museum. Patrimonial Education Actions. Regional History. Indigenous Presence. Oral History..

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	– Relatório de atividades de 1985	29
Figura 2	– Relatório de atividades de 1985	30
Figura 3	– Relatório de atividades de 1984	31
Figura 4	– Relatório de atividades de 1985	32
Figura 5	– Relatório de atividades de 1986	34
Figura 6	– Relatório de atividades de 1986	35
Figura 7	– Relatório de atividades de 1986	36
Figura 8	– Relatório de atividades de 1988	37
Figura 9	– Relatório de atividades de 1988	38
Figura 10	– Relatório de atividades de 1988	39
Figura 11	– Relatório de atividades de 1990	44
Figura 12	– Relatório de atividades de 1990	45
Figura 13	– Relatório de atividades de 1990	49
Figura 14	– Relatório de atividades de 1990	49
Figura 15	– Relatório de atividades de 1990	50
Figura 16	– Relatório de atividades de 1990	52
Figura 17	– Relatório de atividades de 1990	53
Figura 18	– Relatório de atividades de 1990	55
Figura 19	– Anexado ao relatório de atividades de 1995	57
Figura 20	– Anexado ao relatório de atividades de 1995	57
Figura 21	– Anexado ao relatório de atividades de 1996	58
Figura 22	– Anexado ao relatório de atividades de 1996	59
Figura 23	– Anexado ao relatório de atividades de 1997	60
Figura 24	– Relatório de atividades de 1999	62
Figura 25	– Relatório de atividades de 1999	62
Figura 26	– Relatório de atividades de 2000	63
Figura 27	– Relatório de atividades de 2005	66
Figura 28	– Relatório de atividades de 1990	68
Figura 29	– Jornal <i>Folha de Londrina</i> sobre o encontro Missão Jesuítica San Joseph, em 2011	69
Figura 30	– Visão Geral da Sala de Exposição do Museu Histórico de Cambé	79
Figura 31	– Visão Geral da Sala de Exposição do Museu Histórico de Cambé	79

Figura 32 –	Objetos expostos na exposição permanente do Museu Histórico de Cambé, pertencentes ao consultório médico montado com o conjunto total doado pela família do Dr. José dos Santos Rocha	80
Figura 33 –	Exposição da Sala de Arqueologia “Prof. João Sabaini” – Museu Histórico de Cambé.....	81
Figura 34 –	Objetos cerâmicos pertencentes ao acervo e exposição do Museu Histórico de Cambé, de procedência da Missão Jesuítica San Joseph – Sala de Arqueologia “Prof. João Sabaini”	81
Figura 35 –	Objetos cerâmicos pertencentes ao acervo e exposição do Museu Histórico de Cambé.....	82
Figura 36 –	Objetos cerâmicos pertencentes ao acervo e exposição do Museu Histórico de Cambé.....	82
Figura 37 –	Anexo do relatório de atividades de 1987.....	87
Figura 38 –	Anexo do relatório de atividades de 1988 (Aluno 2).....	89
Figura 39 –	Anexo do relatório de atividades de 1988 (Aluno 3).....	89
Figura 40 –	Anexo do relatório de atividades de 1988 (Aluno 5).....	90
Figura 41 –	Anexo do relatório de atividades de 1988 (Aluno 6).....	90
Figura 42 –	Relatório de atividades de 1988: convite usado para divulgar as exposições realizadas	91
Figura 43 –	Relatório de atividades de 1988: convite usado para divulgar as exposições realizadas em 1986 e 1988	96
Figura 44 –	Aluno 4.....	96
Figura 45 –	Relatório de atividades de 1992.....	97
Figura 46 –	Relatório de atividades de 1992.....	98
Figura 47 –	Relatório de atividades de 1992.....	98
Figura 48 –	Relatório de atividades de 1992.....	99
Figura 49 –	Relatório de atividades de 1992.....	99
Figura 50 –	Aluno 3.....	100
Figura 51 –	Aluno 4.....	101
Figura 52 –	Aluno 13.....	105
Figura 53 –	Aluno 16.....	106
Figura 54 –	Aluno 10 -Turma A.....	113
Figura 55 –	Aluno 18 -Turma B	114
Figura 56 –	Aluno 7 -Turma C.....	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Dados obtidos nas atividades anexadas ao relatório de atividades de 1987.....	86
Tabela 2	– Dados obtidos nas atividades anexadas ao relatório de atividades de 1988.....	88
Tabela 3	– Dados obtidos nas atividades anexadas ao relatório de atividades de 1988.....	92
Tabela 4	– Dados obtidos nas atividades anexadas ao relatório de atividades de 1988.....	93
Tabela 5	– Dados obtidos nas atividades anexadas ao relatório de atividades de 1991.....	94
Tabela 6	– Dados obtidos nas atividades anexadas ao relatório de atividades de 1992.....	95
Tabela 7	– Dados obtidos nas atividades anexadas ao relatório de atividades de 1999.....	100
Tabela 8	– Dados obtidos nas atividades aplicadas com 30 crianças no ano de 2019.....	103
Tabela 9	– Dados obtidos nas atividades aplicadas com 21 crianças da Turma A, no ano de 2019	110
Tabela 10	– Dados obtidos nas atividades aplicadas com 16 crianças da Turma B, no ano de 2019	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEART	Associação Projeto Educação do Assalariado Rural Temporário
CEDOC	Centro de Documentação da FUNAI
CTNP	Companhia de Terras do Norte do Paraná
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
MEC	Ministério da Educação
MHC	Museu Histórico de Cambé
MHL	Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss
PERI	Projeto Educação Reviver Indígena
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	16
1	A CRIAÇÃO DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ E SUAS AÇÕES EDUCATIVAS PATRIMONIAIS (1980)	24
1.1	A ORALIDADE DENTRO DA PESQUISA HISTÓRICA	24
1.2	OS RELATÓRIOS DE ATIVIDADES	25
1.3	AS AÇÕES EDUCATIVAS PATRIMONIAIS DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ NA DÉCADA DE 1980	28
2	AS AÇÕES EDUCATIVAS PATRIMONIAIS REALIZADAS PELO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ (1990– 2000)	42
2.1	(IN)VISIBILIDADE INDÍGENA: UMA DISPUTA DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS	42
3	SIGNIFICADO E (RE)SIGNIFICAÇÃO: OS RESULTADOS DAS AÇÕES EDUCATIVAS PATRIMONIAIS DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ	73
3.1	O OBJETO, O MUSEU E A MEDIAÇÃO DAS AÇÕES EDUCATIVAS	74
3.2	O OBJETO, O MUSEU E A MEDIAÇÃO DAS AÇÕES EDUCATIVAS	73
3.3	UM POUCO SOBRE AS REDAÇÕES E OS DESENHOS	84
3.4	ATIVIDADES DA DÉCADA DE 1980 E 1990	84
3.5	ATIVIDADES ANTERIORES E POSTERIORES À IDA AO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ.....	102
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
	REFERÊNCIAS	122
	APÊNDICES	127
	APÊNDICEA– Roteiro de entrevistas.....	127
	APÊNDICEB– Roteiros das atividades aplicadas com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental II de uma escola municipal de Cambé	130

APÊNDICE C – Gráficos referente às tabelas	133
ANEXOS	145
ANEXO A – Relatório de atividades de 1985 – Convite mandado aos pioneiros solicitando sua contribuição para o MHC.....	145
ANEXO B – Relatório de atividades de 1986 – Cópia do <i>Projeto Memória</i>	146
ANEXO C – Relatórios de atividades de 1986 – Relatório sobre a viagem feita pela equipe do MHC ao município de Santo Inácio	147
ANEXO D – Relatório de atividades de 1988 – Convite usado para divulgar as exposições realizadas em 1986 e 1988	148
ANEXO E – Relatório de atividades de 1988 – Relatório sobre a exposição indígena realizada no MHC em 1988	151
ANEXO F – Recortes do jornal Nossa Cidade e Tribuna da Cidade , anexados ao Relatório de atividades de 1988 sobre a exposição indígena realizada no MHC	152

INTRODUÇÃO

Recordo-me que as primeiras vezes que escutei sobre a história da cidade onde nasci, Cambé-PR, foram dos meus familiares e logo nos primeiros anos escolares. Nessas histórias o relato era de que eu tinha raízes italianas, espanholas, portuguesas e mais tantas outras misturas imaginadas, mas em quase nada me identificava com essas que me foram apresentadas.

Lembro que as primeiras aulas de História eram sobre o início da colonização, de como as terras eram férteis e boas para o plantio, a maneira que “homens desbravadores e corajosos” enfrentaram os perigos das matas e a adentravam para que o “progresso aqui chegasse”, a chegada do trem e de suas linhas férreas e quais eram as contribuições da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) nesse empreendimento e como agente responsável pela atual circunstância dos municípios da região.

Entretanto, pouco se falava de seu nome Cambé e a sua origem indígena. Estudávamos sobre “os índios”, mas em um contexto panorâmico, algo muito distante de nós, como se eles não estivessem presentes antes nem no agora. No entanto, sempre os via andando pelas ruas vendendo plantas e artesanatos e, com isso, pensava “De onde eles vinham?” e “Por que dormiam nas ruas?”. Acredito que estas também sejam indagações das crianças dessa geração.

A posteriori, a presença material mudou minhas perspectivas e de meus colegas de sala de aula, quando uma professora nos contou sobre as populações nativas que habitavam a nossa região. Para isso, ela utilizou materiais líticos, pertencentes a eles e encontrados no município. Parecia que naquele momento havia recebido uma luz do conhecimento “E assim começou a história que já havia começado...”. (MEC, 1999)¹.

¹ Esse é o nome do material produzido por meio do Projeto Educação Reviver Indígena (PERI), que surgiu como reivindicações das comunidades indígenas do estado do Paraná para que jovens e adultos indígenas continuassem a estudar. Portanto, “este material tem como perspectiva a reflexão sobre a concepção de tempo apresentando a análise e compreensão da ocupação do território brasileiro a partir de diferentes pontos de vista. Constata assim, os conflitos e as diferenças que foram se constituindo historicamente neste espaço e que se expressam na realidade atualmente vivenciada pelas populações indígenas e não indígenas: os problemas sociais cotidianamente enfrentados, os sonhos, as perspectivas e alternativas para a sobrevivência de sua cultura” (BRASIL, p. 13-14, 1999). Esse material foi encontrado em buscas bibliográficas no acervo do Museu Histórico de Cambé (MHC), para a produção de um projeto de pesquisa de especialização do qual desejava participar em fins de 2016 e começo de 2017. O título foi apreciado logo de início, mas só foi utilizado nas finalizações desta pesquisa de mestrado. Considerou-se tal título pertinente ao trabalho realizado, de modo que ele fizesse sentido com a História Indígena no município de Cambé.

A região do atual município de Cambé permaneceu atrelada a uma “história oficial” até o final do século XX. Esta mesma história tem forte relação com a considerável presença de gerações descendentes daqueles primeiros ocupantes da região que, aqui, são referidos como (re)colonizadores – ainda entendendo que essa referenciação carrega consigo problemáticas que foram debatidas durante este trabalho –, os quais eram compostos por uma parcela europeia, principalmente de espanhóis e portugueses, e de migrantes de outras regiões do Brasil, como paulistas, mineiros, nordestinos, populações indígenas como as etnias Kaingang e Guarani, bem como as Missões Jesuíticas do Guairá. No entanto, as duas últimas etnias citadas nem sempre estiveram evidentes na percepção da atual população local.

O oposto aconteceu por conta da homogeneização do discurso vinculado e promovido pelos seus moradores e memorialistas ao longo da história recente, na qual é feita uma ligação a um “legado europeu”, uma memória que conecta essa região a ingleses, alemães, eslavos, entre outras etnias de origem europeia.

A região possui sua história e memória fortemente atreladas ao projeto de composição da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP)², cuja articulação está ligada ao conceito de representação de Roger Chartier (1990; 2002) – neste caso, especialmente as de progresso – presentes nas propagandas e nos discursos disseminados. Assim, de acordo com Mello (2008, p. 160) sobre a noção das coisas e que a sociedade tem de si: “Essa noção insiste na força das representações, que possuem uma energia própria que convence que o mundo é exatamente como dizem que é.”.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas

² Subsidiária da Paraná Plantation Ltda. Companhia inglesa que adquiriu terras após a vinda da Missão Montagú ao Brasil, onde ocorreu a visita de ingleses ao país (não convidada pelo então presidente Artur Bernardes), que chegou ao país no dia 31 de dezembro de 1923, sendo organizada por bancos credores ingleses, para acertar problemas relacionados com as dívidas externas do Brasil. Ver mais em: CATARINO, Bruna Garcia. **Representações de progresso presentes no livreto da CTNP (1930-1940):** repercussões na historiografia norte paranaense. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

escolhas e condutas. Por isso está investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou uma história de vistas demasiado curtas -, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, p. 17, 1990).

A CTNP gerou a criação e a constância de uma memória estritamente ligada à questão da terra, em particular a sua cor e fertilidade, o pioneirismo e seus desdobramentos. Tal ponto já foi debatido e questionado por um consolidado conjunto de estudos relacionados a essa temática, a partir das décadas de 1970 e 1980, gerando na historiografia paranaense uma mudança de perspectiva da colonização e reocupação do norte do estado.

Percebe-se que tais estudos tratam da região e das questões ligadas a esta sociedade e/ou grupo, estabelecendo e refletindo a sua identidade mediante o apego permanente ao seu passado mitológico, histórico e, especialmente, simbólico-religioso, no qual a CTNP está presente em grande parte.

A região que viria a se tornar Cambé, por pertencer geograficamente a tal “história oficial” – sendo esta a mais recorrente do município –, vinculou por um longo período a sua gênese histórica a essa perspectiva, nomeadamente a partir da chegada da CTNP. Isso se percebe por meio da materialidade de documentos produzidos durante as atividades de um importante órgão de difusão da memória e identidade no município: o Museu Histórico de Cambé (MHC).

Entender as atividades, a história e a memória difundidas por essa instituição é relevante neste trabalho, pois permite compreender como a temática e presença indígenas são trabalhadas. Isso faz refletir como essa perspectiva de mudança ocorreu e está ocorrendo no ensino, somando-se a uma possível compreensão sobre a história do município.

Desse modo, o objetivo desta dissertação foi analisar como a temática indígena é desenvolvida e trabalhada pela ação educativa patrimonial do MHC, desde sua fundação até os dias atuais, ou seja, quase 35 anos.

Diante disso, pode-se dizer que a memória está sempre em disputa, pois foi

evidenciado o poder que esta possui, principalmente em momentos de conflito e tensão, que podem levar a lacunas de diversas formas possíveis.

Verena Alberti (2006) informa que quando se analisa as distorções da memória há um entendimento mais acertado dos valores e ações coletivas de grupos específicos. Assim, isso se torna possível porque:

[...] a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias e das pessoas e dos grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de **História Oral**. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo. (ALBERTI, 2006, p. 167, grifo nosso).

Nessa conjuntura, percebe-se que a História Oral irá protagonizar em casos como os da memória subterrânea e dos não ditos. As informações que foram possíveis, ou não, de evidenciar nos relatórios de atividades do MHC poderão ser encontradas nas entrevistas. Com a análise dos relatos, pôde-se ainda confirmar dados registrados no documento escrito e agregar outros fatos que, por acaso, não estavam ali presentes, além de outros aspectos evidenciados nessa fonte riquíssima que são as entrevistas.

Fundado em 30 de outubro de 1985 no município de Cambé, o MHC possui em seu acervo corrente um material que tem como função registrar as atividades ocorridas durante o ano, o qual é intitulado pelos seus criadores de “relatório de atividades”.

Partindo desse material, foram analisadas as mudanças na perspectiva das ações educativas patrimoniais em relação à temática indígena, o pioneirismo e seus desdobramentos com o público-alvo: crianças das escolas públicas municipais. Para isso, foram tomados como base os estudos de variados autores³ que corroboram em torno dessas discussões.

Além disso, foram utilizadas entrevistas pertencentes ao campo da História Oral, feitas com diretores, funcionários e pessoas envolvidas com o processo de formação e a ação educativa da instituição. Elas foram produzidas pela autora deste trabalho e pautadas nas concepções de Alessandro Portelli (1996; 1997a; 1997b; 2010) e Verena Alberti (2004a; 2004b; 2006), sendo analisadas seguindo também os conceitos destes

³ Néstor García Canclini (1994), José Bittencourt (2001), Ulpiano Bezerra de Meneses (2000), Simone Scifoni (2015), José Newton Coelho Meneses (2016), além de outros autores.

autores.

Alberti (2004, p. 19) destaca a importância da entrevista, pois com ela há a oportunidade de vivenciar as experiências do outro, possibilitando compreender as expressões de sua vivência. Mas, como num filme, vivenciar não é uma experiência completa, porque somente o sujeito viveu aquilo efetivamente.

É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro; aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. E, ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos. (...) E sua presença nos torna mais próximos do passado, como se pudéssemos restabelecer a continuidade com aquilo que já não volta mais. (ALBERTI, 2004, p.14).

É importante destacar que a História Oral é uma metodologia de constituição de fontes para o estudo da História Contemporânea que surgiu no século XX. Sendo assim, a entrevista em si não constitui o resultado final, é necessário haver antes uma análise e interpretação para finalizar um trabalho. Porém, é imprescindível fazer o que Portelli (1996, p. 2) fala sobre a má interpretação dos fatos narrados, com base na recuperação das memórias e das fontes orais:

(...) de um lado, a ilusão do testemunho como uma tomada de consciência imediata, de primeira mão, autêntica, fiel à experiência histórica; e, de outro, a divisão do trabalho entre o materialismo das fontes e a intelectualidade do historiador e do sociólogo.

Quando se trabalha com fontes orais, deve-se levar em conta que aquilo que não pode ser dito – ou o não dito, como supracitado – às vezes não encontra instrumentos de linguagem para ser expresso; além disso, há as lembranças vergonhosas, invisíveis, onde os valores da sociedade vão definir o que pode e o que deve ser dito. Neste sentido é que se entende o que Michael Pollak (1989) diz sobre o enquadramento da memória:

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências

associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modifica-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. Mas, assim como a exigência de justificação discutida acima limita a falsificação pura e simples do passado na sua reconstrução política, o trabalho permanente de reinterpretação do passado é contido por uma exigência de credibilidade que depende da coerência dos discursos sucessivos (POLLAK, 1989, p. 10).

Com relação à terceira etapa, foram analisados os trabalhos de desenhos e redações desenvolvidos nas décadas de 1980 e 1990, por alunos das escolas públicas do município, que participavam das atividades e monitorias do MHC. Também foram produzidos trabalhos semelhantes com atuais alunos do 3º ano do Ensino Fundamental II de uma escola municipal da cidade, cuja aplicação ocorreu após a participação destes no projeto “Viagem Histórica ‘Pelos Caminhos de Cambé’”, desenvolvido pela Secretaria de Educação em conjunto com o MHC.

Para tanto, além das problemáticas em torno da estereotipação sobre o indígena e suas representações, foram usados dois autores basilares: Jérôme Baschet, com **Introdução: a imagem-objeto** (1996), e Ulpiano T. Bezerra de Meneses, com **Fontes Visuais, cultura visual, História visual: balanço provisório, propostas cautelares** (2003).

Conforme supracitado, propôs-se aqui utilizar a História Regional como base historiográfica. Sobre ela, Albuquerque Júnior (2008) expõe que a origem do conceito “região” remete ao comando, domínio, poder, de modo que ela seja, então, vinculada à força, à demarcação de um espaço sob controle, uma dominação após uma vitória sobre um oponente. Assim, o conceito de região pode ser definido como espaço de luta, fruto de uma conquista.

O autor analisa a região de uma perspectiva um tanto política, centrada em poder e domínio:

As regiões, portanto, não pré-existem aos fatos que as fizeram emergir; as regiões são acontecimentos históricos, são acontecimentos políticos, estratégicos, acontecimentos militares, diplomáticos, são produtos de afrontamentos, de disputas, de conflitos, de lutas, de guerras, de vitórias e de derrotas. Falar em região implica em se perguntar por domínio, por dominação, por tomada de posse, por apropriação (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 4).

Para ele, falar em região é se referir àqueles que foram derrotados em seu processo de implantação, ou seja, àqueles que foram excluídos de seus limites territoriais ou simbólicos. A força e o poder que decidem, conformam, sustentam e movimentam quem é ou não convidado a permanecer no projeto que dará origem ao dado recorte regional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008).

Do mesmo modo, o autor ainda afirma que um dado recorte espacial é sustentado, explicado, justificado e legitimado por algumas formas de saber, que se solidificam em ações, atos, discursos, práticas discursivas e não discursivas.

Barros (2013) também trabalha o tema e expõe a História Regional por outro enfoque, que aborda o aspecto social e antropológico, usando-o inclusive para produzir a delimitação espacial:

O espaço regional, como já foi destacado, não estará necessariamente associado a um recorte administrativo ou geográfico, podendo se referir a um recorte antropológico, a um recorte cultural ou a qualquer outro recorte proposto pelo historiador, de acordo com o problema histórico que era examinar (BARROS 2013, p. 178).

A História Regional é definida por Barros (2013) nos seguintes termos:

[...] o interesse central do historiador regional é estudar especificamente este espaço, ou as relações sociais que se estabelecem dentro deste espaço, mesmo que eventualmente pretenda compará-lo com outros espaços similares ou examinar em algum momento de sua pesquisa a inserção do espaço regional em um universo maior (o espaço nacional, uma rede comercial) (BARROS, 2013, p. 178).

Já a Micro-história, de acordo com o autor, interessa ao historiador que pretende realizar uma redução na escala de observação, com a intenção de delimitar e explorar aspectos que em um estudo macro seriam desprezados. “[...] quando o historiador estuda uma pequena comunidade, ele não estuda através da pequena comunidade [...]” (BARROS, 2013, p.179).

Após apresentar os apontamentos historiográficos e os conceitos caros à pesquisa, tais como o conceito de região, a História Regional e a Micro-história, evidencia-se adiante a importância das bibliografias eleitas como bases e como fonte para o estudo, bem como seus respectivos autores, que evidenciaram a ampliação das representações historiográficas de cada período, com o intuito de render frutos

significativos para a área.

Este estudo tem sua estrutura composta por três capítulos. No primeiro, foi mostrado sobre a criação do MHC e suas primeiras ações educativas, por meio do confronto das entrevistas e dos relatórios de atividades produzidos na década de 1980. Neles foram analisados os registros das atividades, de modo que com os relatos pôde-se entender o porquê e como elas eram realizadas.

No segundo capítulo foi feita a identificação das alterações nas ações educativas durante as décadas de 1990 e 2000, assim como de seus reflexos nos relatórios de atividades, no que se refere ao avanço da temática indígena na região de Cambé, em decorrência da revelação do Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia e a sua ligação com a Missão Jesuítica San Joseph, que ocorreu entre 1625 e 1631. Nesse capítulo foram usadas as entrevistas e os relatórios de atividades desenvolvidos nesses períodos.

No terceiro e último capítulo, foi feito o mapeamento dos reflexos dessas mudanças e das diferenças de representações/desenvolvimento da temática indígena no MHC, desde sua fundação até o momento atual, e sua interferência no imaginário do seu público-alvo, que está registrado nos desenhos e redações dos alunos, no período compreendido entre 1980 a 1990 e 2019.

Até o momento, nenhum estudo acadêmico tratou de forma verticalizada a perspectiva aqui adotada em relação ao MHC. Dessa forma, o trabalho proposto teve como motivação mapear as mudanças dentro das atividades desenvolvidas dentro do MHC, seus reflexos na noção de patrimônio, história e memória do município em relação à presença indígena na região.

É preciso destacar que houve como motivação pessoal o estágio realizado, durante quase três anos, no âmbito da educação patrimonial no MHC. Através disso, pôde-se observar a falta de pesquisas e esclarecimentos dos processos realizados dentro da instituição ao longo de seus anos de funcionamento.

Com tal experiência, foi possível perceber esse novo contexto, no qual há a necessidade de valorização do patrimônio regional e um direcionamento nas discussões sobre a presença indígena na região, especificamente em relação ao reconhecimento do Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia na década de 1990, no qual se inclui o indígena e a descoberta da Missão Jesuítica San Joseph anunciada em 2011.

CAPÍTULO 1: A CRIAÇÃO DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ E SUAS AÇÕES EDUCATIVAS PATRIMONIAIS DE 1980

1.1 A ORALIDADE DENTRO DA PESQUISA HISTÓRICA

Levando em conta que as entrevistas aqui utilizadas foram realizadas pela autora, cabe discutir o papel do entrevistador e do entrevistado e esse jogo de mãos duplas. Assim, Portelli (1997) discorre que esses papéis são mais fluidos do que se considera à primeira vista e que há uma troca entre observado e observador.

Deve haver uma mutualidade estabelecida para que haja uma condição de comunicação menos distorcida e menos tendenciosa. Com isso, uma condição de igualdade deve ser estabelecida, mesmo que esta seja impossível de se alcançar por completo, de modo que haja consciência da necessidade de igualdade entre as partes para uma melhor abertura da comunicação.

Do mesmo modo que a hierarquia desigual de poder na sociedade cria barreiras entre pesquisadores e o conhecimento que buscam, o poder será uma questão central levantada, implícita ou explicitamente, em cada encontro entre o pesquisador e o informante. Acabar com o poder abertamente transforma uma entrevista de campo num experimento em igualdade (PORTELLI, 1997, p.10).

Quando se produz um testemunho, é necessário ter em mente com qual intuito ele será utilizado e também a maneira como será analisado (PORTELLI, 2010). Desse modo, é imprescindível fazer esse questionamento a posteriori para que a entrevista seja mais bem utilizada e produzida.

É preciso compreender que a análise dos relatos foi produzida com os objetivos específicos dos entrevistadores. Nesta pesquisa, os depoimentos foram utilizados com o objetivo de complementar e encontrar novos fatos, além dos identificados nos documentos escritos, deparando-se com os aspectos caros da utilização de fontes orais, bem como com as convergências e contrastes nos discursos e ideias, os não ditos em documentações consideradas oficiais e, conjuntamente, o confronto entre os relatos dos diversos indivíduos envolvidos no espaço que constitui o MHC, antes mesmo de sua existência e ao longo dela.

Inclusive, há de se ressaltar a relação pessoal estabelecida entre a entrevistadora e os entrevistados, pois já havia um conhecimento anterior à realização

das entrevistas, o que é um aspecto determinante para o sucesso ou fracasso destas.

Para adentrar nos depoimentos utilizando-os como fontes documentais, ressalta-se que não se tem certeza do fato, havendo somente o texto como evidência, assim: “o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro” (PORTELLI, 2010, p. 4). Dessa forma, há técnicas e procedimentos disponíveis e controláveis em certa medida, de modo que se possa estudar e analisar graças às elaborações feitas pela linguística, narrativa ou teoria da literatura. De acordo com Portelli (2010, p. 6):

As interrupções, digressões, repetições, correções que caracterizam a narração de Máuri são procedimentos constitutivos da oralidade, graças aos quais o discurso oral se apresenta mais como um processo do que como um texto acabado. Estes procedimentos da oralidade põem em evidência o trabalho da palavra, da memória, da consciência.

Com isso em mente, entra-se em discussão como se pode fazer com que as subjetividades de narradores específicos façam parte de uma subjetividade mais ampla, a qual o autor destaca como representatividade. Ele afirma que “a história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias.” (PORTELLI, 2010, p. 8).

Por conta disso, entende-se que a sociedade não é uniforme, parecendo-se mais com um mosaico em que cada indivíduo é diferente um do outro, mas ainda assim possuindo diversas coisas em comum e buscando tanto suas semelhanças como suas diferenças.

É uma representação do real mais difícil de gerir, porém parece-me ainda muito mais coerente, não só com o reconhecimento da subjetividade, mas também com a realidade objetiva dos fatos. (PORTELLI, 1996, p. 9).

1.2 OS RELATÓRIOS DE ATIVIDADES

Os relatórios de atividades presentes no arquivo são produzidos anualmente e depositados junto aos demais documentos administrativos do MHC (relatórios, fichas

catalográficas, arrolamentos) e mostram-se como um rico material passível de diversas análises. Vale mencionar que aqueles desenvolvidos entre os anos de 1985 a 2011 se encontram em sua maioria em formato físico, em páginas encadernadas.

Há cópias de relatórios em preto e branco de determinados anos, também físicas e encadernadas. Alguns deles, a partir de 2006 até os dias atuais, identificam-se apenas em formato digital e, em outros casos, analógicos. Observou-se que há fotografias separadas do corpo dos relatórios ou mesmo a ausência de certa quantidade delas. Todos esses documentos se encontram em bom estado de conservação, com exceções de algumas páginas que estão se desprendendo, e poucos possuem paginação.

As atividades entendidas como relevantes para o museu são organizadas por meio de tópicos e subtópicos ligados às ações elaboradas durante o ano a que se relacionam. Desta forma, há títulos e subtítulos que indicam o que ali está sendo apresentado ou representado. Também há nesses relatórios diversos suportes informacionais, como fotografias, tabelas e desenhos, além de outros que têm o objetivo de informar ao seu leitor tanto a visão dos funcionários quanto do público visitante das exposições e projetos ali realizados.

Esta pesquisa, em especial, foi realizada de forma livre, na qual foi possível registrar cópias em formato de fotografias dos relatórios físicos e aqueles em formato digital foram encaminhados via *e-mail*. É importante enfatizar que até o momento não se tem conhecimento de outras pesquisas acadêmicas realizadas com esse material.

Em sua maioria, a documentação é examinada somente pelos funcionários do MHC ou da Secretaria de Cultura de Cambé, ao qual faz parte, para buscar esclarecimentos de cunho informativo, procurando encontrar quais atividades foram feitas e qual seu respectivo período. A produção dos relatórios é feita com os objetivos de prestação de contas e de registros das atividades desenvolvidas durante o ano.

Pelo que se pôde notar, apenas em um ano – o de fundação da instituição – os relatórios foram produzidos semestralmente, assim como algumas edições menores com as atividades semanais foram feitas, porém, ao final do ano referente as informações foram reunidas a fim de se confeccionar o relatório anual.

A forma de produção é técnica e mantém padrões estéticos e normativos, mesmo que haja alterações conforme mudam as gestões públicas, no geral elas são padronizadas. Há uma variação significativa a partir dos anos 2000, com a digitalização desses relatórios, pois até a década de 1990 eles estão impressos. Somente um

relatório de 2000 e um do ano de 2005 estão impressos, sendo o restante, a partir desse período, encontrado em formato digital.

Há também sintetizações nas informações dos relatórios, eles passaram a ser mais concisos e a trazer documentações mais diretas e técnicas, com informações como quantidades de visitas, mencionando somente os títulos das exposições e atividades realizadas durante o período anual.

Refletindo sobre as modificações nos suportes de escrita – neste caso, do analógico para o digital –, pode-se compreender o que Roger Chartier (2010) diz sobre as constantes mutações ocorridas com as práticas da escrita por meio dos processos tecnológicos ou, em outras palavras, dos suportes digitais. Essa mudança se faz bastante presente na sociedade contemporânea e pode ser perceptível se for levado em consideração que o MHC decidiu substituir o suporte anterior pelo digital.

Verifica-se que, com essa alteração, a experiência da pesquisa no formato digital é diferenciada. A leitura realmente acaba se tornando descontínua, segmentada, “ligada mais ao fragmento do que à totalidade” (Chartier, 2010, p. 9). Há também uma dificuldade de manter uma “ordem do discurso”, porque quando o suporte material da escrita se modifica, seus modos de leitura também mudam. Essa transformação nos textos lidos para a realização desta pesquisa é a prova de tal constatação.

Em relação a esse fato, pode-se correlacionar a mudança dos funcionários com as tecnológicas, pois eles possuem formações díspares, experiências profissionais e acadêmicas, assim como as diversas peculiaridades ligadas aos indivíduos, mas principalmente ao seu diretor. Tal característica aparece ressaltada nas entrevistas do ex-diretor Cesar Cortez, da ex-funcionária Rosângela Alduan e do atual funcionário e responsável principal do MHC, Eduardo Pavinato.

Esses entrevistados declararam que os relatórios, em seu início, tinham como princípio, além do registro para futuras pesquisas sobre o próprio museu e a preservação de suas atividades, criar estratégias de sobrevivência da instituição, um modo de resistência, uma demonstração do motivo da existência e importância do museu na cidade.

Olha começou de uma maneira que (risos) sabe por quê?

Nos primeiros anos eu achava, que hoje eu sei que eu estava errado, mas na época eu achava que o museu podia ser extinto a qualquer momento. Era só entrar um prefeito que não gostasse e ele mandava: fecha aqui. Então a gente começou a fazer esse relatório e esse relatório era dirigido ao prefeito. Para ele ver as atividades que

estavam sendo feitas no museu. Então a gente fazia normalmente três, três edições. Uma ficava arquivada no museu, uma ia pro Secretário de Cultura e Educação na época e um pro Prefeito, justamente para valorizar o nosso trabalho, e deu certo. Hoje o museu, quer dizer, o museu acho que nunca correu o risco de ser fechado. Não sei, mas na minha cabeça, naquela época corria o risco. Era só entrar um prefeito que não quisesse e pronto. (CORTEZ, 2019).

1.3 AS AÇÕES EDUCATIVAS PATRIMONIAIS DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ NA DÉCADA DE 1980

A valorização da memória no Brasil na década de 1980, dentro da historiografia e das tendências – em consequência do processo de produção da Constituição Federal de 1988 –, fez com que novas instituições, abordagens e redirecionamentos fossem feitos na área museológica. Esse reconhecimento sobre a memória e identidade, juntamente com a valorização e importância do indígena para a memória do Brasil presentes em trabalhos de antropólogos e historiadores, a partir de meados da década de 1970 e 1980, são uma das causas do impulsionamento da criação do MHC.

O museu foi oficialmente fundado na data de 30 de outubro de 1985, na Rua França, em uma antiga casa alugada pela prefeitura para abrigar a sua sede, tendo como prerrogativa guardar e expor objetos e memórias dos fundadores da cidade. No ano de 1989, o museu passou a ser na Rua Otto Gaertner s/n, na região central do município, quando se finalizou a obra do chamado Centro Cultural, que abriga a Secretaria de Cultura, a biblioteca, o museu e salas de realizações de atividades artísticas e culturais no geral.

Na entrevista feita com o ex-diretor e fundador César Cortez⁴, foi relatada a falta de material de pesquisa sobre a história do município:

Eu fiquei com medo de fazer essa pesquisa e fazer texto sobre a história de Cambé. Aí eu comecei a fazer pesquisa, procurar publicações de livros né, mas não encontrei nada. Não tinha nada.

⁴César Cortez é nascido em Cambé, graduado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina. Tem formação como jornalista e é provisionado em Museologia, tendo registro como Museólogo. Fundador e Diretor do Museu Histórico de Cambé, a partir de 1985 - com pausa de alguns anos da década de 90, voltando ao posto até o início do ano de 2019, quando se aposentou. Fez levantamento de dados, documentação, fotografias, entrevistas e objetos para compor o acervo do MHC desde 1972, muito antes de haver o projeto de fundar um museu histórico no município. Informações colhidas de Cesar Cortez. Entrevistadora: Bruna Garcia Catarino. Entrevista concedida em 2019.

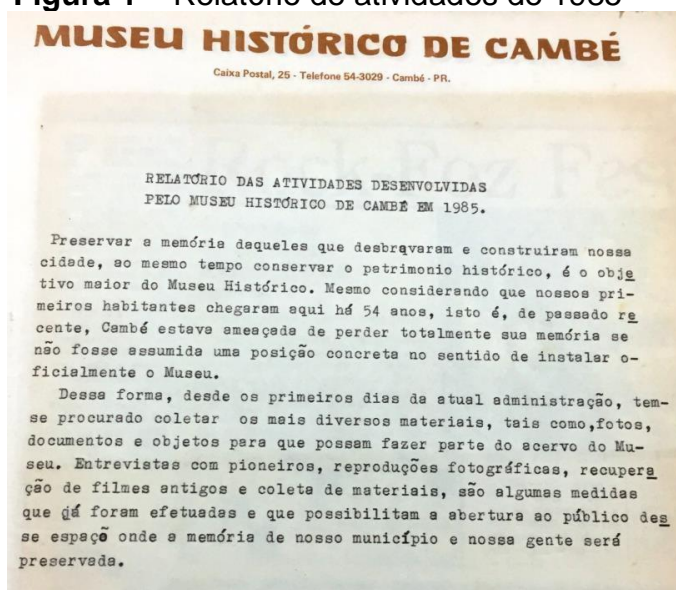
Era tudo muito difícil. Encontrei pouquíssimas, pouquíssimas coisas publicadas né. E aí eu parti para fazer... gravar depoimentos com pioneiros de pessoas que..., que eram testemunhas da história, que participaram da história. Não daqueles que ouviram falar que foi assim. Eram pessoas que fizeram a história, participaram né. Testemunha ocular da história, como se diz né (CORTEZ, 2019).

A realização dessa pesquisa citada na entrevista estimulou um trabalho inicial promovido por Cortez, o qual foi antecedido por atividades para a mobilização da comunidade cambense, propondo fazer entrevistas com pioneiros do município, recolher fotos, documentos, publicações e diversos objetos de interesse histórico, que desembocaram em doações de materiais indígenas – líticos e cerâmicos.

Verificou-se que, com a fundação do MHC, uma série de projetos e realizações concentrados em privilegiar os “pioneiros” foram colocados em pauta, como os Encontros de Pioneiros ou mesmo eventos de confraternização conforme registrado nos relatórios. Tem-se em destaque as edições das colunas “Memória Cultural” e “Projeto Memória” veiculados pelo jornal **Nossa Cidade** nas décadas de 1980 e 1990, desenvolvidas em parceria com o MHC, as quais retratavam a vida dos pioneiros na região no início da trajetória do município.

É interessante ressaltar que, nesse período, são sintomáticas as ações memorialísticas em toda a região, em relação a esses aspectos pioneirísticos e ao sentimento de perda dos indivíduos considerados pioneiros, que nesse momento começam a falecer, por isso as ações os envolvendo, como colocado no relato de Cortez nas entrevistas realizadas.

Figura 1 – Relatório de atividades de 1985

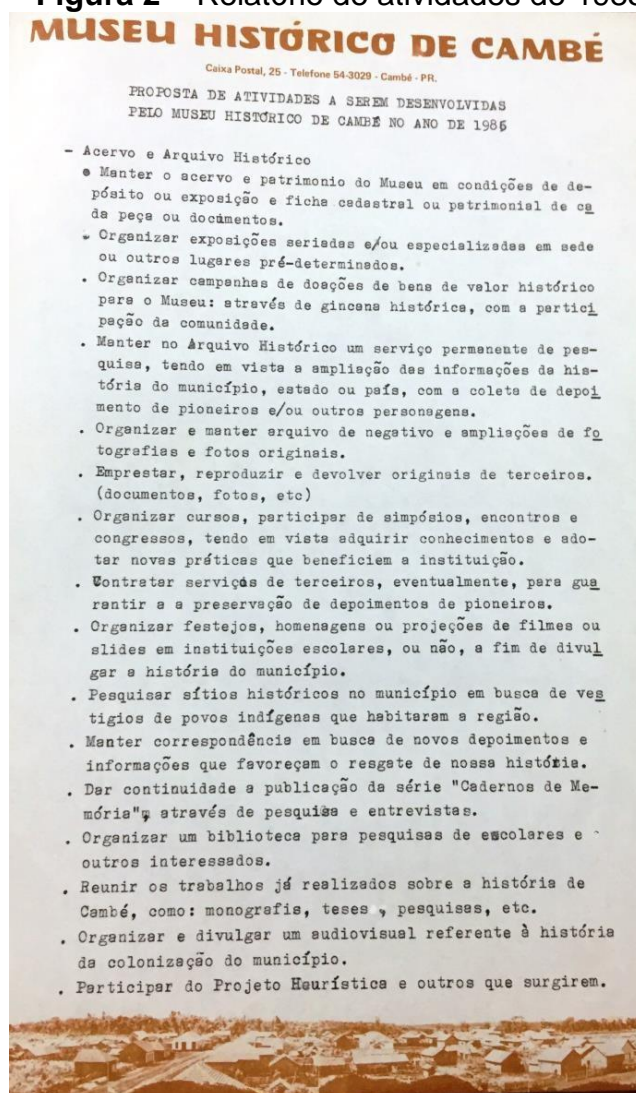


Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

As realizações feitas na área educativa do MHC aparecem desde o primeiro relatório de 1985, no entanto direcionadas em maior quantidade para as questões relacionadas aos pioneiros. Vários outros projetos veiculados pelo museu são possíveis de serem identificados nas fontes em razão dos registros ali feitos, os quais objetivavam alcançar, em sua maioria, estudantes do ensino público e privado do município e de toda a região, oferecendo palestras, oficinas, exposições, monitorias, entre outras atividades desenvolvidas.

Além disso, ao final dos relatórios era feita uma proposta das atividades que poderiam ser desenvolvidas no ano seguinte. Como se pode ver na Figura 2 do relatório de atividades de 1985, o nono tópico já falava sobre sítios arqueológicos de origem indígena.

Figura 2 – Relatório de atividades de 1985



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Nota-se que no relatório de 1987 fica explícito que as atividades educativas se tornaram uma característica relevante ao se analisar suas prioridades.

ÁREA EDUCATIVA

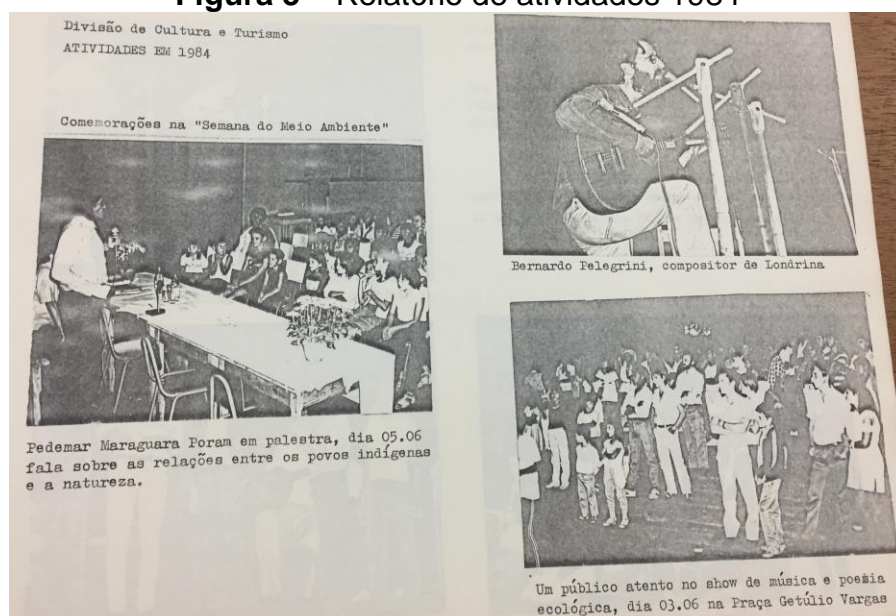
Nosso serviço Educativo e de atendimento à criança e ao jovem, tem por objetivo ensinar a ver o Museu a partir da relação com a vida e responsabilidade do jovem pela preservação da memória Cultural da sua comunidade.

Apesar dos poucos recursos que possuímos, tentamos realizar um pequeno trabalho que registramos com redações e desenhos que seguem em anexo. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1987).

Em visita técnica e de observação da rotina do espaço de 2017 a 2019, as outras atividades exercidas, até mesmo o atendimento e ajuda a pesquisadores, foram deixadas em segundo plano, para que o público visitante, sobretudo as escolas, fosse atendido com prioridade e integral atenção do mediador e/ou monitor. Nos relatórios, é possível enxergar que desde o princípio esta era a principal dedicação do MHC.

Nas análises dos relatórios existentes no arquivo, junto aos do MHC, identificou-se um relatório da Divisão de Cultura e Turismo de Cambé que em 5 de junho do ano de 1984 já se realizava uma palestra em comemoração à “Semana do Meio Ambiente” com o indígena Pedemar Maraguara Poram, falando “sobre as relações entre os povos indígenas e a natureza.” (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1984). Nesse período Cortez estava envolvido com as atividades realizadas por essa secretaria.

Figura 3 – Relatório de atividades 1984



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Em relação à temática dos povos indígenas no município, verificou-se que ela se faz presente no MHC desde a sua fundação. Porém, ela aparece de maneira tímida se comparada com a dedicação à questão dos pioneiros. No relatório de 1985 (Figura 4) tal assunto apenas é indicado nas futuras ações: “Pesquisar sítios históricos no município em busca de vestígios de povos indígenas que habitaram a região.” (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1985).

Além disso, o assunto é citado somente em uma reportagem do dia 27 de abril de 1985 no jornal **Nossa Cidade**, anexada ao relatório de atividade sobre a futura inauguração do museu, que já tinha em sua posse alguns objetos indígenas encontrados na região.

Figura 4 – Relatório de atividades de 1985



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

A existência de materiais indígenas na fundação do MHC também é relatada pelo fundador Cesar Cortez, quando questionado se no início das atividades, junto ao material histórico pertencente às famílias pioneiras, havia peças de cerâmica e líticas.

Nós já tínhamos... fomos... fomos conseguindo objetos indígenas e aí logo nos primeiros anos a gente fazia uma exposição indígena, assim muito pequena, muito acanhada, mas a gente já trazia estudantes, já tinha um certo interesse porque o nome Cambé também... também era oriundo de palavra indígena. Então a gente... a gente sempre teve essa ligação esse... essa preocupação (CORTEZ, 2019).

Em 1986, ano seguinte da fundação do MHC, e nos próximos dessa década, houve exposições de objetos indígenas originários das gincanas promovidas pelo museu em meio à comunidade cambeense, como a escolar, e de outros arrecadados ou comprados em municípios da região. Assim, nota-se que a entrada da temática indígena nas ações do museu, em particular, nas direcionadas ao público escolar, está inclusa desde o início, mas com menor atenção.

A temática indígena até então não se evidenciava verdadeiramente em meio a essas atividades, o que demonstra o silêncio imposto a essa cultura até o presente momento, assim como revela que o indígena, bem como suas práticas, costumes e particularidades, perpassou por diversos momentos de omissão impostas a ele.


A ação educativa inicial, em 1986, com a exposição de objetos indígenas realizada no mês de setembro, alcançou 484 visitantes, vindos em sua maior parcela do meio escolar municipal, segundo o relatório de atividades daquele ano. Além disso, durante a exposição era projetado para o público o filme **Ikatena – Vamos caçar**.

Figura 5 – Relatório de atividades de 1986

EXPOSIÇÕES ORGANIZADAS PELO MUSEU HISTÓRICO
DE CAMBÉ EM 1986.

1- Exposição de fotografias do Pe. Symphoriano Kopf. 01/86	15 visitantes
2- Exposição de fotografias do Pe. Symphoriano Kopf e lan- çamento do 3º Caderno de Memória. 08/86	608 visitantes
3- Exposição de objetos indígenas, alguns encontrados em Cambé. 09/86	484 visitantes
4- Exposição Gestos, Cores e Luzes do artista plástico João César Werner. 10/86	641 visitantes
5- Exposição de Cobras, organi- zada pela Pré-escola "Cogumelo" Uma integração Museu x Escola. 11/86	374 visitantes
6- Exposição de fotografias de Cambé. 12/86	16 visitantes

Museu Histórico de Cambé
Rua Holanda, 200 - Fone (0432) 54-3029 CEP 86180 Cambé - Paraná



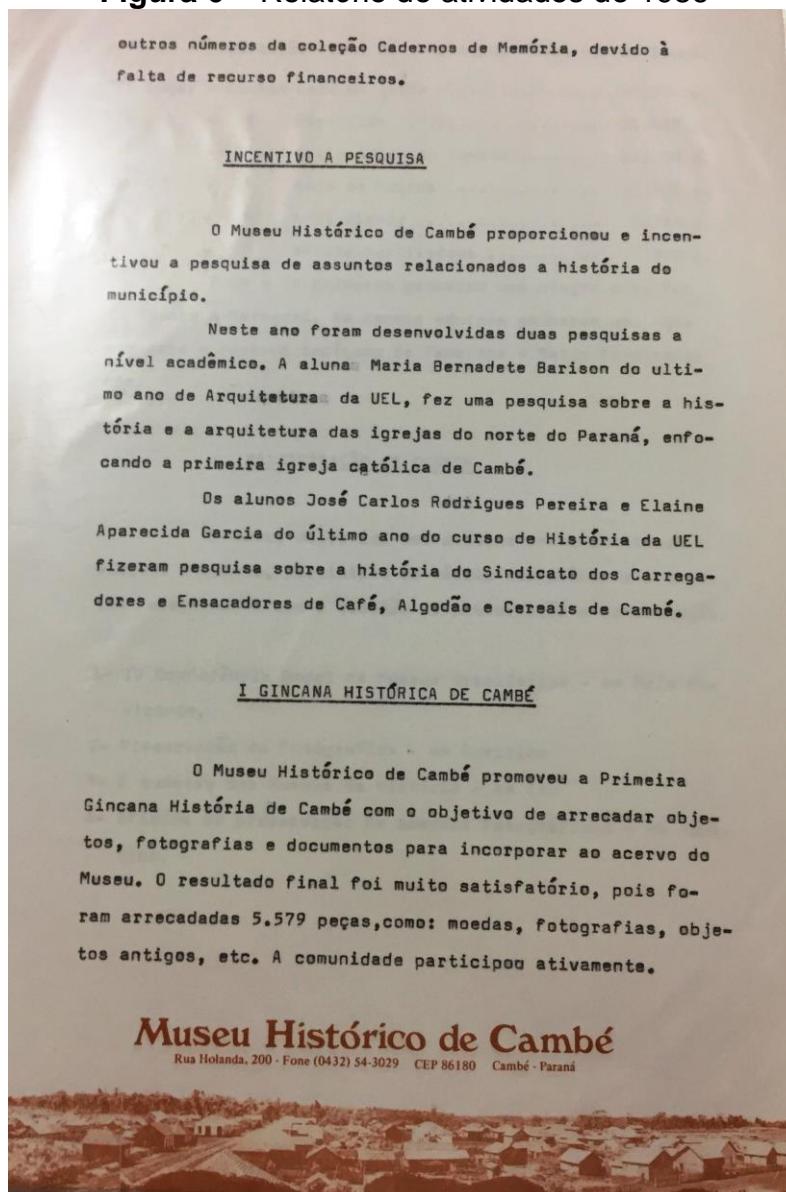
Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Para essa exposição, além dos poucos objetos já regulares no acervo, houve um levantamento de peças vindas principalmente da *Reserva Indígena de Tamarana*⁵, – como era denominada naquele momento – em maior porcentagem, além de alguns objetos coletados durante a execução das gincanas e vindos de doações

⁵“*Terra Indígena Apucarantina* totaliza 5.575 hectares localizados na bacia do Tibagi, na confluência dos rios Apucarana Grande ao sul e Apucarantina ao norte, a uma distância aproximada de 80 km do município de Londrina e a 25 km do município de Tamarana. A área está dividida em quatro aldeias: aldeia Sede, onde reside a maioria das famílias, aldeia Barreiro, aldeia Serrinha e a aldeia Água Branca, a mais recente, criada em 2011.” (MENEGUSSO, 2017, p. 131). Para mais informações sobre a Terra Indígena Apucarantina, consultar Menegusso e Maquieli Elisabete. **Da cerâmica arqueológica Itararé – Taquara à cestaria Kaingang**: um estudo a partir de uma perspectiva interdisciplinar sobre a trajetória Jê no baixo Tibagi, Paraná. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2017.

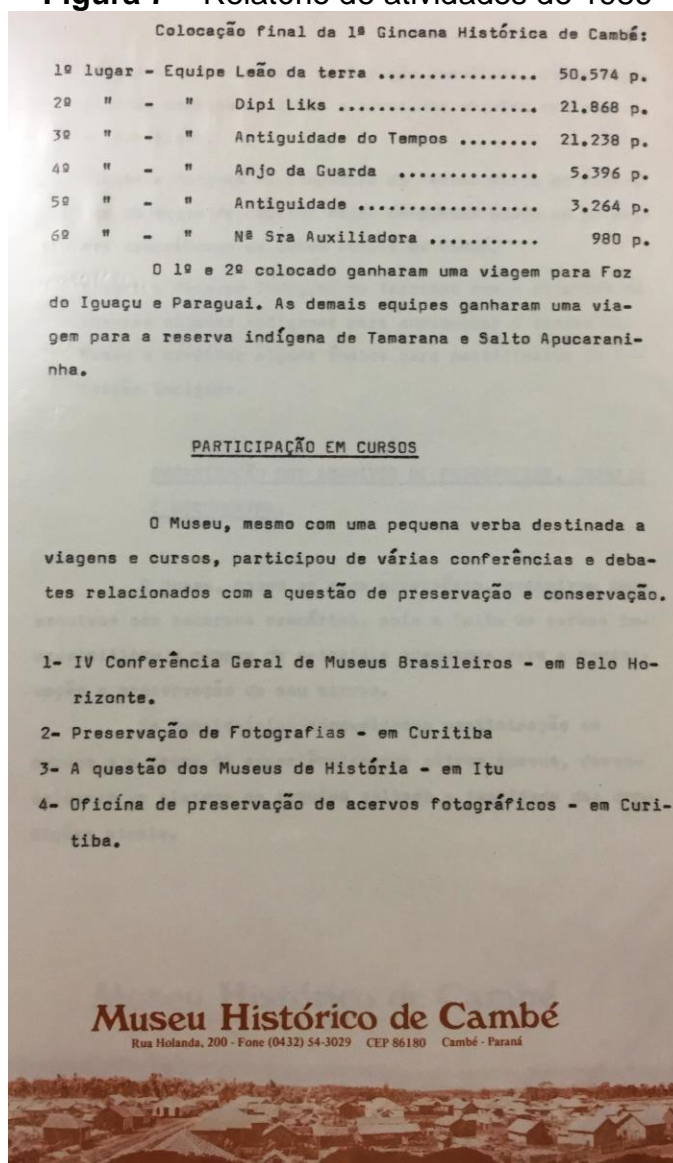
esporádicas. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DE 1986). Nesse mesmo ano ocorreu a I Gincana Histórica de Cambé, para a arrecadação de objetos históricos, como já explanado anteriormente.

Figura 6 – Relatório de atividades de 1986



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Figura 7 – Relatório de atividades de 1986



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

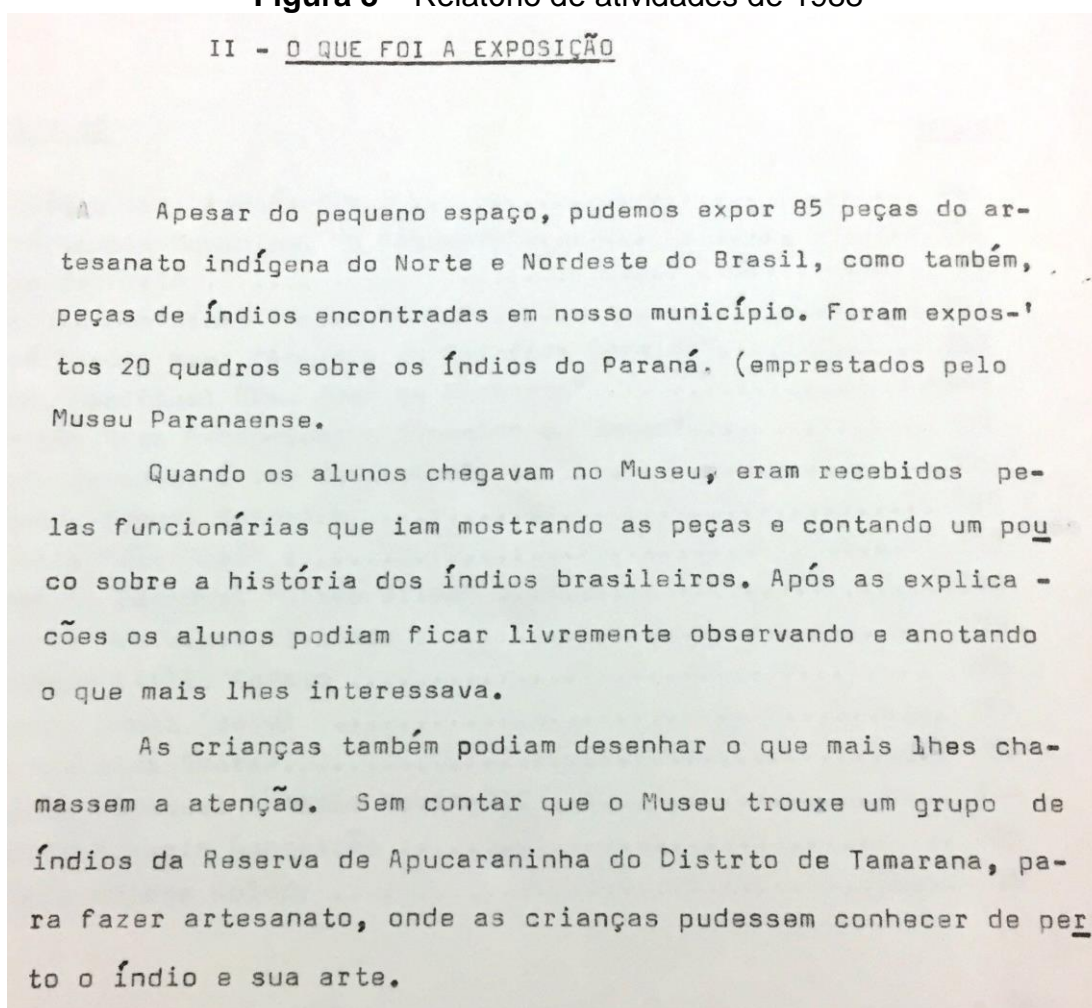
Também ocorreram viagens ao município de Santo Inácio⁶, a fim de conhecer a Missão Jesuítica, e à Reserva Indígena de Tamarana, para reconhecimento do local e arrecadação de objetos indígenas e jesuíticos, além de convidar os indígenas para participarem das futuras exposições que ocorreriam, conforme apresenta o relatório de atividades no tópico “Viagens de Pesquisa”, itens 1 e 3. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1986).

No ano de 1988 fica evidente como as ações educativas do MHC se voltaram para a referida temática com mais relevância. Foi possível verificar nos relatórios que a

⁶Sobre a Missão Jesuítica de Santo Inácio, ver: MOTA, Lúcio Tadeu (org.). **Redução Jesuítica de Santo Inácio**. Maringá: EDUEM, 2010.

exposição indígena realizada⁷ teve melhor planejamento e foi mais divulgada, inclusive em jornais da cidade. Além disso, foram realizadas pesquisas a fim de levantar informações e produzir materiais para aplicar com as crianças visitantes, assim como palestras nas escolas com o indígena Pedemar Maraguara Poram.

Figura 8 – Relatório de atividades de 1988



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

⁷Para saber mais sobre a exposição, consultar anexo E.

Figura 9 – Relatório de atividades de 1988

III - RELAÇÃO DAS ESCOLAS QUE VISITAM O MUSEU:

<u>ESCOLAS</u>	<u>ALUNOS</u>
Colégio Est. Andréa Nuzzi	156
Pré Escola Municipal "O Cogumelo".....	185
Guarda Mirim	25
Escola Municipal "Pedro Tkotz".....	151
Pré Escola Mun. "Antonio de Oliveira Geraldo".....	113
Esc. Municipal "Pe. José de Anchieta".....	446
Escola Para Excepcionais "Oswaldo de Jesus".....	51
Esc. Estadual Érico Veríssimo".....	275
Escola Manuel Bandeira	89
Escola "São José"	153
Colégio Estadual "Olavo Bilac"	110
Escola Municipal Alvorada	73
Colégio Atílio Codato	220
Escola Santa Izabel	273
Escola Ilda Soares.....	33
Escola Estadual Antônio Raminelli	314
Escola Roberto Conceição	450
Escola Helena Kolody	10
<u>TOTAL</u>	3.187
Comunidade:	250 Pessoas

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Nesse período, os indígenas do Aldeamento de Tamarana estavam presentes vendendo artesanatos produzidos no local (Figura 10). A exposição alcançou em dois meses o número de 3187 de visitantes de escolas públicas, além de 250 pessoas da comunidade. Abordar o indígena no museu – já que essa não era uma prática da maioria dos museus de municípios da região – seria uma resposta à preocupação que sempre habitou na instituição.

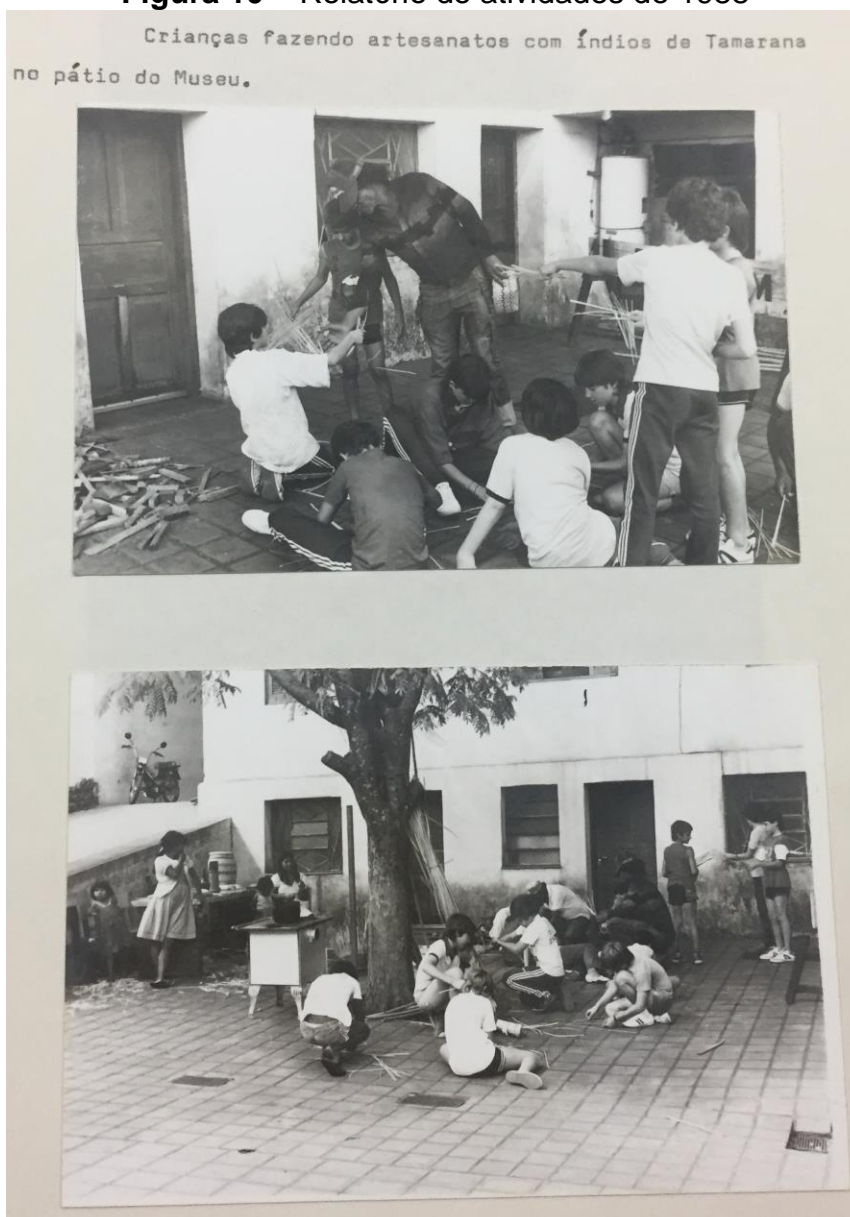
Então a gente sempre teve essa ligação..., essa preocupação. Mas conforme foi evoluindo a gente conseguiria trazer indígenas aqui da reserva do Apucarantina, ali em Tamarana. A gente trazia os indígenas e eles ficavam aqui no mês de abril confeccionando artesanato e a população podia comprar esse artesanato. E eles podiam assistir os indígenas fabricando esse artesanato, tendo contato com o indígena né? Porque nem todo mundo tinha contato com o povo indígena. Até as crianças às vezes tinha até um pouco

de receio. Isso há muitos anos atrás.

Então a gente começava trazendo indígenas, ficavam aqui. A gente levava o indígena que tinha um pouco mais de facilidade de explicar suas atividades lá na reserva, a gente levava nas escolas, professores traziam alunos e a coisa foi evoluindo.

E aí então as exposições indígenas aqui no Museu Histórico “ficou” sendo assim uma das maiores atividades que o museu realizava. Então ficou grande (CORTEZ, 2019).

Figura 10 – Relatório de atividades de 1988



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

As reivindicações desse momento foram consolidadas na Constituição de 1988 e, conseqüentemente, por um momento histórico que carrega consigo demandas ligadas às tentativas de respeito ao indígena e à sua organização

social, costumes, línguas, crenças e tradições. Este começo de mudança na ação educativa revela uma questão um pouco mais complexa, uma vez que demonstra um percurso sobre o olhar para a presença e a cultura indígena.

Maria Regina Celestino de Almeida (2010) afirma que os historiadores e antropólogos estavam realinhando a representação, bem como a análise dos povos indígenas nesse período, emergindo assim a reformulação de algumas teorias e conceitos para se pensar sobre as relações. Assim, a população indígena conquista o que a autora chama de “lugar no palco da história”, no momento em que eles:

[...] valorizam os diferentes significados das ações humanas para entender os processos históricos. [...] Reconhecem que as trajetórias históricas vividas pelos povos são importantes para uma compreensão mais ampla de suas culturas (ALMEIDA, 2010, p. 21).

Tais pontos já estavam presentes em pequena escala no acervo e exposição do MHC, assim como nas medidas adotadas, no entanto a sua intensificação foi perceptível no ano de 1988. Questionado sobre o porquê dessa prerrogativa dentro da instituição, Cortez afirma que:

A temática indígena era..., foi sempre... Eu sempre tive interesse nesse assunto. Desde a época que eu estudava na universidade a gente ia, tinha um grupo de estudantes que fazia parte do meu curso, e a gente ia periodicamente na Reserva Indígena Tamarana. A gente ia, fazia visita, ficava lá, tinha contato com os indígenas, desde a época que eu era estudante (CORTEZ, 2019).

Procurando confirmar a hipótese de uma influência com a alteração política do período, no aspecto de valorização da cultura e dos povos indígenas, ao ser questionado sobre essa questão, Cortez admitiu essa ligação e relatou que os processos estavam acontecendo em paralelo e que acredita que há sim tal influência.

Dessa maneira, compreende-se que na década de 1980 as temáticas envolvendo esses povos no MHC aparecem em voga, advindas do processo da Legislação de 1988. Diferentemente da década de 1990, em que a iniciação na memória, no acervo e na educação patrimonial e de uma narrativa da presença indígena aconteceu por meio dos vestígios arqueológicos do Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia.

Diante do exposto, as ações realizadas pelo MHC, sobretudo as de cunho

educativo patrimonial ao longo do seu tempo de atuação, permitem relatar essa transição das atividades com abordagens indígenas, que se mostram intensificadas a partir de 1988.

Esse período é importante em razão do início do processo que se estende até os dias atuais. Nesse momento final dos anos 1980, o MHC contava com um acervo pequeno e foi necessário buscar junto à comunidade novas peças para enriquecê-lo.

Inicialmente, pôde ser percebido nos relatórios de atividades de 1985 e 1986 que o MHC acabou seguindo a “lógica” do enaltecimento ao pioneiro, do pioneirismo e dos feitos da CTNP, como ressaltado anteriormente, sendo esta visão perpetuada e seguida durante anos, sofrendo pressão ao tentar ser desconstruída até os dias de hoje.

Porém, quase ao mesmo tempo e influenciados por essas frentes de mudanças historiográficas e de pesquisas, o MHC e seu corpo dirigente seguiram trazendo elementos da história e memória indígena, ainda que não tivessem praticamente quase nenhum elemento material regional, como relatado e identificado nas documentações dos relatórios de atividades do museu e nas entrevistas desenvolvidas.

Acredita-se que essas poucas peças cerâmicas e líticas do início do MHC foram consideradas corriqueiras, já que a existência de peças indígenas é comum em todo o território brasileiro, por conta da presença maciça dos diversos povos indígenas que aqui habitaram.

Por essa questão, possuir tais peças, independentemente do lugar, tornou-se uma prática comum nas instituições museais. A partir do momento do recorrente e acentuado encontro de materiais arqueológicos – junto às informações da comunidade de que ainda havia diversas peças na região rural – é que se percebeu a importância e a proporção desse tipo de acervo para o município.

Entender como a população cambeense se apropria das memórias fornecidas pela história é de enorme importância para esta dissertação. Da mesma forma, perceber quais são os caminhos que ainda devem ser percorridos, caso os objetivos estabelecidos pelas ações educativas patrimoniais ainda não sejam adequados, também se mostra pertinente para o trabalho da instituição, assim como para a comunidade e seu patrimônio.

CAPÍTULO 2: AS AÇÕES EDUCATIVAS PATRIMONIAIS REALIZADAS PELO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ (1990 – 2000)

Neste capítulo foi aplicada a mesma perspectiva de análise feita no capítulo 1, sobre as ações educativas patrimoniais e as atividades efetivadas no MHC, especialmente na década de 1990, com a descoberta do Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia, e em 2011, ano da revelação da Missão Jesuítica San Joseph.

Assim, foi possível conjecturar a existência de uma transição das atividades sobre a temática indígena por meio das ações do museu, principalmente as de cunho educativo patrimonial ao longo do seu tempo de atuação, as quais se intensificaram significativamente a partir da década de 1990.

2.1 (IN)VISIBILIDADE INDÍGENA: UMA DISPUTA DE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

Entender a ideia de memória que uma comunidade tem de si, do seu patrimônio material, cultural e reconhecimento das ocupações do espaço é considerável neste estudo, visto que o conhecimento de história que a população de determinado lugar tem está atrelado a essas referentes perspectivas.

A compreensão sobre o que é memória será trabalhada aqui a partir de uma perspectiva histórica e, para iniciar essa discussão, segue o que Bosi diz sobre isso: “A memória é a reserva que se dispõe da totalidade de nossas experiências” (BOSI, 1987, p. 13).

As diferentes maneiras de se organizar as memórias estão estreitamente imbricadas com elementos como as apreensões particulares, culturais, sociais e políticas, que demonstram, de acordo com Pollak (1992), que a memória é um fenômeno construído, de modo que a construção, em nível individual, diz respeito aos modos de construção que podem tanto ser conscientes como inconscientes.

Halbwachs (1990) salienta que os homens tecem suas memórias a partir das diversas maneiras de interagir com outros indivíduos e, como estes não mantêm contato em apenas um grupo, é possível construir diversas relações sociais. As memórias individuais vão expressar como resultado o caminho de cada um ao longo de sua vivência.

Já no que diz respeito às memórias coletivas, Pollak (1989) salienta que elas são:

[...] fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis (POLLAK, 1989, p. 7).

Esse recorte temporal feito nesta pesquisa é válido por se destacar graças a um processo que se mantém atualmente. Como visto no primeiro capítulo, nesse período da década de 1980, o MHC dispunha de um pequeno acervo, o que fez com que buscasse, com a colaboração da comunidade, novas peças para enriquecê-lo.

Conforme evidenciado anteriormente, as gincanas começaram no final da década de 1980 e incidiram algumas vezes ao longo dos primeiros anos de fundação da instituição. A primeira gincana histórica aconteceu em 1987, em que o museu conseguiu aproximadamente 3.000 mil peças. Já a segunda foi realizada em 1989, sem registrar no relatório quantos e quais objetos foram obtidos.

Inicialmente, o projeto tinha a perspectiva de obter peças relacionadas aos pioneiros e sua história, entretanto peças líticas e cerâmicas apareceram junto aos objetos de pioneiros e despertaram a atenção para a possibilidade de encontrar mais peças desse tipo.

A partir de então começaram as promoções das gincanas, desenvolvendo um projeto específico para a captação de peças indígenas, motivado também por doações já feitas anteriormente para o MHC pela comunidade, em específico pelo professor João Sabaini, e por outros professores e moradores da zona rural da cidade. O intuito da instituição era o de incentivar os habitantes em geral, com foco na parte rural do município.

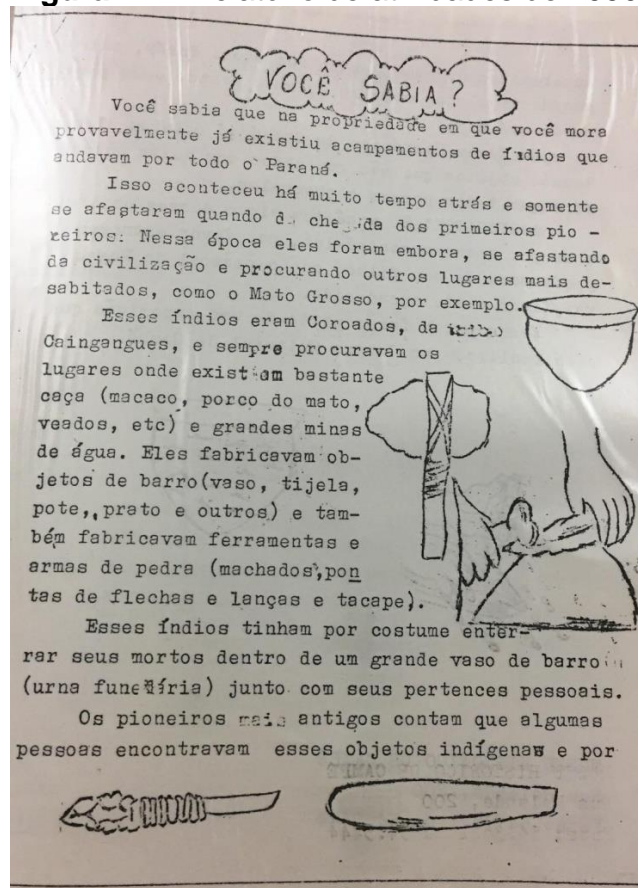
Nesse sentido, eram distribuídos folhetos para incentivar a população, objetivando que todos entendessem do que se tratavam esses objetos. Isso foi relatado nas entrevistas de Cortez e Alduan.

E nós achamos que a gente deveria fazer algum movimento pra

que esses objetos, invés de ser perdido na zona rural, pudesse vir para cá, para o museu. Para que a gente pudesse guardar aqui. Aí nós fizemos uma publicação e a secretaria de educação distribuiu para todas as escolas da rede rural, para os alunos e os alunos levaram para os pais, explicando que esses objetos que eram encontrados podiam trazer pro museu. Que seria importante... Aí começou aparecer da região..., de todas as regiões. Bratislava, do Caramuru, no 12 né. Mas isso foi..., foi 1990 (CORTEZ, 2019).

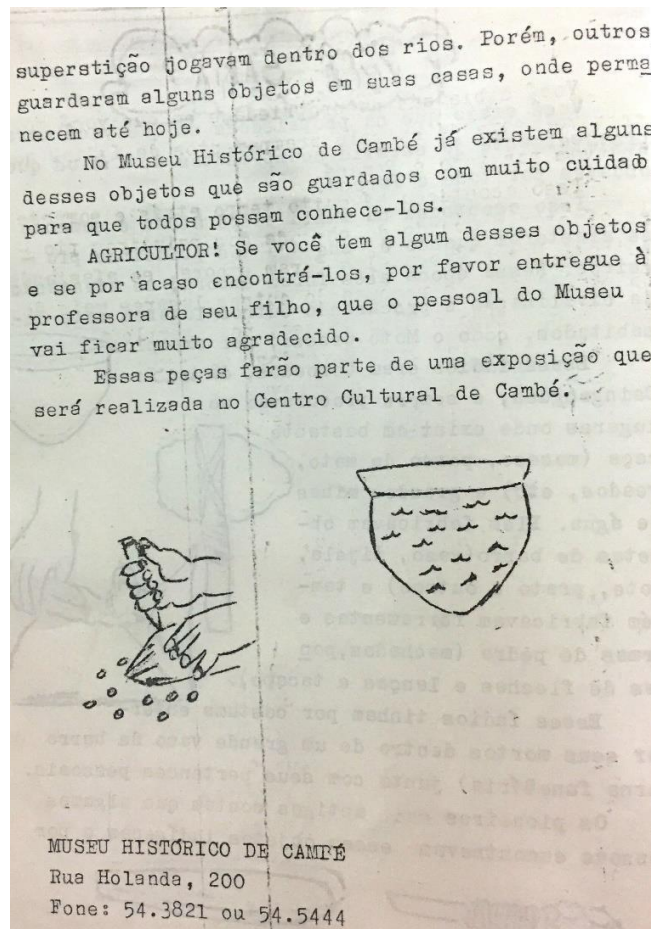
Quando a gente fazia entrevista, muitos pioneiros comentavam com a gente, mostravam objetos assim, a tal da pedra de Raio, né. Aí nós resolvemos fazer uma campanha junto às escolas rurais para ver se eles já tinham ouvido falar em pedra de Raio. Então nós fomos de escola em escola, com panfletinho, que a gente tem lá no museu um exemplo. A gente ia na escola, mostrava na escola para eles, falava sobre a pedra de Raio e se eles tivessem ouvido, para entrar em contato com o museu. Apareceu um monte de machadinha, você vê que bonitinho (ALDUAN, 2019).

Figura 11 – Relatório de atividades de 1990



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Figura 12 – Relatório de atividades de 1990



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

É interessante observar (Figura 11) o trecho do panfleto onde é relatado que o indígena estava presente no momento da chegada da frente pioneira.

Isso aconteceu há muito tempo atrás e somente **se afastaram [índios] quando da chegada dos primeiros pioneiros**. Nessa época eles foram embora, se afastando da civilização e procurando outros lugares mais desabitados, como o Mato Grosso, por exemplo. (PANFLETO ANEXADO AO RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1990, grifo nosso).

Aqui há alguns encontros e desencontros, trazendo à tona as questões que envolvem o vazio demográfico praticamente como a única visão sobre a história da região nesse período, tanto nos discursos gerais como nas produções bibliográficas produzidas.

A ideia do vazio demográfico tornou-se presença constante em publicações ao longo dos anos, denominando as terras ocupadas por indígenas, como terras devolutas e desabitadas, abordando a ocupação do norte do Paraná por meio da ideia do desenvolvimento causado pelo plantio do café nas terras roxas da região, onde o colonizador representa o progresso e a civilização (MENEGUSSO, 2017, p. 119).

A tônica desse processo começou se alterar somente por volta da metade da década de 1990, onde surgiram pesquisas que trazem o indígena para “palco da história” no norte do Paraná, como mostram os trabalhos de Tommasino (1995), Tomazi (1997), Mota (2008), Lima (2014), entre outros contemporâneos. Mesmo com essas pesquisas destacadas reformulando as análises, o discurso do vazio demográfico não ficou no passado.

[...] este silenciamento parece estender-se até os dias atuais, mesmo com os dados da arqueologia, antropologia e história que comprovam a presença de grupos indígenas na região desde muito tempo antes da chegada dos colonizadores europeus (MENEGUSSO, 2017, p. 120).

Para entender como esse discurso se estende até os dias atuais, é possível encontrá-lo na fala de Cortez, quando perguntado como os imigrantes relatavam sobre as terras e o indígena no norte do Paraná.

Os indígenas como uma nação, um grupo étnico bem constituído, já não existia mais quando os pioneiros chegaram. Então eles não tiveram contato [...] eles ouviam falar “aqui tinha um caminho de índio.”, “Aqui era assim e tal”, “Ouvi falar que aqui tinha uma aldeia indígena e tal”. Mas essa informação direta do pioneiro com contato com o indígena aqui no nosso município não havia. Nunca houve. (CORTEZ, 2019).

Para fazer essa afirmação ele se pautou nos relatos dos pioneiros e nas entrevistas por ele realizadas, tomando como oficiais os escritos de George Craig Smith, Gordon Fox Rule, os próprios escritos produzidos posteriormente pela CTNP, entre outros. Outro ponto a se destacar é que Cortez faz parte de uma família de pioneiros e da comunidade que vivenciou esse discurso e memória, distorcidos e produzidos pela CTNP, onde se criou a ideia de um vazio demográfico a ser ocupado pela colonização pioneira, um vazio criado pela expulsão ou eliminação das

populações indígenas que, desse modo, são colocadas à margem da história. (MOTA, 2008, p. 25).

Smith e Rule participaram diretamente do processo imobiliário empreendido e eram agentes diretos da CTNP e do seu discurso. Então, como explanado anteriormente, é importante lembrar que:

Isso se deve ao fato de que no século XX, a historiografia paranaense foi projetada a partir da história oficial das companhias colonizadoras e das falas do pioneirismo, que geraram os discursos do progresso e do espaço vazio de terra produtiva, que estava pronta para ser ocupada e colonizada. Colonização esta, que segundo tais discursos, ocorreu de forma harmoniosa e pacífica, uma vez que, segundo tal versão, os povos indígenas não existiam e quando existiam, tinham papéis secundários, praticamente ausentes, onde seu destino era desaparecer na medida em que a sociedade envolvente se expandia (MENEGUSSO, 2017, p.111).

O fenômeno das construções conscientes e inconscientes da memória coletiva e individual encontra-se intrinsecamente presente naquele momento, como apresentado a posteriori nas afirmações de Pollak (1989, 1992) e Halbwachs (1990). A respeito disso, Alberti (2006) contribui para a discussão ao mostrar que quando se analisa as distorções da memória há um entendimento mais acertado dos valores e ações coletivas de grupos específicos. Isso se torna possível:

[...] porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias e das pessoas e dos grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História Oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (ALBERTI, 2006, p. 167).

Todavia, esse mesmo questionamento, quando feito para Alduan, que atuou como funcionária do MHC nessa mesma época e depois como professora de História no município, teve como resposta outra perspectiva:

Ou perguntava se eles [pioneiros] já tinham visto índios, mas eles não tiveram nenhum contato. E foi aquilo que eu falei, a Companhia só comprou o norte do Paraná a partir do momento que o estado limpou entre aspas a terra. Não deixou nem posseiro e nem índio, então os pioneiros que vieram não tiveram nenhum contato com o índio, nenhum. (ALDUAN, 2019).

Pode-se levar em consideração a experiência estudantil e profissional na área educacional de Alduan para entender a motivação que a leva a não reproduzir o discurso construído pela CTNP, já que, como visto, apenas a partir da década de 1990 novas pesquisas foram realizadas trazendo outro olhar sobre esse assunto que, de certo modo, atingiu os indivíduos participantes desse processo. Assim, como professora que realiza pesquisas para dar aulas, acredita-se que esse novo olhar e atualizações constantes influenciaram em como sua narrativa se constituiu.

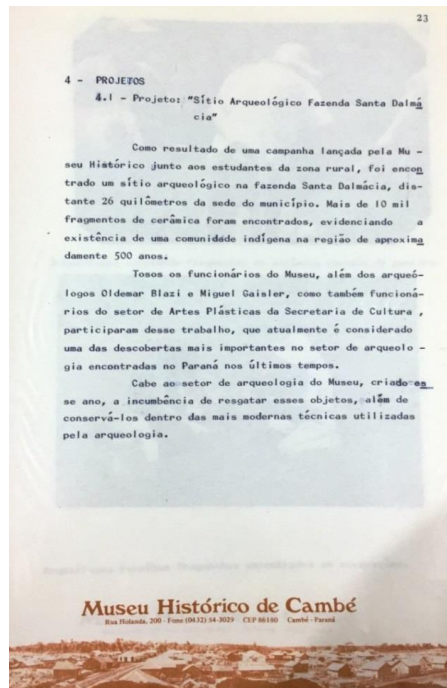
A propósito, a produção do panfleto aqui antes exibido (Figuras 11 e 12) e de outros encontrados ao longo dos relatórios, no geral, era feita pelas funcionárias, Rosangela Alduan com formação em Ciências Sociais, Elaine Aparecida Garcia formada em História e Liberaci Pascuetto formada em Comunicação Social. Todas, naquele momento eram recentemente graduadas e também possuíam a Formação de Docentes, dado que antes de serem funcionárias do MHC elas atuavam como professora da rede municipal.

Assim sendo, considera-se que essa formação ainda estava em desenvolvimento. A procura de material e pesquisas para fundamentar e saber como informar o público e a comunidade em geral é referida nas entrevistas e por isso foi possível verificar essa influência dentro das ações do MHC.

No que concerne ao projeto de captação de peças, verifica-se que ele foi bem empreendido e diversos fragmentos, recipientes de cerâmica e peças líticas foram conseguidas. Após esse primeiro momento, foi iniciado um projeto de campo, de caráter investigativo, pelos arqueólogos Miguel Gaissler e Oldemar Blasi, nomeado como Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia, onde foram desenvolvidas escavações e identificadas diversas peças e fragmentos, inclusive inteiras.

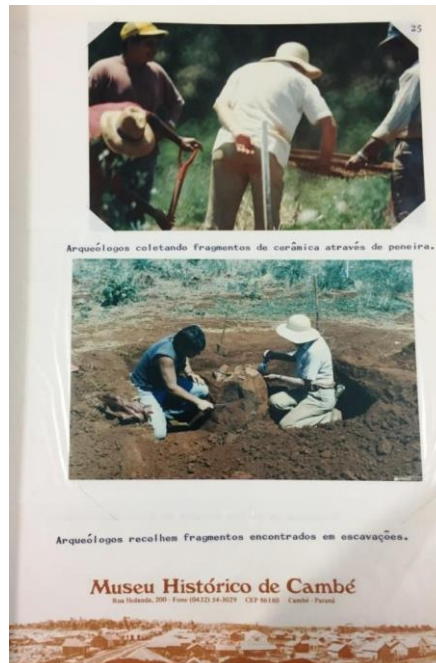
A partir desta campanha, iniciou-se um trabalho de investigação arqueológica na região do Km 12, da Estrada da Prata, que ficou sob responsabilidade dos arqueólogos Oldemar Blasi e Miguel Gaissler, resultando no “Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia”, com características tupi-guarani, mostrando uma área de ocupação ampla em curto espaço de tempo (CAMBÉ, 1992, p. 19).

Figura 13 – Relatório de atividades de 1990



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Figura 14 – Relatório de Atividades de 1990



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Nesse mesmo ano, o MHC mudou de local e passou a ter sua sede dentro do recém-construído Centro Cultural de Cambé, localizado na Rua Otto Gaertner s/n, na região central do município. Com demanda por conta dos objetos arqueológicos de cerâmicas e líticos, e por obter condições espaciais, foi instalada uma sala

específica para as exposições arqueológicas, exclusivamente as do município. Juntamente aos objetos foram criados cartuns mostrando as atividades do cotidiano indígena. A descrição do objetivo dessa sala é a de informar especificamente sobre a cultura guarani, como apresenta o relatório de atividades de 1990.

Figura 15 – Relatório de atividades de 1990



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Ainda no ano de 1990 foi elaborado o projeto “Arqueologia vai à escola”, cujo objetivo era abordar com as crianças a Pré-História do município, a fim de que elas passassem a conhecer e valorizá-la com raciocínio crítico (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1990).

O projeto foi concebido em um primeiro momento com alunos da Escola Rural Municipal Fazenda Santa Dalmácia e a justificativa de sua escolha foi justamente o projeto de pesquisa arqueológico desenvolvido ali.

Durante a efetivação dessa atividade, materiais de apoio explicando os aspectos sobre a arqueologia eram entregues às crianças durante as monitorias. Eles eram produzidos pelos funcionários do MHC, com apoio do setor de Artes Plásticas da Secretaria Municipal de Cultura. Considerando essa postura no que se refere à participação dos alunos no projeto e às peças arqueológicas, Scifoni ressalta que:

A educação não pode ser vista como produto ou como sinônimo de divulgação de informações, mas como um processo em que se busca criar uma nova relação entre os moradores e o seu patrimônio e, neste sentido, os folhetos e cartilhas se tornam instrumentos efetivos quando concebidos como parte de um processo educativo, não como produto em si mesmo (SCIFONI, 2015, p. 198).

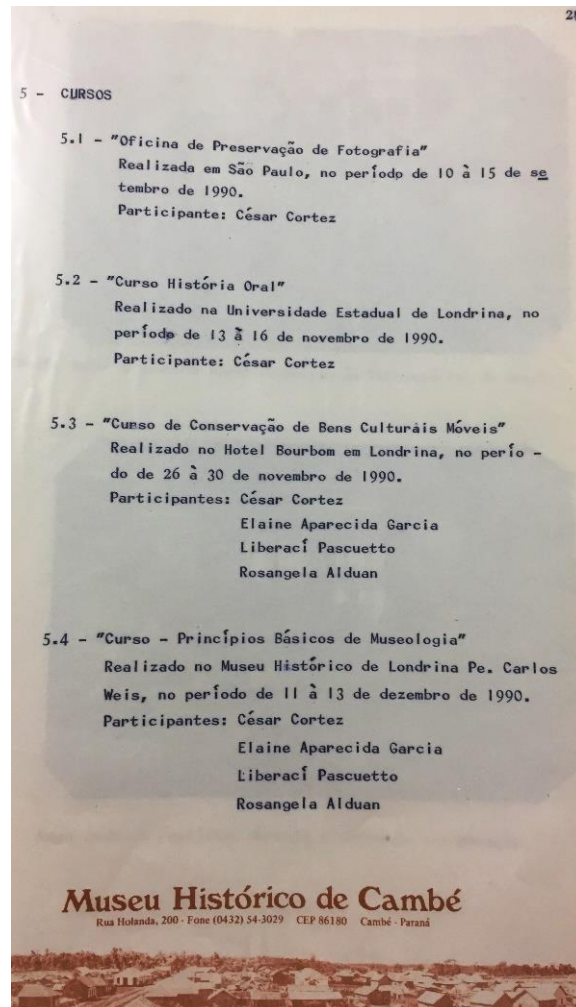
Em um segundo momento, foram apresentadas as atividades realizadas com as crianças para a então museóloga do Museu Antropológico da USP, a professora Maria Cristina Bruno⁸, que ministrou o curso “Princípios da Museologia” no Museu Histórico de Londrina (MHL) e esteve em visita ao MHC.

Tanto nos relatórios como nas entrevistas, observa-se que as formações continuadas realizadas, como as palestras e os cursos ocorridos em outras instituições⁹ e no MHC, eram oportunidades para fazer especializações em diferenciadas temáticas, que favoreciam o trabalho efetuado dentro da instituição. Então, procurava-se aperfeiçoar os conhecimentos antes de realizar atividades e projetos.

⁸ Maria Cristina Bruno foi responsável pela exposição que se encontra no MHL, fruto de atividades de revitalização da instituição, também datada no final dos anos 1990. Pode-se inferir que as ações do MHC e do MHL devam ter inspirações decorrentes dessa inferência da museóloga em ambas as instituições.

⁹ Seria interessante comparar a realidade do MHC com outros museus, mas como não houve tempo hábil, deve-se ter, pelo menos, como referência espacial e museológica a experiência do MHL. Mesmo não sendo este o objetivo com esta pesquisa, fica manifesto aqui que há interesse em outras realidades institucionais e nacionais e que em uma próxima oportunidade há a intenção de se aprofundar nessa questão.

Figura 16 – Relatório de atividades de 1990



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

A gente tentou montar, ainda existe no museu, uma... uma pequena bibliotecazinha específica sobre esse tema. Então aonde a gente tinha conhecimento que tinha publicação a respeito desse assunto, a gente procurava obter essas publicações, e todos os... todos os seminários, palestras que tinha a respeito desse assunto, pelo menos um funcionário do museu a gente mandava e depois ele passava essas informações, então a gente procurou fazer isso. Mas sempre com muita dificuldade, porque a gente tá numa posição aonde a cultura não tem assim muita importância no organograma da prefeitura, infelizmente, né. E o museu se valia dessas coisas né, então um período a gente conseguia desenvolver mais o tema, em outros menos. Mas a gente procurou preservar, pelo menos, preservar esse material, essas informações. É o que nós pudemos fazer (CORTEZ, 2019).

No ano de 1990 o relatório de atividades demonstrou que houve 4532 visitas, 141 doações, 14 exposições e 20 pesquisas realizadas no MHC. Entre 1991 e 1993, um projeto de pesquisa envolvendo os alunos dos cursos de Artes e *Design* da

Universidade Estadual de Londrina – UEL, coordenado pela professora Maria Sherlowski, a arqueóloga Dra. Cláudia Inês Parellada do Museu Paranaense e com a colaboração do professor Dr. Carlos Appoloni, assim como coordenador do Laboratório de Física Nuclear da UEL, produziu estudos mais aprofundados, com a finalidade de identificar melhor os materiais recuperados por Blaisi e Gaissler.

Com esses levantamentos foi possível desenvolver um material com dados prévios, nomeado como **Publicações Avulsas** e publicado pelo MHC, tendo os arqueólogos responsáveis pela pesquisa inicial e a descoberta do Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia (BLASI; GAISSLER, 1991).

No mês de abril, devido ao Dia do Índio, ocorreram duas exposições, a Exposição Indígena na sala de exposições temporária e a Exposição do Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia. Esta última foi aproveitada para fazer homenagens ao professor João Sabaini, por suas contribuições em relação às peças arqueológicas, e à família do Dr. Landulfo Mendes de Souza, pelo apoio dado durante as pesquisas na Fazenda Santa Dalmácia.

Figura 17 – relatório de atividades de 1990



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Nos primeiros anos da década de 1990 houve uma ebulição das temáticas indígena e arqueológica, decorrente do aumento de objetos e pesquisas em torno desta última. Já práticas relacionadas à temática “pioneiros” e outros aspectos históricos, ambientais e assuntos diversos que poderiam entrar nas discussões culturais do município eram tratadas juntamente pelo MHC.

Adentrando ao ano de 1992, foi possível observar logo na introdução do relatório que havia uma nova perspectiva sobre o trabalho efetuado nas monitorias das exposições:

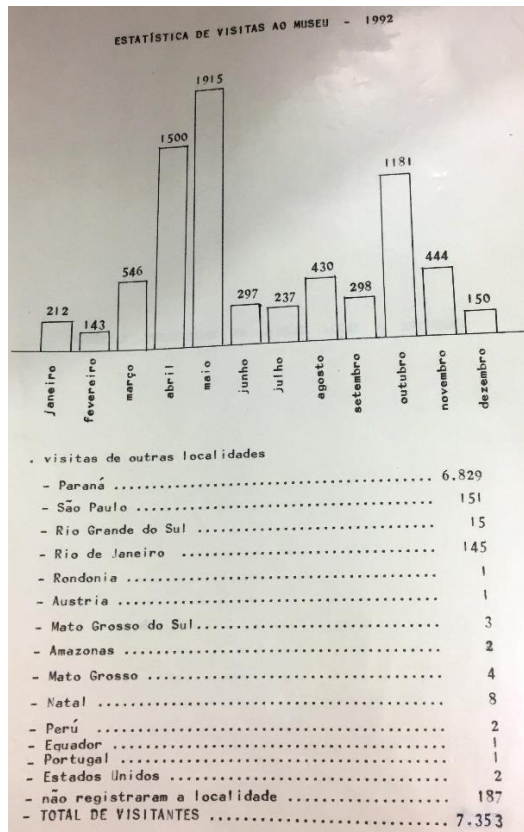
Sendo a educação um dos principais objetivos do Museu, iniciou-se neste ano o projeto de monitoria, que vem atender uma nova proposta de museologia, que objetiva uma atuação responsável, engajada diretamente no processo educacional, compreendendo um espaço didático do momento presente e a reflexão crítica de ações futuras. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1992).

É evidente nas fotografias que registraram a montagem da exposição indígena que houve uma ampliação e um número maior de objetos. Nela foram atendidos 2241 alunos de escolas diversas do município e 1182 visitantes da comunidade, como descrito no relatório. No total foram 3423 pessoas que participaram.

Estão anexados ao relatório de atividades de 1992 o projeto de monitoria planejado com o material aplicado aos alunos e o resultado desse trabalho. Esse projeto e os materiais produzidos foram analisados no capítulo seguinte.

A seguir, é possível ver as estatísticas das visitas ocorridas ao MHC durante todo o ano de 1992. São expressivas as visitas nos meses de abril e maio, em que ocorreram as duas exposições citadas acima, e no mês de outubro, quando ocorreu o projeto piloto de monitoria.

Figura 18 – Relatório de atividades de 1990



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Em 1993 o projeto de monitoria teve continuidade, sendo nomeado como “Cambé – Repensando sua História”, e atendeu entre os meses de abril e maio 495 alunos da 3ª série do 1º grau (atualmente 2º ano do Ensino Fundamental I). É interessante informar que com as pesquisas realizadas pelos funcionários do MHC e com o cumprimento de um primeiro projeto piloto de monitoria em 1992, foi possível elaborar a publicação de um livro de mesmo título (CAMBÉ, 1992).

O museu parece que deu uma despertada para esse lado, porque a gente sempre foi na história de Cambé. Tanto que a gente fez até o livro lá, "Cambé repensando a sua história", nós que fomos atrás da pesquisa, publicamos tudo, né. Porque o foco era a história de Cambé, que até então cada um falava uma coisa, até o nome de Cambé pareceu Água da Aliança que não tem nenhum documento comprovando. Então tinha muito **mito na história**. A gente precisava focar nessa parte, dos pioneiros na história de Cambé. Aí quando a gente fez essa campanha aí da pré-história, aí começaram a surgir peças, daí a gente foi lá para esse lado da pré-história do município. **Então deu uma despertada, essa é a palavra eu acho. Despertou para o lado da arqueologia** (ALDUAN, 2019, grifo nosso).

Uma nova exposição foi efetuada em outubro e novembro, denominada Aspectos de Colonização de Cambé, com um total de 565 visitantes, e ao final do mês de outubro o VIII Encontro de Pioneiros voltou a ocorrer. Dois cursos de extensão foram oferecidos à comunidade, o curso Arqueologia Paranaense, ministrado pela arqueóloga Claudia Inês Parellada, com a participação de 41 pessoas, e o curso Patrimônio Cultural, ministrado por José Luis Lautert, contando com 60 participantes.

Em parceria com o Inventário e Proteção ao Acervo Cultural (IPAC) da UEL, os projetos “Os signos de Nova Dantzig e a memória coletiva de Cambé” e “Resgate histórico cultural das Edificações do município de Cambé” foram realizados. No total foram 4036 visitantes ao MHC e, como no ano anterior, com maior público entre os meses de abril e maio, e entre outubro e novembro. Verifica-se que houve uma redução em relação ao ano de 1992, mas percebe-se que as atuações internas foram superiores.

No ano de 1994 a introdução do relatório descreveu que as atividades foram voltadas para a pesquisa em documentações e entrevistas com pioneiros, objetivando a ampliação das informações sobre a colonização de Cambé. Em abril ocorreu a exposição indígena com um público visitante de 3160 pessoas e contou com a participação de Pedemar M. Poran nas atividades. Foi organizada outra exposição denominada Trabalho Imigrante, com um público bem menor, de 457 visitantes.

Ainda em 1994 foram iniciadas as pesquisas em relação ao projeto de criação do Parque Histórico *Danziger Hof*¹⁰. Nesse ano o MHC obteve um público total de 5869 visitantes, tendo os meses de março e abril maior frequência. Isso se deve a exposição indígena realizada nesse período, no qual as escolas são mais presentes e procuram visitas monitoradas.

Em 1995 o relatório registrou que a exposição indígena daquele ano teve menor período de realização (17/04/1995 a 30/04/1995) e alcançou o número de

¹⁰“A importância da hospedaria *Danziger Hof*, considerada a célula inicial de Cambé, antiga Nova Dantzig, é atestada pela instalação do Parque Histórico *Danziger Hof*, cuja finalidade é preservar o patrimônio histórico e ecológico do município para as futuras gerações e, ao mesmo tempo, resgatar a memória dos imigrantes que fundaram Cambé.” (CORTEZ, 2012, p. 93). Para mais informações, pesquisar em: CORTEZ, Edna Scalón. **Danziger Hof: a hospedaria dos danziguenses em Cambé.** Cambé: Gráfica Objetiva, 2012.

2091 visitantes. De 30 de outubro a 24 de novembro, o MHC expôs as cerâmicas indígenas de Cambé dentro da Exposição de Arte Pré-Histórica do Brasil, realizada no Auditório do Museu Histórico Pe. Carlos Weiss em Londrina (MHL).

Figura 19 – Anexo do relatório de atividades de 1995



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Figura 20 – Anexo do relatório de atividades de 1995

HISTÓRICO SOBRE A EXPOSIÇÃO

A mostra temporária, ARTE PRÉ-HISTÓRICA DO BRASIL, é composta por peças em cerâmica do Museu Histórico de Cambé, utilizadas pelo homem pré-histórico paranaense de origem Tupi Guarani, há 2.000 anos atrás. Previsto para a duração de 25 dias, esta exposição ocupa parte do espaço da antiga Estação Ferroviária, que abriga o Museu Histórico Padre Carlos Weiss, da Universidade Estadual de Londrina.

A exibição permanente de vídeos e o painel iconográfico, acompanhado de textos pesquisados pelos alunos do 1º e 2º anos de Licenciatura em Ed. Artística da UEL, que estão em presença do homem em território brasileiro, há pelo menos 40.000 anos e mostram arte rupestre e artefatos criados pela mão humana em vários pontos do país.

Prof. Ana Maria Araújo
coordenadora da exposição

Para visitas orientadas, marcar previamente pelo fone: 323-0082.

ABERTURA: 31 de outubro de 1995, terça-feira às 18:00Hrs.

DURAÇÃO: 30/10/95 à 24/11/95.

HORÁRIO: diariamente das 8:30 às 11:30Hrs. 14:00 às 17:30Hrs.

LOCAL: Auditório do Museu Histórico Padre Carlos Weiss
Rua: Benjamin Constant, 900 Londrina - PR.

CICLO DE PALESTRAS

31/10/95 - às 19:00Hrs.: **ARTE PRÉ-HISTÓRICA DO PARANÁ**, pela arqueóloga Cláudia Parelhada, do Museu Paranaense.

13/11/95 - às 19:00Hrs.: **TÉCNICAS NUCLEARES NÃO DESTRUTIVAS APLICADAS NO ESTUDO DE OBJETOS ARQUEOLÓGICOS**, pelo professor de física nuclear Carlos Roberto Apolônio, da Universidade Estadual de Londrina.

24/11/95 - às 19:00Hrs.: **ARTE PRÉ-HISTÓRICA DO BRASIL**, pela professora de arqueologia Marisa Coutinho Afonso, da USP.

LOCALIZE-SE

- ⊕ MULTIMÍDIA: Shows de imagens sobre a coleção de peças do Museu de Cambé.
- * ESPAÇO VÍDEO: Projeção de vídeos relacionados com a exposição.
- ⊕ CENTRO DE REFERÊNCIA: Consulta bibliográfica, 20 títulos.
- ✖ MOSTRA ICONOGRÁFICA: Reproduções de pictógrafos, petroglifos, artefatos líticos, objetos de cerâmica, acompanhados de textos.
- ◆ LOJA DA EXPOSIÇÃO: Espaço destinado à venda de artigos da FUNAI.
- ◇ AUDITÓRIO: Espaço destinado às palestras.

Peças de Cambé

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

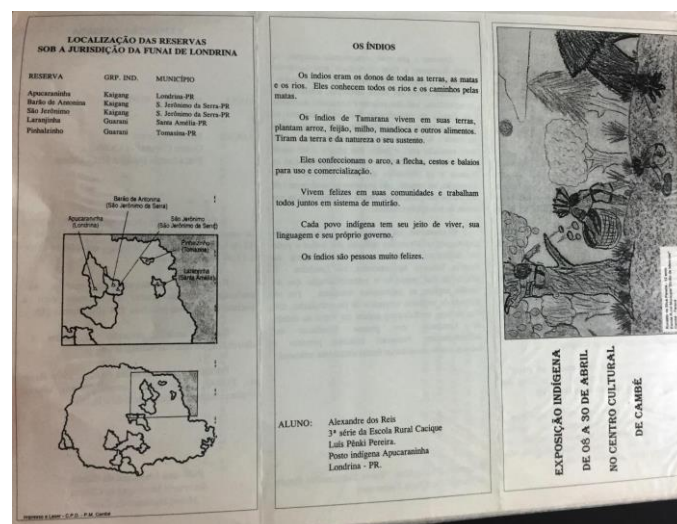
No dia 21 de maio de 1995 foi assinada a Lei de Criação do Parque Histórico *Danziger Hof*¹¹ e sua inauguração aconteceu em 15 de novembro do mesmo ano. No cartaz de apresentação sobre o parque são usadas as palavras “imigrante” e “colonização” em vez de “pioneiro”. No total o MHC alcançou a marca de 4348 visitantes, tendo o mês de abril mais visitas.

Em 1996 a exposição indígena foi realizada do dia 8 a 30 de abril com um número total de 3858 visitantes. O panfleto de divulgação apresenta um desenho e um texto realizados por alunos do município. É interessante observar (Figura 21) quais são os elementos e as formas com os quais essas crianças representaram os indígenas.

O estereótipo presente é marcante na forma do desenho e nos elementos constituintes do que se entende por “o que é ser índio”. No entanto, esse assunto foi trabalhado no capítulo seguinte, analisando outras atividades.

Há também um mapa mostrando onde se localizam as reservas que estão sob a jurisdição da FUNAI de Londrina. Dentro, o panfleto apresenta um texto sobre os indígenas no Paraná, no qual foi referenciado o trabalho de Kimiye Tommasino (Figura 22).

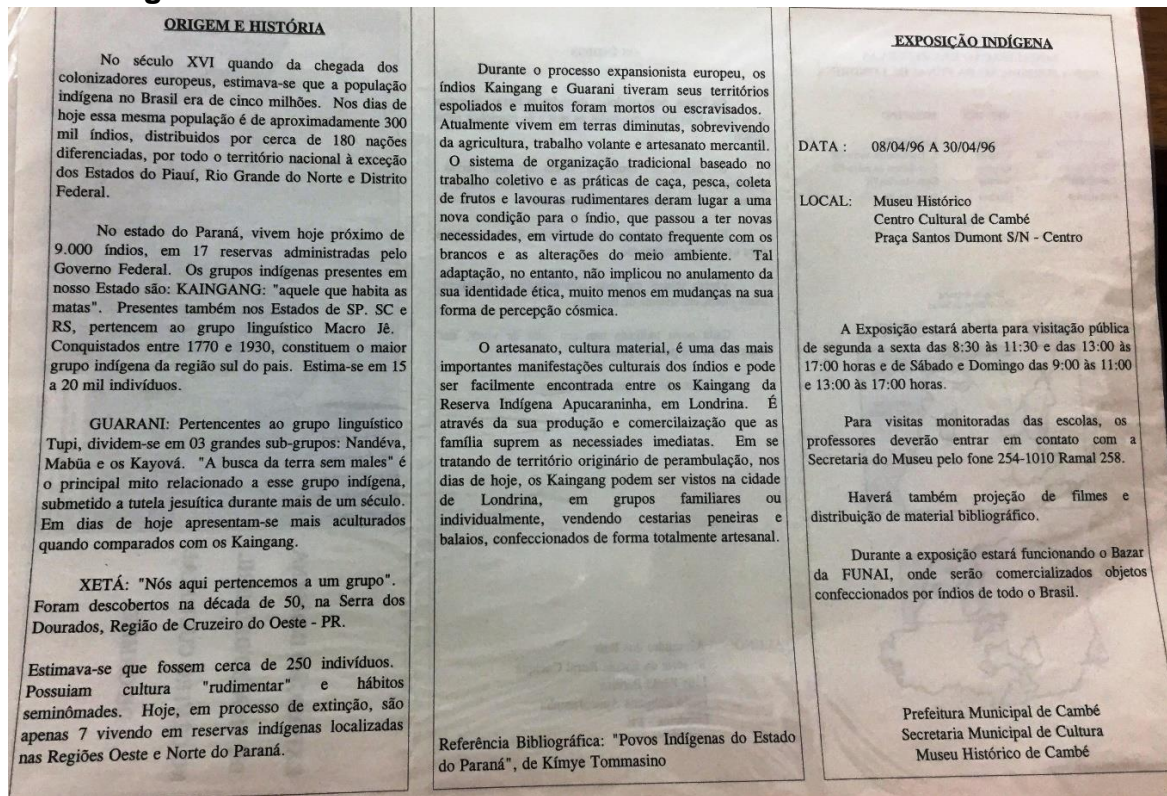
Figura 21 – Anexo do relatório de atividades de 1996



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

¹¹ O local onde está instalado o Parque Histórico Municipal *Danziger Hof* abrange uma parte da área da antiga Colônia *Neu Danzig*, onde foi construída pela CTNP uma hospedaria, que ficou pronta em janeiro de 1932. Foi denominada pelos colonos de *Danziger Hof*, fazendo alusão ao melhor hotel da Cidade Livre de Danzig. O alojamento se localizava próximo à margem direita do Córrego São Domingos, uma construção rústica de árvores de pinho e palmito, revestida de tábuas rachadas e coberta de tabuinhas, tendo anexo um depósito de mantimentos e cozinha.

Figura 22 – Anexo do relatório de atividades de 1996



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

No ano de 1997 a exposição indígena foi realizada de 14 a 30 de abril, com um público reduzido, totalizando em 1967 visitantes. Neste mesmo ano uma exposição itinerante de fotografias sobre a colonização foi realizada em algumas escolas do município.

Geralmente, no final dos relatórios se encontram anexadas matérias jornalísticas em que o MHC e suas atividades foram tema. Uma matéria do jornal **Folha de Londrina** sobre a arqueologia do município e o Parque Histórico *Danziger Hof* se destaca.

O entrevistado que forneceu informações foi Eduardo Roberto Pavinato, que naquele momento era funcionário do MHC. Na matéria, ele afirma que, com a chegada dos primeiros imigrantes, Cambé não se constituía de um imenso vazio demográfico e isso se justificava pelos vestígios arqueológicos encontrados no município.

A matéria não se aprofunda no assunto, contudo é pertinente observar que a opinião ali exprimida registra a narrativa empregada, indo além dos documentos oficiais da instituição, e revela as perspectivas singulares dos indivíduos que

constituem o corpo atuante do MHC, já que esses aspectos são influentes nas relações estabelecidas dentro das ações e atividades museais, principalmente nas de cunho educativo.

Outra relação que pode ser feita encontra-se no panfleto produzido no mesmo ano, o qual referencia Tommasino. Naquela mesma época, ocorreu a defesa da tese de seu doutoramento, na qual uma das problemáticas levantadas era justamente sobre o vazio demográfico da região norte do Paraná.

Figura 23 – Anexo do relatório de atividades de 1997

4 Sábado, 11 de outubro de 1997

FOIHA ESPECIAL Emp. Jorn. Folha de Londrina

SÍTIO ARQUEOLÓGICO

Fragmentos revelam presença guarani

Peças encontradas por acaso e através de escavações mostram que a tribo já ocupada a região há 400 anos

Benê Bianchi

Londrina

Antes da chegada dos primeiros imigrantes, a região onde hoje é Cambé não se constituía num imenso vazio demográfico. A afirmação é do historiador e funcionário do Museu Histórico da cidade, Eduardo Roberto Pavinato. Vestígios de que uma comunidade indígena habitava a região levaram o Museu a desencadear uma ampla campanha em 1990, envolvendo toda a população, pedindo para que peças de cerâmica encontradas fossem entregues ao Museu.

Os moradores, principalmente os da zona rural, foram essenciais para o sucesso da campanha. "Eles chegavam ao Museu com sacos de peças de cerâmica", relata Eduardo. As peças vinham de várias regiões do município, mas os funcionários do Museu notaram que a maior quantidade era originária da Fazenda Dalmácia. Diante das evidências, dois arqueólogos, Oldemar Blasi e Miguel Gaisner, foram chamados de Curitiba para fazer escavações na fazenda, onde realmente foi constatada a existência de um sítio arqueológico.

Fragmentos "A descoberta enriqueceu a história de Cambé", constata Eduardo Pavinato. Foi verificado que no sítio viveu uma comunidade expressiva de índios guarani, embora toda a extensão do município tenha abrigado integrantes dessa tribo. Ao todo, foram encontrados mais de 2 mil fragmentos de cerâmica e material lítico (pedra polida). Até recentemente, um operário da construção civil encontrou uma pedra em forma de machadinho, quando trabalhava na fundação de uma residência.

Pelas conclusões dos estudos no sítio arqueológico da Fazenda Dalmácia, constatou-se que a comunidade guarani viveu ali há pelo menos 400 anos — não foi possível se estabelecer uma data precisa por falta de análises químico-físicas mais exatas. Entre as conclusões, estão as que a comunidade vivia da agricultura (plantava uma espécie de milho roxo, mandioca, amendoim); e que, a partir de 1952, passou de quatro a seis anos no mesmo lugar.

Todos os fragmentos encontrados na Fazenda Dalmácia foram catalogados. Muitos estavam em pedações, mas foi possível encontrar peças inteiras, que estão expostas no Museu Histórico.



Eduardo Pavinato, do Museu Histórico: pessoas chegavam com sacos de peças de cerâmica

HOMENAGEM

Pensão tinha apelido de hotel famoso

Quando os imigrantes chegavam em Nova Dantzig, instalavam-se na hospedaria construída pela Companhia de Terras, até que levantassem seus ranchos nas propriedades adquiridas. O estabelecimento foi logo apelidado por eles próprios de Danziger Hof, uma referência ao nome de um hotel sofisticado que existia na terra natal dos pioneiros, e que significava pátio ou quintal de Dantzig.

A pensão era uma grande construção de madeira, que desapareceu provavelmente em 1952. Foi vendida pela CTNP por volta de 1933 para Ricardo Noske, que tocou o negócio até 1940, passando-o para Gunther Hans Flatau, que a dirigiu até 1952. Ficava numa área de 89.951 metros quadrados, transformada no Parque Histórico Municipal Danziger Hof em 1995 para se tornar, além de uma área de lazer para Cambé e região, um pedacinho da cidade que conta um pouco da história de sua colonização.

O Parque fica no início da estrada de Cambé-Bratislava, às margens do Córrego São Domingos. Lá ainda se pode encontrar alguns exemplares de cajurana, angico, canela, amoreira, guatambu e aroeira branca, exuberantes árvores da região. A prefeitura dispõe de um projeto de restauração da mata original derrubada, com o plantio de espécies nativas.

No Parque Histórico foi reconstruída uma casa comprida de pioneiros de Bratislava, e a intenção é edificar também uma réplica da hospedaria. O projeto, que levanta detalhes da construção junto a pioneiros, também prevê a abertura de trilhas na mata, para visitação de turistas. (B-)

Projeto prevê uma réplica do local onde ficaram os pioneiros



Entrada do Parque Danziger Hof, memória preservada

Calçadão: urbanismo

FICHA

População: 80.854
 Área: 481 km²
 Emancipação: 11 de outubro de 1947
 Localização: 350 km a Norte de Curitiba
 Altitude: 600 metros
 Ligações de água: 19.301
 Ligações telefônicas: 23.410
 Terminais telefônicos: 6.458
 Bancos: 7
 Veículos: 13.618
 Produtores rurais: 743
 Produção agrícola: 137 mil toneladas
 Criações (suínos, bovinos): 780 toneladas
 Comércio: 1.064
 Indústria: 309
 Escolas estaduais: 15
 Escolas municipais: 20
 Alunos: 20 mil
 Postos de saúde: 11
 Hospitais: 4
 Mortalidade infantil: 12,5/1.000 nascimentos
 Padroeiro: Santo Antônio (dia 13 de junho)

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Em 1998 foi possível identificar mudanças no âmbito estético da produção do

relatório, já que este passou a ser produzido digitalmente para logo ser impresso. Na introdução é possível também notar modificações no texto em que apresenta “(...) o Museu como um espaço dinâmico que possibilite conhecer o passado e formar uma consciência crítica do presente” (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1998).

Novas alterações na exposição indígena ocorreram e foi firmado um convênio com o Museu do Índio, do Rio de Janeiro, expondo, além das já conhecidas peças do acervo, fotografias de crianças Mbya da Aldeia Sapucaí, da cidade de Angra dos Reis. Essa exposição também foi exibida no calçadão central da cidade.

Nos anos anteriores da década de 1990, não foi citado outro tradicional evento realizado pelo MHC, a princípio ocorrido nos primeiros anos de sua existência, o Encontro de Pioneiros, que no ano de 1998 estava em sua 13ª edição, contando com 400 pessoas participantes. Ao final do relatório desse ano, registrou-se o total de 2699 visitantes. O MHL também realizava esse evento com os pioneiros de Londrina, onde ele foi instituído como tradição dentro da instituição durante alguns anos.

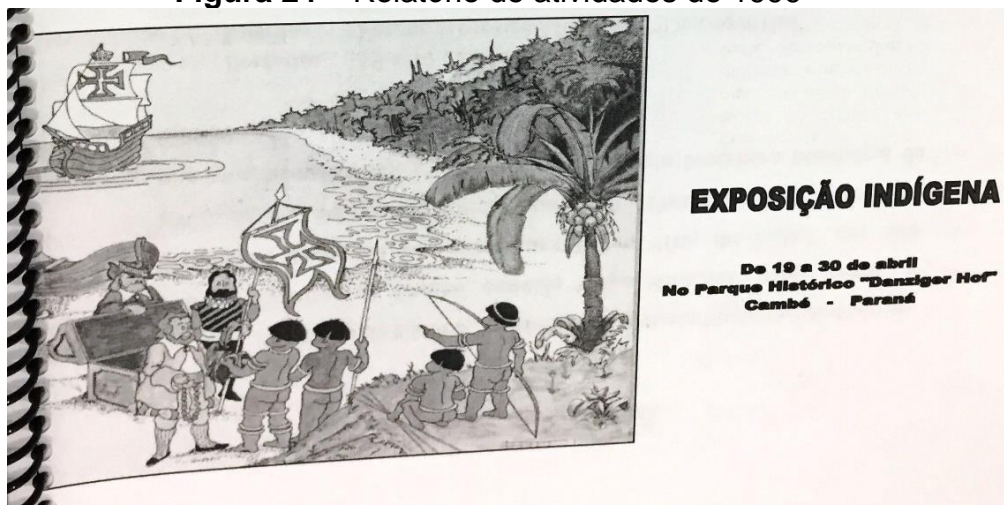
Em 1999 verificou-se a troca na direção do MHC, em que Pavinato, que anteriormente era funcionário, passou a ser responsável pela instituição. Com isso, alterações significativas ocorreram em diversos sentidos dentro do museu.

A começar pela exposição indígena, que nesse ano foi realizada no Parque Histórico *Danziger Hof*, novos elementos passaram a ser expostos, como algumas fotografias do cotidiano da Reserva Indígena do Apucarantina, a realização de passeios pelas trilhas do local, o plantio de árvores, oficinas de modelagem e pintura em argila e reproduções de músicas indígenas.

Naquele momento, o atendimento de monitoria era realizado por estagiários, que eram alunos do Ensino Médio de duas escolas da cidade. Graças às divulgações e muitas visitas solicitadas, foi necessário prorrogar o período de realização em 15 dias. No total, 3200 pessoas participaram das visitas.

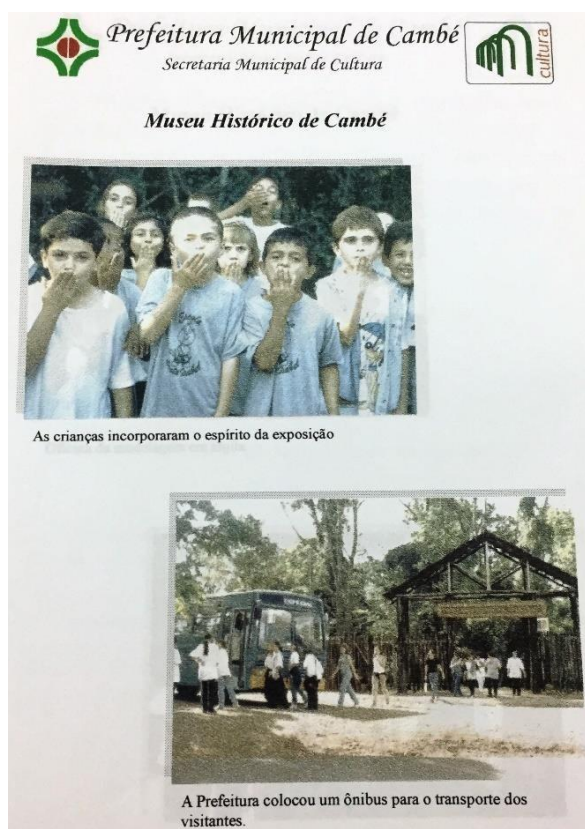
Em registro feito em fotografias anexadas ao relatório, demonstrando escolares participantes dessa exposição, identificou-se novamente a estereotipação dos indígenas, presente tanto nos elementos da fotografia quanto da legenda (Figura 25). No cartaz de divulgação, a ilustração sobre a “chegada” dos portugueses ao Brasil é ilustrada com um desenho um tanto quanto estereotipado também.

Figura 24 – Relatório de atividades de 1999



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Figura 25 – Relatório de atividades de 1999



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

O projeto de monitorias voltou a ser exercido, no entanto elas eram realizadas também com estagiárias do Ensino Médio e coordenadas pelos funcionários do

MHC, que atenderam 548 alunos. No ano de 2000, com os eventos em torno do aniversário de 500 anos do Brasil, o museu promoveu uma exposição denominada Brasil 500 anos.

Durante o segundo ano da exposição indígena realizada no parque histórico, igualmente foi encontrada a estereotipação em registro fotográfico de visitantes. Nesse, mulheres estão vestidas “a caráter”, como descreve a legenda, e revelam-se características atribuídas ao indígena, como cocares, apitos e roupas.

Figura 26 – Relatório de atividades de 2000



Museu Histórico de Cambé



Grupo alegria de viver. Visitaram a exposição, vestidas a caráter.
Foto: Eduardo Pavinato

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Entre os anos de 2001 a 2004, não foram encontradas nenhuma referência à temática indígena ou qualquer atividade específica em torno disso. Em 2001 todas as atividades efetivadas pelo MHC foram voltadas para o tema “pioneiro”. Em 2002 o relatório mostrou que várias exposições temáticas foram organizadas nas escolas com material do acervo, entretanto não descreveu quais foram elas.

Em 2003 foram desenvolvidos dois projetos denominados “Cadernos de Memória”, que naquele ano foi publicado sobre a Família Tkotz, e “Brava Gente Italiana”. Os dois eram voltados aos pioneiros do município. Em 2004 percebeu-se

que muitos trabalhos internos com a documentação foram desenvolvidos.

Nesses primeiros anos da década de 2000, não há referências ao indígena nem à arqueologia, os quais foram aspectos bem marcantes nas décadas anteriores. Nos anos finais da década de 1990 e início dos anos 2000, houve a troca de direção da instituição e de funcionários que realizavam e colocavam em prática os projetos ali realizados.

Essas modificações se concretizaram nessas ações em razão das escolhas feitas, das prioridades dadas dentro da instituição, dos significados, vozes e silêncios que estiveram em proeminência. É significativo perceber que, além das exposições e ações promovidas pelas intuições museais, os agentes ativos nelas podem exprimir, cada um, sua característica sobre determinado conteúdo.

A engrenagem museal é movida por dois pilares principais, a preservação e a comunicação. A partir deles, outros processos interferem no ciclo por que passam os objetos, desde sua transformação em objeto museológico até ter a sua visibilidade pública por meio da exposição. (LEME, 2013, p. 178).

Sobre os porquês dessas ações realizadas, não foi possível ter acesso direto para saber, visto que os relatórios não trazem as motivações dessas escolhas e seleções.

Nas entrevistas com os funcionários, todos relataram a prática de algumas formações rápidas, além da graduação ligada, em sua maioria, à licenciatura em História, mas sem algo mais aprofundado de quais papéis os museus têm na sociedade. Assim como relata Júnia Sales Pereira, essas são características muito comuns dentro das instituições museais, principalmente em suas ações educativas.

Muitas vezes alheios ao percurso, montagem e organização das exposições e das propostas dos Museus, os “guias” recebiam instruções a respeito de como executar visitas monitoradas, como atender escolas e como orientar o público durante o percurso (PEREIRA, 2008, p. 2).

Constatou-se que essa é a maneira como os estagiários se preparam para as monitorias atualmente. No geral, eles se informam com o pouco material que o MHC possui e com instruções de estagiários e de funcionários que anteriormente faziam

os atendimentos.

Nem sempre são propositais a escolha de se destacar o pioneiro ou o indígena, mas considerando a questão dos poderes estabelecidos nesse local onde se encontra o MHC, se não houver atenção para esse aspecto, pressões sociais e tradicionais sempre marcarão presença.

Os setores dominantes não só definem quais bens são superiores e merecem ser conservados, mas também dispõem dos meios econômicos e intelectuais, tempo de trabalho e de ócio, para imprimir a esses bens maior qualidade e refinamento. Consagram-se como superiores certos bairros, objetos e saberes, porque estes foram gerados pelos grupos dominantes, ou porque tais grupos contam a informação e formação necessárias para compreendê-los e apreciá-los, ou seja, para controlá-los melhor (CANCLINI, 1994, p. 97).

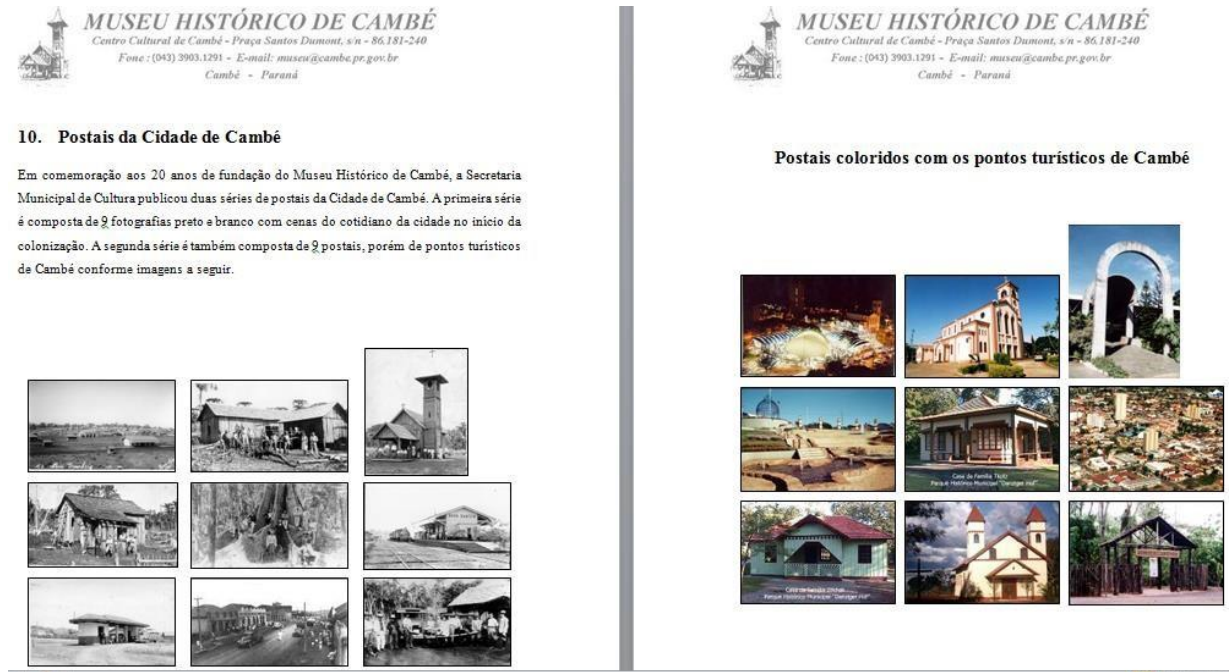
Quando perguntado a Pavinato se ele ainda percebe resistência à presença indígena e se o discurso do vazio demográfico ainda está presente, este relatou que:

Muito! A todo momento, em todas as discussões nós temos que reiterar a necessidade de fazer a devida análise histórica, porque se não, o que você vai ouvir nos textos, nos jornais, nas salas de aula é “que era uma imensa floresta e que chegou o homem branco derrubou a mata e construiu a cidade”, como se não tivesse nesses... falando da Companhia né, nos 515 mil alqueires, nada! (PAVINATO, 2019).

Já no ano de 2005, a exposição indígena no parque histórico voltou a se realizar, porém somente entre os dias 13 e 20 de abril. Com a montagem feita pelo MHC e exposta na Biblioteca Pública de Cambé, a exposição fotográfica Retratos de Uma Etnia – os Kaingangs no Paraná, de autoria do sociólogo Justino Batista de Macedo, ocorreu entre os dias 13 a 30 de abril.

No Dia Internacional dos Museus, objetos e fotografias do acervo foram expostos no calçadão central da cidade e, como descrito no relatório, todos eles correspondem à “colonização do município”. Além disso, ainda em 2005 houve a confecção de postais, nos quais somente aspectos referentes à colonização pioneira do município foram retratados.

Figura 27 – Relatório de atividades de 2005



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

No tocante à “colonização” de Cambé, é perceptível que os aspectos pertinentes ao pioneirismo, daquele que conseguiu “vencer” as dificuldades e “prosperar”, são contínuos. No geral, quando a proposta da temática tem como motivação a retratação ao público, os grandes feitos são os elegidos e considerados vencedores principalmente pela lógica capitalista, comercial, política e socialmente aceita.

Nessa perspectiva, Mota (2008, p. 58) problematiza que:

As contradições entre os trabalhadores que não conseguem terras e fornecem a sua força de trabalho para o desbravamento das terras, e o capital representado pela companhia colonizadora, grandes proprietários de terras, comerciantes, são camufladas com o rótulo do pioneirismo. O pioneirismo serve também para ocultar as contradições entre os pequenos proprietários e o capital. O desenvolvimentismo e o pioneirismo cumprem assim, no plano ideológico, o papel diluidor/ocultador das contradições e dos conflitos existentes durante a ocupação dessa nova área de expansão do capitalismo, o norte do Paraná.

Ao analisar os relatórios e as falas dos entrevistados participantes da construção do MHC, percebeu-se que a busca consistia em abranger qualquer aspecto a respeito da história da cidade, sem escolhas específicas. Tanto que nas

entrevistas feitas pelo MHC, nos encontros de pioneiros e na participação do desfile realizado durante o aniversário de emancipação da cidade todos os pioneiros foram convidados a participar.

Entre 2006 e 2010 foram encontradas novas modificações na confecção dos relatórios, já que as atividades realizadas e promovidas pelo MHC foram descritas somente como tópicos, sem descrição aprofundada. Ainda em 2006, foi relacionado no relatório à confecção de materiais para a exposição indígena, sua montagem e abertura.

No ano de 2007 a exposição aconteceu novamente no parque histórico, nos dias 2 a 27 de abril. Também nesse ano, em 25 de maio, foi feita uma visita à Reserva Indígena do Apucarantina. Nos anos de 2008 e 2009 foram encontrados somente registros de atividades ligadas ao pioneirismo e monitorias na exposição permanente do MHC.

Uma nova alteração em 2009 ocorreu e Cortez voltou à diretoria. Em 2010 foi registrada a realização da exposição indígena de 12 de abril a 7 de maio. Ainda neste ano, em 19 de agosto, ocorreu uma visita ao Sítio Arqueológico de Santo Inácio.

O ano de 2011 foi significativo e tratou da ação educativa. A Secretaria Municipal de Educação, em parceria com o MHC, passou a realizar o projeto “Viagem Histórica ‘Pelos Caminhos’ de Cambé”, que se estendeu até os dias atuais. Entre os objetivos do projeto constam: proporcionar reconhecimento, valorização, conservação do patrimônio natural, cultural e histórico do município e assim conscientizar sobre o papel do cidadão como sujeito histórico.

A efetivação do projeto consistiu em etapas, nas quais foram realizadas palestras durante as semanas pedagógicas com os professores da rede pública municipal de ensino, para que se capacitassem. A segunda parte se deu com os professores recebendo o roteiro do que seria realizado e, assim, se prepararam para realizar a abordagem desse roteiro com os alunos.

Em um último momento, os alunos, ao final do ano letivo, quando já foram concedidas aulas sobre a história do município, passaram por lugares da cidade considerados históricos. O MHC costuma ser o último lugar de passagem dos alunos, onde uma monitoria é executada por estagiários ou funcionários.

Figura 28 – Relatório de atividades de 2011**1.2.1 Tabela de Visitas**

Visitas			
Escolas (visitas monitoradas)	Escolas Municipais (Ensino Fundamental) Total: 34 turmas	Escolas Estaduais do Município (Ensino Fundamental e Médio) Total: 05 turmas	Visitantes: 969
Visitas individuais ou em pequenos grupos (monitoradas ou não)		Visitantes: 590	
Total de Visitantes		1599	

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Em julho de 2011, durante a 9ª Reunião de Antropologia do Mercosul ocorrida em Curitiba, a arqueóloga do Museu Paranaense, Dr. Cláudia Inês Parellada, fez o anúncio demonstrando que os materiais descobertos por Blaisi e Gaissler no Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia, com análises ampliadas, são na realidade vestígios da segunda fundação da Missão Jesuítica San Joseph (1625-1631). Por meio do material analisado e das proximidades deste com outros sítios arqueológicos de missões jesuíticas, foi possível constatar:

[...] o contato do Guarani com o europeu através do uso intensivo da pintura vermelha nas superfícies externas e internas dos vasilhames, além de formas características como bases de estatuetas, asas, alças e bases planas, entre muitos outros dados levantados (PARELLADA, 2013, p. 11).

Figura 29 - Notícia no jornal **Folha de Londrina** sobre o encontro Missão Jesuítica San Joseph, em 2011

FOLHA Cidades
JUL. 19, 2011
Missão Jesuítica é encontrada em Cambé

QR Code

Enviar por Email

Compartilhar

Twitter

LinkedIn

Fonte

Comunicar erro

Ler depois

Vestígios da Missão Jesuítica San Joseph, fundada em 1625, foram reconhecidos no Sítio Arqueológico da Fazenda Santa Dalmácia, a 27 quilômetros do Centro de Cambé (Norte). O anúncio foi feito durante a 9ª Reunião de Antropologia do Mercosul, que aconteceu entre os dias 10 e 13 de julho, em Curitiba.

Os trabalhos para identificar o local foram iniciados em 1990, quando foram encontrados na região indícios arqueológicos por alunos da Escola Rural Municipal Fazenda Santa Dalmácia.

Segundo o relatório da descoberta dos pesquisadores, a Missão Jesuítica San Joseph esteve localizada no Norte do município, perto do Córrego Palmeira e à margem direita do Rio Vermelho. No local foram encontrados um sítio arqueológico de grande dimensões e muitas amostras cerâmicas, onde se concluiu que uma população indígena, da cultura tupi-guarani, viveu no local e desenvolveu atividades de produção oleira.

A arqueóloga do Museu Paranaense, Cláudia Inês Parellada, que fez o anúncio oficial da descoberta, garantiu que há entendimentos para a preservação da área nos órgãos públicos da cidade e junto à secretaria de cultura do município devem realizar novas ações para determinar detalhes da instalação da Missão San Joseph. (Com informações da Secretaria de Comunicação de Cambé)

Redação FolhaWeb

Fonte: Folha de Londrina (2011).

Ainda em 2011, durante o mês de agosto, uma palestra com a mesma arqueóloga foi empreendida, com a intenção de informar sobre a Missão, onde 106 pessoas participaram, sendo a maioria constituída de professores da rede municipal.

Em fevereiro de 2013 ocorreu uma grande exposição, que primeiramente foi preparada exposta pelo MHL e posteriormente montada no MHC, com o tema Povos Indígenas no Norte do Paraná, onde estagiárias atenderam crianças de 6 a 7 anos de idade. No total, 2029 visitantes participaram das monitorias.

Em abril a tradicional exposição indígena foi efetuada no parque histórico e o objetivo era “levar a populaçãoambeense em especial aos alunos da rede pública de ensino um pouco da cultura dos índios brasileiros” (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 2013). Entre os meses de março a novembro as monitorias aconteceram em torno do projeto “Pelos Caminhos de Cambé”.

A partir daí não foi possível acessar os relatórios produzidos entre os anos de 2014 a 2019. Contudo, foi possível ter informações graças às entrevistas realizadas

com Santos e Pavinato, funcionários nesses períodos, e o diretor Cortez, além do acompanhamento direto dentro das ações realizadas pelo MHC.

Em relação à forma que eram abordadas as questões educativas sobre pioneiros e indígenas na história do município, os três entrevistados disseram que esta sempre foi uma preocupação dentro do MHC, em trazer informações disponíveis sobre as duas temáticas.

A temática indígena ela sempre teve muito presente, né, por exemplo, o mês de abril era marcado essa questão da visita ao parque, essa questão do índio... então assim, era sempre esse jogo entre o pioneiro e essa questão indígena, que você tem que fazer esses marcos temporais, jogando essa relação pioneiro e essa questão indígena. Porque querendo ou não, o município de Cambé, ele tem essas duas coisas muito marcantes na sua história.[...] Hoje, se você consegue ver que a parte indígena ela tem a sua presença na história do museu, a história do museu já está ligada a ela, a história dos pioneiros ela é presente, mas ela divide tranquilamente os holofotes com a história indígena, ainda mais pela questão indígena ser na nossa região, Cambé, tem um diferencial muito grande do que nas outras regiões, essa questão da missão, de ela ser assim, ela possuir tanto material, né, então assim, eu acredito que o grande motor disso tudo é o César Cortez, né? (SANTOS, 2019).

Um aspecto marcante em todas as entrevistas foi acerca da preocupação em compreender o que seria ensinado, sempre tentando atualizar os conhecimentos com os recursos existentes, dos quais, em sua maioria, a instituição em quase todos os momentos esteve carente em algum aspecto, como financeiro, recursos técnicos e corpo atuante.

Outra preocupação presente é a de desmitificar e entender como o indígena se encontra na atualidade, tentando demonstrar que são indivíduos que estiveram e ainda estão presentes, convivendo e dividindo o mesmo espaço da cidade. Isso se evidencia na entrevista de Pavinato, que ainda faz parte do quadro de funcionários do MHC, de Santos e do penúltimo diretor que atuou por mais tempo dentro da instituição, Cortez.

Aqui a gente sempre teve a compreensão de que você não pode ser um avestruz. Então se a gente fosse mexer só com a parte de acervo né, a gente ia enfiar a cabeça num buraco ia ficar aqui fuçando a vida toda e não ia ter contato nenhum com a comunidade. Então nós tínhamos uma convicção, uma compreensão muito grande sobre isso. Então todo mundo que

passou por aqui sabia “olha, tem que mexer com acervo, mas em determinado momento tem que parar um pouquinho com o acervo e ir cuidar da parte educativa” Porque senão também você perde seu foco principal que é o trabalho com a comunidade. (...) Você trabalhar a temática indígena hoje ela é muito importante, porque é nossa função, é desmistificar aquilo que a nossa sociedade tem de entendimento em relação ao índio. Infelizmente é muito comum você ouvir aqui no museu as pessoas falando aquilo que a sociedade fala “Que índio não presta. Que índio é vagabundo. Que índio é alcoolista e tal”. Então quando a gente faz o nosso trabalho aqui, a gente explica qual é a importância do índio, qual é a relação do índio com o meio ambiente ao qual ele está inserido. Qual a relação do índio com as sociedades brancas e quanto foi pernicioso pro lado indígena, o contato né, desde sempre. Então toda vez que o índio teve contato com o homem branco, pro índio foi desfavorável. Então a gente tenta contextualizar. (PAVINATO, 2019).

Com o levantamento das décadas de 1980 e 1990 até 2019, verificou-se diversas nuances e modificações nas ações educativas realizadas. Mas o destaque se dá sobre as ações ligadas ao indígena e à arqueologia, evidentemente com a descoberta do Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia em 1990 e os desdobramentos em torno do anúncio da presença da Missão Jesuítica San Joseph em Cambé, no ano de 2011.

Em alguns momentos as mudanças de funcionários e direção marcam diferenciações no modo e destaque que as temáticas adentram o MHC. Nos momentos de dificuldades com corpo atuante na instituição, são buscadas parcerias com escolas, outras secretarias do município, universidades e instituições da região, como a UEL e o MHL, para que as ações educativas e pesquisas continuem sendo desenvolvidas.

Nas entrevistas, percebeu-se que todos os entrevistados entendem qual a importância do desenvolvimento de ações educativas e pesquisas sobre a história do município de Cambé e sua divulgação para a comunidade.

Com relação ao atendimento às escolas, os indivíduos atuantes nos diversos anos de existência do MHC relataram que pretendiam e pretendem chegar além das crianças, levando o conhecimento adquirido para toda a comunidade, a fim de que todos compreendam sua participação nesse processo e de que isso gere frutos no futuro como cidadãos atuantes e críticos.

O museu e qualquer política patrimonial devem tratar os objetos,

os ofícios e os costumes de tal modo que, mais que exibi-los, tornem inteligíveis as relações entre eles, proponham hipóteses sobre o que significam para a gente que hoje os vê e evoca. Um patrimônio reformulado que considere seus usos sociais, não a partir de uma mera atitude defensiva, de simples recolhimento, mas com uma visão mais complexa de como a sociedade se apropria de sua história, pode abranger novos setores (CANCLINI, 1994, p. 113).

Para entender como o MHC vem desempenhando seu papel enquanto instituição museológica, foram analisados no próximo capítulo os trabalhos desenvolvidos pelas crianças atendidas durante as décadas de 1980 e 1990. Isso também foi feito com os trabalhos desenvolvidos pelos alunos que participaram de atividades em 2019.

Para tanto, buscou-se observar nesses trabalhos o que as crianças entendem sobre a história de Cambé antes de irem ao MHC e, posteriormente, quando participaram do projeto “Pelos Caminhos de Cambé” e da monitoria recebida na instituição. A escolha destes momentos históricos (décadas de 1980 e 1990 e o ano de 2019) pode permitir (ou não) verificar a problematização principal desta dissertação, qual seja: se ainda há presente o discurso do vazio demográfico e como são retratados os pioneiros e os indígenas.

CAPÍTULO 3: (RE)SIGNIFICAÇÃO DAS AÇÕES EDUCATIVAS PATRIMONIAIS DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ

Como foi explicitado na introdução desta dissertação, quando foi apresentado que no município de Cambé se encontravam materiais arqueológicos e muitos deles faziam parte do acervo e exposição permanente do MHC, o interesse que tinha por História se aguçou. Outro aspecto instigante foi a existência da instituição no município, já que não tinha conhecimento dela, passando a conhecê-la em 2013, quando estava no segundo ano da graduação e por meio da informação de uma vaga de estágio, para o qual fui contratada a partir daquele ano.

Acredita-se que se desde o início da idade escolar houvesse o contato com esses conhecimentos, a noção sobre a história do lugar onde se pertence seria diferente. A pouca proximidade possibilitada a mim durante meus anos de estudante do ensino público no município não fez com que minha atenção fosse conquistada, tornando-se apenas um momento de recebimento da informação, sem que esta acrescentasse como um saber sobre a história do município.

Isso me levou a questionar se a experiência que os alunos que passaram e passam pelo MHC e pelas aulas de história sobre Cambé também tiveram essa mesma impressão, tida por mim, como sujeito que viveu esse processo nas décadas de 1990 e 2000.

Em razão disso, neste terceiro capítulo foi realizado o mapeamento dos reflexos das mudanças nas ações educativas mediadas no MHC e as diferenças de representações/desenvolvimento da temática indígena, desde sua fundação até o momento atual, assim como sua interferência no imaginário do público-alvo, que está registrado nos desenhos e redações dos alunos, do período compreendido entre 1980 a 1990 e 2019.

Para a realização desse mapeamento, foram identificados os trabalhos existentes junto à documentação do MHC e sua quantificação. Após isso, buscou-se a aplicação de trabalhos semelhantes com atuais alunos do município, que participaram do projeto citado no capítulo anterior, o qual é denominado atualmente de “Viagem Histórica ‘pelos caminhos’ de Cambé”, onde eles produziram redações e desenhos com seus conhecimentos sobre a história do município e o que aprenderam após a visita ao MHC.

Posteriormente, foram montadas tabelas por trabalhos realizados em cada

ano durante os anos 1980 e 1990, enquanto os trabalhos aplicados atualmente foram separados como os de antes e depois da visita ao MHC, sendo estes últimos em maiores quantidades e assim subdivididos em turmas.

As temáticas foram identificadas e separadas em todos esses trabalhos. Após isso, esses dados foram transformados em gráficos que demonstram as porcentagens presentes em cada grupo anteriormente relatado.

Acompanhando esse processo de perto, houve a oportunidade de observar e analisar além da documentação. Em momentos de participação e interação com alunos, professoras do município, estagiários e funcionários do MHC, procurou-se compreender como o patrimônio e sentidos históricos são construídos com o público escolar, que é o principal foco da instituição em seus momentos de ações educativas.

3.1 O OBJETO, O MUSEU E A MEDIAÇÃO DAS AÇÕES EDUCATIVAS

Para iniciar a discussão e análises sobre as atividades de redação e desenho desenvolvidos pelos alunos, é preciso compreender sobre educação patrimonial e ações educativas em museus, assim como o papel da visualidade, dos objetos e imagens presentes nessas mediações, para entender a dinâmica desenvolvida dentro da instituição aqui pesquisada.

Variados autores, entre eles Baschet (1996), Horta (2005), Meneses (2000, 2003), Kopytoff (2008), Pereira e Oriá (2012), puderam revelar suas perspectivas, que em alguns momentos se entrecruzam complementando-se ou não e que serviram de apoio neste estudo.

No tocante à presença material e ao objeto dentro do espaço museal, esses autores, de um modo geral, fundamentam que é imprescindível fazer com que o sujeito entenda os objetos usados na mediação, de modo que a perspectiva do significado e da significação seja plural, sendo apresentados pela equipe educativa com um ou mais significados e, assim, recebidos pelo educando, no exercício que gera (re)significação daquilo que se recebe, sendo crucial que a instituição tenha consciência da existência desse movimento.

Nessa mesma ótica, há o desenvolvimento da sensibilidade e consciência dos educandos na construção histórica e seletiva da memória e do patrimônio, numa troca de percepções da equipe educativa e do seu público, como uma oportunidade

de formação aberta ao diálogo.

Os objetos foram um dos meios para que a perspectiva de Patrimônio e História fosse mediada dentro do MHC e, assim, pudessem ser desenvolvidas a consciência e (re)significação, partindo do que esses objetos falam. Ademais, deve-se atentar às maneiras como são realizadas as mediações e as monitorias durante as visitas.

Horta (2005) evidencia que:

O objetivo e a estratégia fundamentais do trabalho da educação patrimonial são o de levar as pessoas a perceber, compreender e a se identificar com o drama histórico, social e cultural encapsulado em cada objeto, em cada artefato, em cada expressão cultural que preservamos em nossos museus ou fora deles, como referências para o presente e para o futuro. Imergir no drama do *tempo anterior*, ouvir as vozes de seus atores, colocar-se em suas peles e ossos, sentir suas alegrias e perceber suas angústias, seus temores e fracassos, é um exercício mental e emocional que pode fazer descobrir o quanto fazemos parte dessa história, de que modo ela se repete, e como poderíamos imaginar seus próximos capítulos... (HORTA, 2005, p. 224, grifo do autor).

Para entender a formação das duas exposições permanentes presentes no MHC, é necessário compreender o contexto histórico do município, pois há a presença de objetos representativos das ocupações do território, em seus mais diversos contextos. Sendo assim, verificou-se que o MHC apresenta em sua exposição e acervo a materialidade dessas presenças.

Além disso, os atores presentes nesse sistema também “ditaram as regras” para o estabelecimento dos lugares desses objetos, assim como as relações das ações humanas ali presentes antes mesmo de eles pertencerem ao acervo da instituição. Neste sentido, Meneses explana:

Ora, os objetos são produtos da ação humana e vetores da ação humana. Nem que fosse por esta razão, todo e qualquer objeto é sempre repositório de uma informação sobre relações entre os homens. Eu diria até mesmo que, em última análise, pode-se considerar o artefato, o objeto, como uma espécie de resíduo físico das relações sociais. (MENESES, p. 7, 1980).

Desse modo, considera-se que é pertinente abordar as discussões acerca da Cultura Material, que para Roche (2000) deixa de ser compreendida como um rol de

artefatos, passando a ser analisada e associada às sociedades que as criou, à economia que foi produzida, ao mercado que a distribuiu, assim como a ligação à cultura que permitiu sua existência estética, estrutural e funcional.

Para Meneses (2016), a cultura e as coisas que o homem constrói são como documentos do viver e as experiências humanas são integradas ao próprio fazer dessas vivências, sendo impossível pensar no material exclusivamente aderido ao seu uso, pois quaisquer objetos ou artefatos da cultura são mais do que instrumentos de uso do homem, eles fazem parte do seu gestual, da própria construção humana em si.

De acordo com o autor, a maior contribuição em estudar a Cultura Material seria observar os objetos e artefatos como parte da vivência, da inteligibilidade que o homem constrói na sua sobrevivência e no seu viver. Assim como expõe Horta (2005, p. 224): “É preciso aprender a ouvir as coisas, a entender suas lições [...]”.

Em relação à Cultura Material e o MHC, é preciso assimilar que o acervo dessa instituição é composto por diversos elementos pertencentes a tal cultura. No entanto, neste momento, este estudo se limita a pensar sobre os objetos presentes na sua exposição permanente.

Desde sua fundação, os primeiros objetos pertencentes ao acervo do MHC foram frutos de campanhas de doações das famílias que chegaram à região entre as décadas de 1930 a 1947. Isso levou a ser estabelecido pela administração da instituição o ano de 1947 como data de emancipação política do município, o que levou à troca de nome de Nova Dantzig para Cambé.

Além disso, há a presença maciça de objetos líticos e cerâmicos pertencentes à cultura indígena da região e de alguns objetos contemporâneos de cestarias trançadas, arcos, flechas, cocares e outros adereços em geral. Além dos objetos doados pelas famílias pioneiras, há também aqueles pertencentes aos comércios e à administração pública do município – já que a gestão do MHC pertence à prefeitura de Cambé.

É preciso considerar que, dentro desses processos de montagem e concepção histórica e museológica, os agentes diretos ou indiretos ativos são de enorme importância para entender como o feito final chegou ao que se apresenta publicamente.

Entender e analisar os trajetos profissionais, acadêmicos e pessoais, principalmente dos funcionários, diretores e estagiários – que fazem parte dos

agentes diretos -, assim como das gestões políticas, das secretarias de Cultura e Educação do município e afins – pertencentes aos agentes indiretos –, para compreender as nuances presentes em cada momento dentro da instituição e o papel dessas realizações praticadas nesse espaço.

Para pensar sobre esses objetos, deve-se levar em consideração o que Bittencourt (2001) diz sobre o problema dos que deixaram de fazer parte de seu contexto de uso e passaram a incorporar as coleções do museu:

Mas, se os itens expostos em um museu representam o mundo, não pertencem mais a ele. Retirados de seu contexto, passam a simulacros que exemplificam uma classe ou grupo de itens do mesmo tipo. (BITTENCOURT, 2001, p. 155).

O autor afirma que a exposição de um museu tem a proposta de “situar o passado e organizar o mundo” (BITTENCOURT, 2001, p.155) e, neste movimento, a revelação de uma ordem que mostra mais um instrumento de controle do espaço físico e tempo, traduzido como um instrumento de poder.

Deve-se levar em consideração essa afirmação ao analisar a exposição presente no MHC, pois, mesmo com a existência da exposição arqueológica e indígena, a predominância e dimensão dos objetos pertencentes às “famílias pioneiras” se revelam como a instauração de um grupo detentor do poder.

A exposição do museu segue uma ordem cronológica, mesmo sem ser indicada, partindo da presença indígena, demonstrada pelos objetos etnográficos, e junto há a revelação da Missão Jesuítica San Joseph, que também pauta sua evidência por meio da diferenciação e mudança do fazer cerâmico. No caso dos objetos arqueológicos, as mudanças físicas nas peças demonstram as relações entre indígenas e não indígenas, assim como o contato entre eles. Considera-se, assim, uma troca nos modos de fazer e uso dessas peças.

A mudança das peças com fundos arredondados para planos mostra o conhecimento acrescentado e a maneira de se utilizar esses objetos. Isso parte do pressuposto de análise científica e acadêmica destes, mostrar a diferenciação nos modos de fazer e nas características, tanto nas semelhanças como nas diferenças dos fragmentos arqueológicos presentes no acervo exposição do MHC, é indicar, portanto, os resíduos das relações sociais dos que fabricaram e utilizaram essas peças antes de sua presença na instituição.

Já quando esses objetos são colocados nos acervos e exposições museais, a demonstração dessas percepções de pesquisa e análise chega concluída a quem visita e vê esses expostos. Quando essa percepção chega à exposição como escolhida para ser destacada, há um propósito explícito, que no caso específico do MHC é o de esclarecer sobre uma presença física da missão jesuítica San Joseph.

Segundo Gonçalves (2009, p. 66) “os objetos materiais desempenham uma função constitutiva, dando forma e materialidade à nossa autoconsciência individual e coletiva”. Com isto em mente, entende-se que em seus usos cotidianos muitos dos objetos estão intrinsecamente ligados ao humano e, nesta condição, não há como fazer uma separação física e social dessa relação.

É neste ponto que se começa a entender qual a importância de determinados objetos adentrarem os museus e qual significado eles trazem quando expostos. Muito além de entender o papel deles como marcas de identidade de seus “usuários”, mas como forma de compreender “sua função constitutiva no processo de formação de subjetividades individuais e coletivas” (GONÇALVES, 2009, p. 68).

Quando tais objetos, frutos da formação das subjetividades individuais e coletivas, adentram o museu e passam a fazer parte incorporada do acervo, eles têm o papel de mediar as relações que os indivíduos mantêm com o seu passado, deixando seu *status* de uso e assumindo um valor de exibição, perdendo inteiramente suas “funções sociais e simbólicas do cotidiano” (GONÇALVES, 2009, p. 69).

Especialmente no contexto dos museus históricos e dos museus etnográficos, os objetos estão certamente a serviço do conhecimento científico, do conhecimento histórico e antropológico; mas, ao mesmo tempo, é incontornável a demanda para que esses objetos tenham ressonância junto a determinados segmentos do público (GONÇALVES, 2009, 73).

Sob essa ótica, a exposição do MHC se encaixa perfeitamente na descrição do autor e, ponderando essa consideração, é relevante destacar que junto ao público adulto há uma maior ressonância da parte dos objetos pertencentes às famílias pioneiras da cidade, pois muitos desses objetos “ilustram” o dia a dia não muito distante e faz essa mediação para entender o passado.

Entre eles estão expostos máquina de costura, ferro de passar roupas, caldeirão de ferro, objetos de identidade religiosa católica, ferramentas e peças

ligadas à derrubada das matas fechadas – como serrotes e serras manuais, além de outras peças relacionadas ao ciclo cafeeiro – maquetes de prédios não mais existentes, entre outros. Em destaque há um consultório médico montado com o conjunto total doado pela família do Doutor José dos Santos Rocha, que além de médico foi prefeito por algumas gestões em Cambé.

Figura 30 – Visão geral da Sala de Exposição do Museu Histórico de Cambé



Fonte: o próprio autor.

Figura 31 – Visão geral da Sala de Exposição do Museu Histórico de Cambé



Fonte: o próprio autor.

Figura 32 – Objetos expostos na exposição permanente do Museu Histórico de Cambé, pertencentes ao consultório médico montado com o conjunto total doado pela família do Doutor José dos Santos Rocha



Fonte: o próprio autor.

No entanto, ao mesmo tempo, a parte de objetos arqueológicos e indígenas encanta o público em geral, com sua característica de resistência de sobrevivência em face de sua fragilidade material e de seus usos e fazeres, além da surpresa em encontrar no museu de sua cidade objetos que pelo imaginário coletivo não são representativos locais.

Figura 33 – Exposição da sala de Arqueologia “Prof. João Sabaini” – Museu Histórico de Cambé



Fonte: o próprio autor.

Figura 34 – Objetos cerâmicos pertencentes ao acervo e exposição do Museu Histórico de Cambé, de procedência da Missão Jesuítica *San Joseph* – Sala de Arqueologia “Prof. João Sabaini”



Fonte: o próprio autor.

Figura 35 – Objetos cerâmicos pertencentes ao acervo e exposição do Museu Histórico de Cambé



Fonte: o próprio autor.

Figura 36 – Objetos cerâmicos pertencentes ao acervo e exposição do Museu Histórico de Cambé



Fonte: o próprio autor.

Principalmente entre as crianças, o “ilustrar” a história que se conta faz com que todos aqueles materiais ali expostos ganhem um clima de fascínio. Aos mais velhos, muitos deles em seu cotidiano remoto, foram usuários de objetos semelhantes – o sentimento de identificação e nostalgia, entrando nesse momento o trabalho de rememoração pelos objetos.

A exposição museológica não pode ser tomada como um enunciado universal e atemporal, auto-evidente, mas como um sistema linguístico que é preciso aprender: tal como aprendemos a linguagem falada, a linguagem escrita e a linguagem visual. [...] A exposição [...] é, também a ponta do iceberg: se o museu quiser educar, não pode deixar de trazer à tona, sempre que possível, a parte não visível do iceberg (MENESES, 2000, p. 96).

Assim, a exposição é muito além do “ilustrar”, mas criticizar a história ali caracterizada, aprender a falar pelos objetos e não somente do objeto, mostrar que eles faziam totalmente parte da cultura daqueles que os produziam e utilizavam. Nas palavras de Meneses (2000, p. 99): “Coerente com a convicção de que ensinar História é ensinar a fazer História, só posso deduzir que, num museu histórico, ensinar História não pode deixar de ser ensinar a fazer História com os objetos”.

Terminada a explanação sobre os objetos e seu papel dentro da educação patrimonial, sobretudo dentro do museu, partir-se-á para as discussões em torno da análise das atividades e, essencialmente, do papel visual dos objetos nas ações educativas efetuadas e apresentado nas redações e nos desenhos – especialmente neste último – das crianças que fazem parte do público do MHC.

3.2 FUNÇÃO VISUAL, IMAGEM-OBJETO E MUSEUS

As instituições museais consistem majoritariamente em ambientes visuais, já que os objetos fazem parte da mediação ali proposta, como elucidado na discussão acima. Desse modo, pensando na sociedade baseada na cultura visual em que vivemos, essa prerrogativa faz sentido.

Portanto, é importante pensar no objeto como imagem, assim como propõe Baschet com a noção de imagem-objeto:

Enfim, a imagem-objeto só possui eficácia porque ela é também um objeto imaginário, um objeto imaginado. Não se pode separar,

portanto, a imagem-objeto das experiências relacionadas à esfera da *imagination* (sonho, visão, imagem mental) que a tornam viva e eficaz. (BASCHET, p. 7, 1996).

A função visual dentro de um museu é um dos pontos-chave para uma ação educativa efetiva. A participação do público nesse sistema determina os rumos da mediação, já que o seu uso para iluminar informação histórica externa a ela é um dos objetivos prioritários na maioria das instituições históricas, o que leva a um problema: ir além da ilustração por meio da imagem.

Assim como Baschet (1996) conjectura, o objeto-imagem traz consigo todo um imaginário, de modo que o público participante também traz suas construções e naquele espaço irá interagir, significando e ressignificando. Desse modo, objetiva-se buscar uma participação plena do indivíduo usando imagens que já possuem sobre aquilo e, indo além, transformando por si mesmo, não somente recepção de informação. Complementando esse entendimento:

As imagens não têm sentido em si, imanentes. Elas contam apenas — já que não passam de artefatos, coisas materiais ou empíricas — com atributos físico-químicos intrínsecos. É a interação social que produz sentidos, mobilizando diferencialmente (no tempo, no espaço, nos lugares e circunstâncias sociais, nos agentes que intervêm) determinados atributos para dar existência social (sensorial) a sentidos e valores e fazê-los atuar. (MENESES, 2003, p. 28).

Logo, sem que haja interação social produtora de sentidos, dadas as suas circunstâncias e diversos outros fatores, não há eficiência.

3.3 UM POUCO SOBRE AS REDAÇÕES E OS DESENHOS

Tendo em vista os preceitos vistos no subcapítulo anterior, serão feitas as análises dos trabalhos de redações e desenhos. Sob este prisma, eles foram feitos separadamente das tipologias, pois se compreende que às vezes as narrativas e ilustrações podem se contradizer ou se complementar.

Sobre os documentos anexados aos relatórios de atividades do MHC, há registrados 25 trabalhos referentes à década de 1980 e 34 atividades da década de 1990. De modo geral, alguns deles possuem somente redações ou só desenhos, os quais estão especificados nas tabelas.

É relevante lembrar que os trabalhos são processos de seleções, em um

primeiro momento em suas instituições de origens, como são alguns casos – as escolas onde foram produzidos –, e em um segundo momento pelo MHC, que pré-seleciona novamente quais seriam anexados aos relatórios produzidos pelos funcionários.

Seleções estéticas e temáticas, que esses funcionários julgavam ser mais representativas do que ali apresentavam aos alunos, estão presentes, partindo do julgamento das escolas, sobre quais trabalhos eram mais elaborados e preteridos por julgo visual, já que estes iriam também representar a instituição de forma indireta.

Esses trabalhos anexados aos relatórios nas décadas de 1980 e 1990 passam a representar mais os indivíduos responsáveis nas instituições que queriam promover, do que uma amostragem geral de todos os alunos que participaram e produziram em cada ano.

Esse cenário é diferente do das atividades aplicadas no ano de 2019, pois todos os alunos participantes produziram trabalhos sobre o que observaram e aprenderam, tanto na escola e com os familiares como com o MHC.

Para a realização desse procedimento, foi pedida a autorização aos responsáveis diretivos da escola e da Secretaria de Educação, antes do contato feito com as turmas. No que diz respeito às atividades aplicadas com os alunos antes da ida ao MHC, foram entregues no dia 3 de maio de 2019 as folhas para produção de redação e desenho, assim como um pequeno questionário sobre onde os pais e a criança haviam nascido¹², juntamente ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que deveria voltar assinado pelo responsável pela criança e devolvida 15 dias depois. Tudo isso foi entregue às três turmas do Ensino Fundamental de uma escola urbana da região norte de Cambé, totalizando 60 alunos, porém retornou apenas metade, sendo 30 trabalhos.

Após essa etapa, foi combinado com a responsável do setor na Secretaria da Educação que as turmas da respectiva escola seriam as primeiras a participarem do roteiro do projeto “‘Pelos Caminhos’ de Cambé” e que elas seriam acompanhadas durante todo o trajeto¹³. As turmas acompanhadas foram agendadas nos dias 23, 24

¹² Em um primeiro momento, tinha-se como objetivo saber essas informações para entender qual era o contato prévio dos familiares e da criança com o município, porém muitas vieram com déficit de dados, o que complicou a reunião e análise, de modo que estes não fossem utilizados.

¹³ A expectativa era interferir o menos possível no processo, contudo as professoras sabiam

e 25 de setembro de 2019.

A aplicação das atividades ocorreu em duas turmas no dia 30 de setembro e na outra turma dia 1º de outubro do mesmo ano. Escolheu-se aplicá-las nas aulas seguintes ao passeio para que os alunos conseguissem desenvolver integralmente as atividades, sem inconvenientes da realização muitos dias após o programa. Todos as crianças realizaram as atividades, gerando ao todo 60 trabalhos.

3.4 ATIVIDADES DA DÉCADA DE 1980 E 1990

Aqui foram analisadas as 8 atividades do ano de 1987. Na tabela abaixo, encontram-se os dados resultantes da quantificação realizada.¹⁴

Tabela 1 – Dados obtidos nas atividades anexadas ao relatório de atividades de 1987

Ano: 1987																					
	Aluno	1		2		3		4		5		6		7		8		Redação	Desenho		
	Tipologia	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D				
Temáticas	Museu	R								R								2	0	25%	0%
	Pioneiros									R								2	0	25%	0%
	Colonização/Obj. colonização	R	D		D		R			D		D					D	3	6	37,50%	75%
	Fotografias	R				R				R								3	0	37,50%	0%
	Matas Nativas/Terra florestal		D												D		D	0	3	0,00%	37,50%
	Fazenda Santa Lina/Dalmácia														D			0	1	0,00%	12,50%
	Sem redação			R				R				R		R			R	5	0	62,50%	0%
	Sem desenho						D											0	1	0%	12,50%
Legenda:		R		R - Redação						D - Desenho											

Fonte: Relatório de atividades (1987).

Nesse primeiro ano de desenvolvimento de atividades, identificou-se 6 temáticas; considerando os anos a seguir, elas se revelam em menor quantidade já que na década de 1990 chegaram a ter 12, e nas atividades atuais, 15 e 19 temáticas. Essa pouca diversificação leva a considerar que houve poucas definições,

do conhecimento prévio e sobre a História do município e pediam a realização das intervenções durante o trajeto. Somente na turma C não houve interferência. As monitorias no MHC foram realizadas somente pelos estagiários da instituição, sem interferência das professoras e da autora desta pesquisa, tendo apenas o acompanhamento desta última, como planejado.

¹⁴Todos os gráficos das tabelas aqui apresentadas constam nos anexos.

variação e conteúdo trabalhado nas monitorias.

A temática da colonização e dos objetos pertencentes a ela é expressiva nos desenhos e nas redações. É importante enfatizar um desenho realizado pelo aluno 7, que se diferencia dos demais, tanto em sua temática como em seu desenvolvimento, por estar localizando a Fazenda Santa Lina, a qual se encontra a divisa do Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia¹⁵.

Figura 37 – Anexo do relatório de atividades de 1987

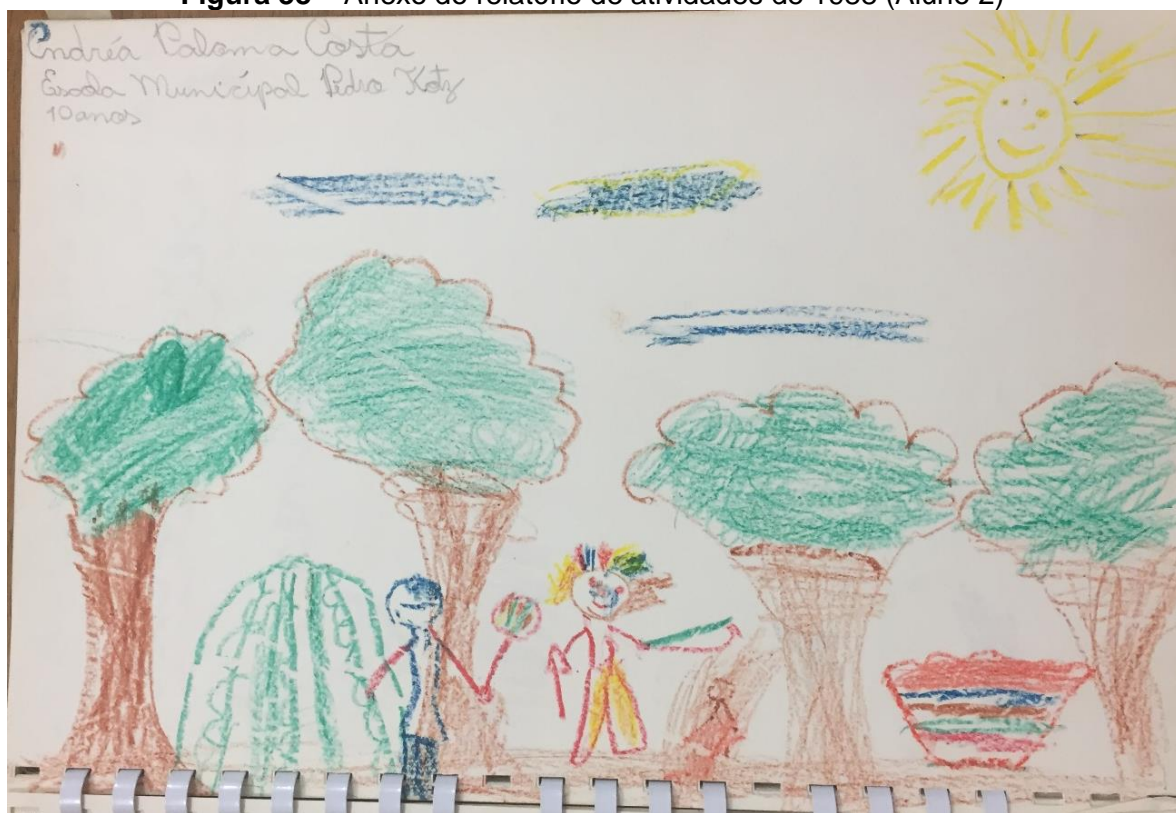


Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

No ano de 1988 a temática se diversificou e a presença indígena se manifestou junto da temática de colonização e seus objetos. Como visto no capítulo 2, nesse momento foram realizados maiores esforços para a realização da exposição indígena acontecida ali e, dessa maneira, já esperada pelo público do MHC – principalmente pela Secretaria de Educação, professoras e alunos do município –, de modo que o resultado se mostrou proveitoso em relação às

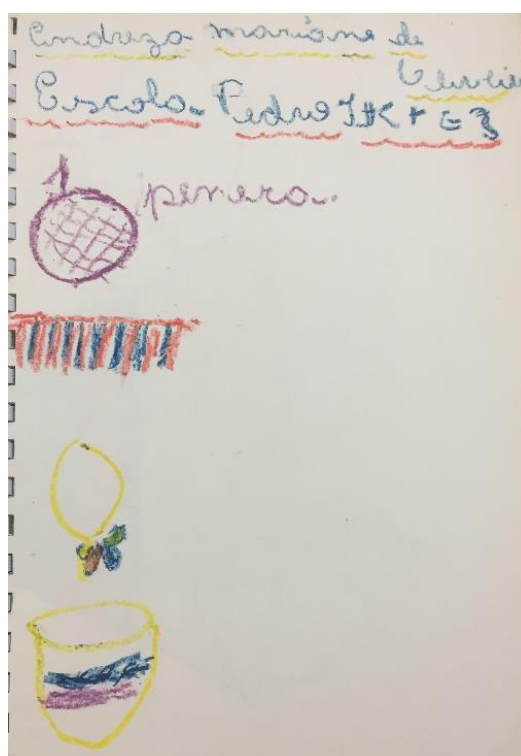
¹⁵ Embora neste momento não se havia constatado ainda a localização da Missão Jesuítica, indica que muitos dos objetos doados e arrecadados pelo MHC eram provindos desta região do município. Portanto, inferimos que a temática relacionada a arqueologia, já era trabalhado dentro do MHC.

Figura 38 – Anexo do relatório de atividades de 1988 (Aluno 2)



Fonte: Relatório de atividades (1988).

Figura 39 – Anexo do relatório de atividades de 1988 (Aluno 3)



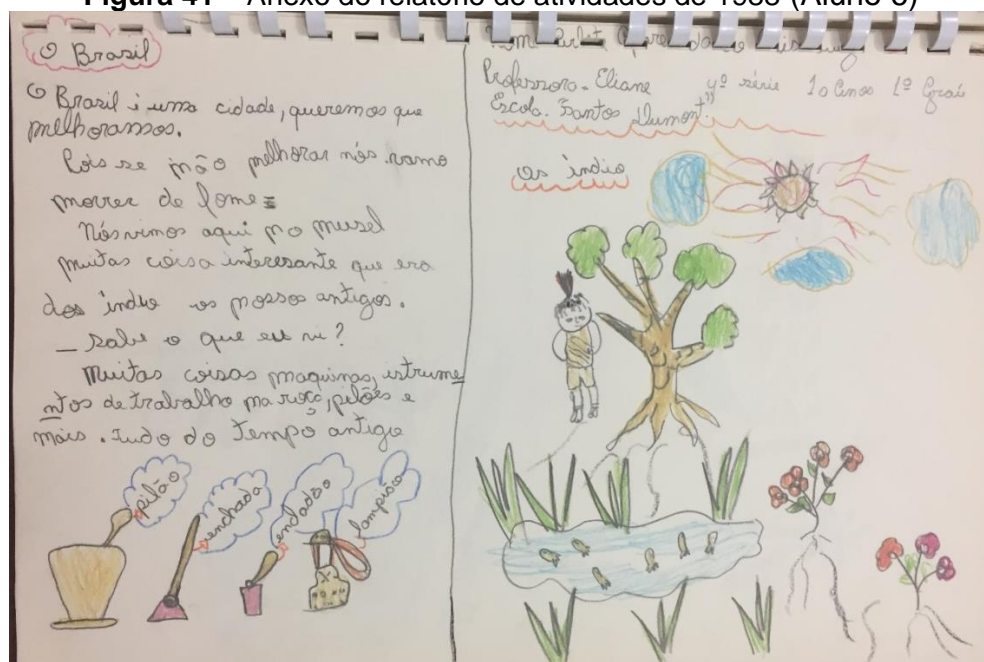
Fonte: Relatório de atividades (1988).

Figura 40 – Anexo do relatório de atividades de 1988 (Aluno 5)



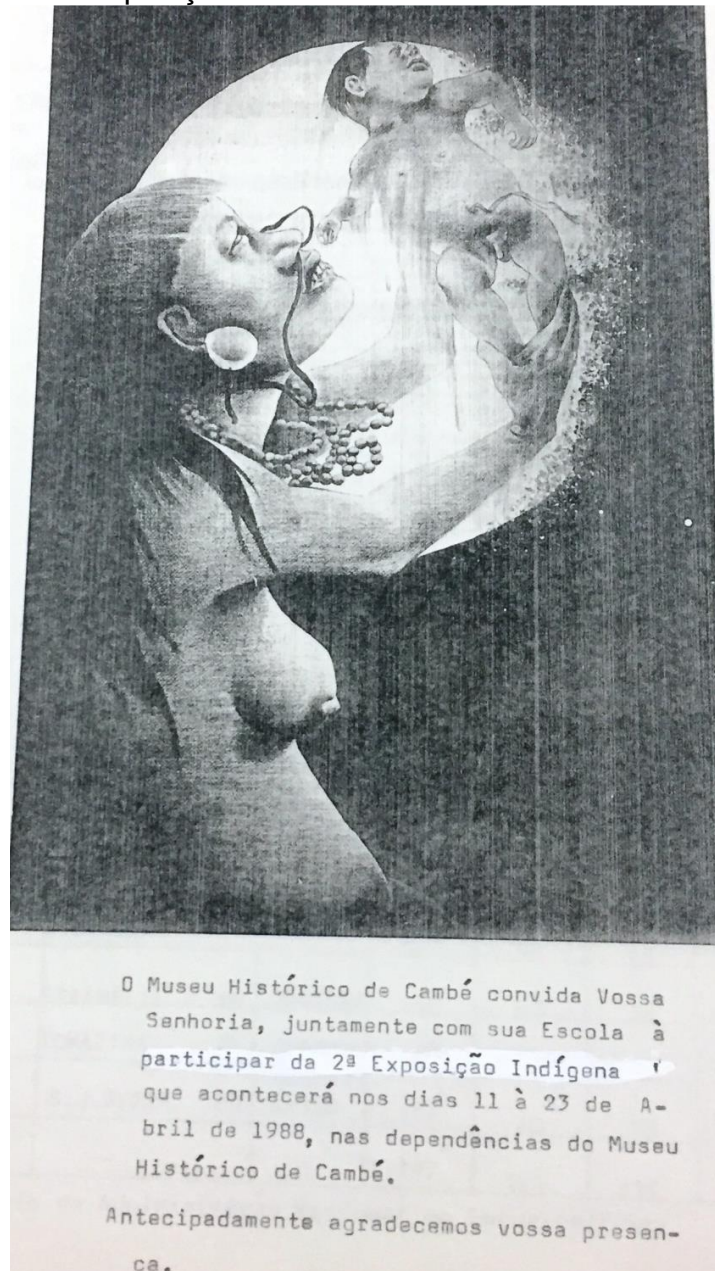
Fonte: Relatório de atividades (1988).

Figura 41 – Anexo do relatório de atividades de 1988 (Aluno 6)



Fonte: Relatório de atividades (1988).

Figura 42 – Relatório de atividades de 1988: convite usado para divulgar as exposições realizadas em 1986 e 1988



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

Em 1989, último ano da década, somente trabalhos da tipologia redação estão anexados e, com isso, nenhuma aparição da temática indígena se apresenta. Percebe-se um recuo quanto ao desenvolvimento deste tema, pois no ano anterior a presença indígena foi marcante. Aqui, a CTNP e o solo fértil apareceram pela primeira vez, ganhando destaque a temática sobre Matas nativas/terra florestal.

O discurso de vazio demográfico se expressa, principalmente nas palavras usadas para retratá-lo. O pioneirismo também ganha destaque no modo de falar das

dificuldades de se vencer o sertão desabitado em um local próspero, mas desafiador.

Tabela 3 – Dados obtidos nas atividades anexadas ao relatório de atividade de 1989

Ano: 1989																			
Aluno	1		2		3		4		5		6		7		8		R	D	Redação
	Tipologia	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R			
Temáticas	Museu																3	0	37,50%
	Colonização/Obj. colonização																8	0	100%
	Imigração/Imigrantes																4	0	50%
	C.T.N.P.																1	0	12,50%
	Fotografias																2	0	25%
	Solo fértil																1	0	12,50%
	Matas Nativas/Terra florestal																6	0	75%
	Nova Dantizig																5	0	62,50%
	Sem desenho																0	8	100%
Legenda:		R - Redação						D - Desenho											

Fonte: Relatório de atividades (1989).

Para compreender o que as redações e desenhos representam, é preciso identificar as narrativas presentes tanto na sociedade em geral como em seus desdobramentos dentro do MHC, além do já citado vazio demográfico sobre o qual Mota (1992, p. 9) trabalha incansavelmente, revelando que:

[...] a idéia do vazio demográfico é uma presença constante nos trabalhos acadêmicos sobre a sociedade paranaense, aparecendo ora como terras devolutas, ora como sertão desabitado, ou outras variadas formas de expressão.

Essas formulações passam a ser reproduzidas nas escolas, em livros didáticos ou trabalhos acadêmicos, passando a ser aceitas como um pressuposto que acaba por retirar da história social paranaense a presença indígena, presença que resistiu e continua resistindo, das mais diversas formas, à ocupação de suas terras e à sua destruição enquanto comunidade diferenciada da sociedade nacional.

Como apresenta o autor, a reprodução das narrativas está em todas as partes, nos museus, nas mídias em geral e no imaginário social, pois elas influenciam e pendenciam sobre a memória e história local.

Outra ideia que reforça essas narrativas tem ligação com a construção da identidade paranaense e do norte do Paraná, onde os processos históricos não incluem o indígena. Por ser idealizada pela elite branca, civilizada e progressista, essa identidade acaba marginalizando outros indivíduos pertencentes a esse processo.

Arias Neto (2008) ressalta que na época da concessão de terras à CTNP, instituiu-se em Curitiba o Centro Paranista, que possuía nos seus objetivos promover o progresso e a civilização do estado do Paraná. Tal ideologia sobreviveu à hostilidade do governo 1930, mas permaneceu dentro dos aparelhos ideológicos do estado e atuou nas configurações das ideias dos anos 1940 e 1950, com reflexos diretos nas décadas seguintes.

No começo da década de 1990 os trabalhos demonstraram poucas mudanças em relação aos anteriores. No entanto, há de se destacar o trabalho desenvolvido pelo aluno 1, que traz em seu relato a diversidade de temáticas e com detalhes, como cada uma lhe foi apresentada, evidenciando os objetos arqueológicos.

Tabela 4 – Dados obtidos nas atividades anexadas ao relatório de atividade de 1990

		Ano: 1990																
	Aluno	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	R	D	Redação	Desenho		
	Tipologia	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R			D	
T e m á t i c a s	Museu	R			D		D		D	D					1	4	9,09%	36,36%
	Pioneiros	R													1	0	9,09%	0%
	Colonização/Obj. colonização			D	D	D		D	D	D	D	D	D		1	9	9,09%	81,81%
	Objetos Arqueológicos				D							D			1	2	9,09%	18,18%
	Povos Indígenas	R													1	0	9,09%	0%
	Fotografias													D	0	1	9,09%	0%
	Matas Nativas/Terra florestal	R													1	0	9,09%	0%
	Sem redação			R	R	R	R	R	R	R	R	R	R		10	0	90,90%	0%
Sem desenho		D												0	1	0,00%	9,09%	
Legenda:		R - Redação					D - Desenho											

Fonte: Relatório de atividades (1990).

Nesse ano os objetos foram mais bem catalogados no acervo e, por conseguinte, distribuídos e colocados de forma mais adequada a fazer sentido na narrativa construída anteriormente, a qual ampliou a ideia sobre a montagem da exposição e também facilitou as monitorias. Um exemplo foi a montagem da Sala de

Arqueologia Professor José Sabaini, montada e organizada naquele ano, que passou a ser parte do roteiro de monitoria.

Como relatado no capítulo anterior, o ano foi de ampliação sobre o que já estava sendo trabalhado dentro das ações museais, além das novas pesquisas sobre materiais, formas melhoradas de trabalhar as temáticas já presentes e um intensivo trabalho com os visitantes. Naquele momento, a elaboração de materiais próprios sobre arqueologia também foi destaque.

Em 1991, uma maior quantidade de atividades está anexada e nela é possível identificar que as temáticas Museu, Colonização/Obj. colonização, Objetos Arqueológicos e Povos Indígenas estão em evidência, com uma distribuição mais uniforme, contudo Colonização e seus objetos ainda ganham maior relevância. No geral, os trabalhos que falam sobre o indígena retrataram quase que especificamente os objetos referentes à arqueologia, enquanto os demais retrataram o cotidiano, onde o indígena está no passado, usando os objetos encontrados na exposição.

Tabela 5 – Dados obtidos nas atividades anexadas ao relatório de atividade de 1991

		Ano: 1991																											
T e m á t i c a s	Aluno	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	R	D	Redações	Desenhos					
	Tipologia	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D				
	Museu	R									R														2	0	10,53%	0%	
	Pioneiros										D															0	1	0,00%	9,09%
	Colonização/Obj. colonização		D	D	D	D				D	D			D			D	D								0	9	0,00%	47,37%
	Imigração/Imigrantes								R																	1	0	9,09%	0%
	Objetos Arqueológicos			R	R			R	D		D	R	D	D		R	R	D					D			5	10	26,32%	52,64%
	Povos Indígenas	R		D	D			D																		2	6	10,53%	31,58%
	Objetos Indígenas	R																								1	0	9,09%	0%
	Fotografias			D	R	D		D																		1	3	9,09%	15,79%
	Matas Nativas/Terra florestal						D	R	R	D		D	R	D	D	D	D	D	D							3	11	15,79%	57,89%
	Nova Dantzig								R																	1	0	9,09%	0%
	Sem redação		R		R	R	R			R					R	R			R	R	R					10	0	52,64%	0%
	Sem desenho	D																								0	1	0,00%	9,09%
Legenda:		R - Redação					D - Desenho																						

Fonte: Relatório de atividades (1991).

No ano de 1992, o Projeto Piloto de Monitoria passou a ser realizado. Com ele, também houve a confecção de um panfleto explicativo intitulado “Todo dia é dia de índio¹⁶” (Imagem 45), no qual se pode observar a tentativa de informar sobre os

¹⁶ Pelo que consta no documento o panfleto foi produzido com apoio do Cedoc – Centro de

diferentes povos existentes no Brasil, cada uma com sua cultura, costumes, língua, assim como a maneira com a qual foram dizimados, usando o termo “invasão” sobre a presença portuguesa. Após as explicações da monitoria, eram dadas atividades para os alunos realizarem. É possível verificar alguns desses trabalhos, como os dos alunos 1 e 4, nas Imagens 43 e 44.

Apesar de o projeto elaborado citar em seu desenvolvimento a Sala de Arqueologia, o material produzido para aplicação junto aos alunos é muito voltado para o aspecto da colonização, como os elaboradores denominam. Nesse momento, entende-se que esse aspecto foi o escolhido pelos elaboradores envolvidos no projeto de educação informal, a fim de dar destaque à história do município.

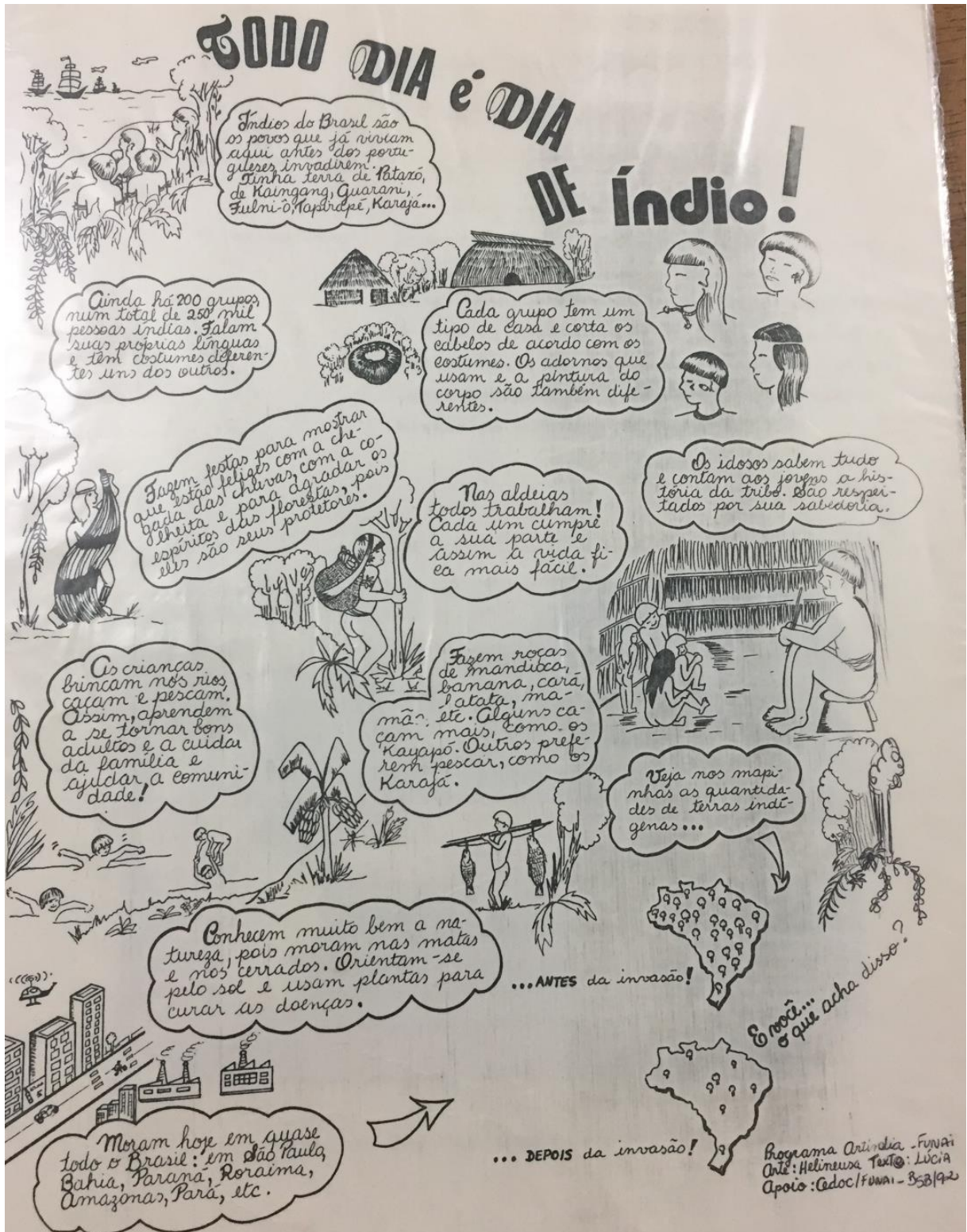
No ano de 1993 não teve desenvolvimento de trabalhos, porém foram utilizados os mesmos materiais conforme apresenta o relatório de atividades desse ano.

Tabela 6 – Dados obtidos nas atividades anexadas ao relatório de atividade de 1992

Ano: 1992													
	Aluno	1		2		3		4					
	Tipologia	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	Redação	Desenho
T e m á t i c a s	Museu									3	2	75%	50%
	Pioneiros									1	0	25%	0%
	Colonização/Obj. colonização									3	3	75%	75%
	Imigração/Imigrantes									0	1	0%	25%
	Fotografias									1	1	25%	25%
	Solo fértil									0	1	0%	25%
	Matas Nativas/Terra florestal									2	1	50%	25%
	Nova Dantizig									1	1	25%	25%
	Sem redação									1	0	25%	0%
	Sem desenho									0	1	0%	25%
	Legenda:												

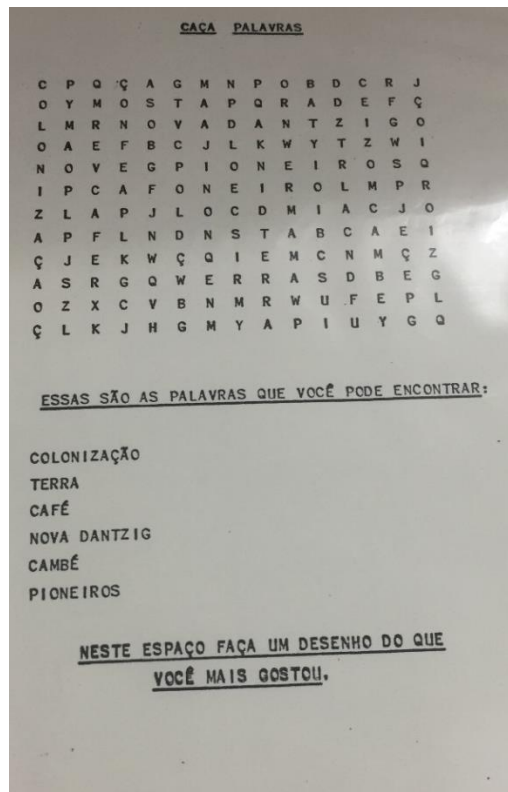
Fonte: Relatório de atividades (1992).

Figura 45 – Anexo do relatório de atividades de 1992



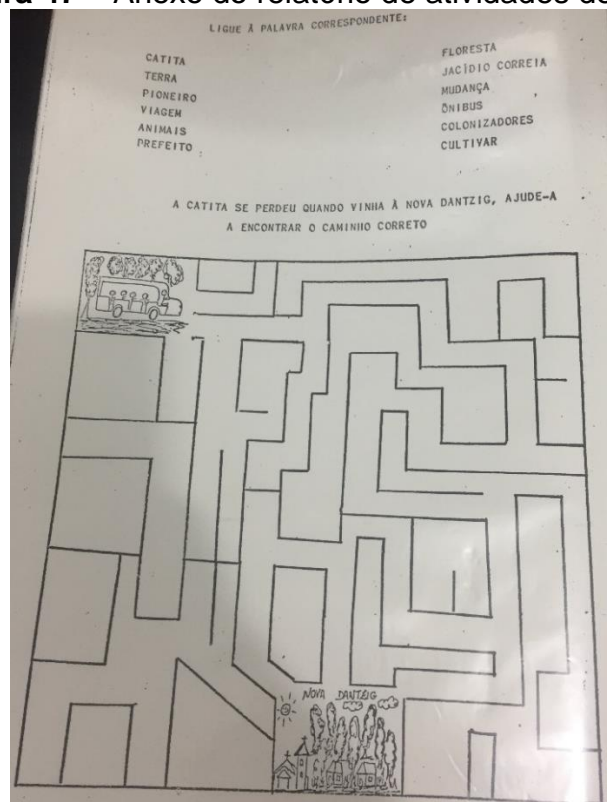
Fonte: Relatório de atividades (1992).

Figura 46 – Anexo do relatório de atividades de 1992



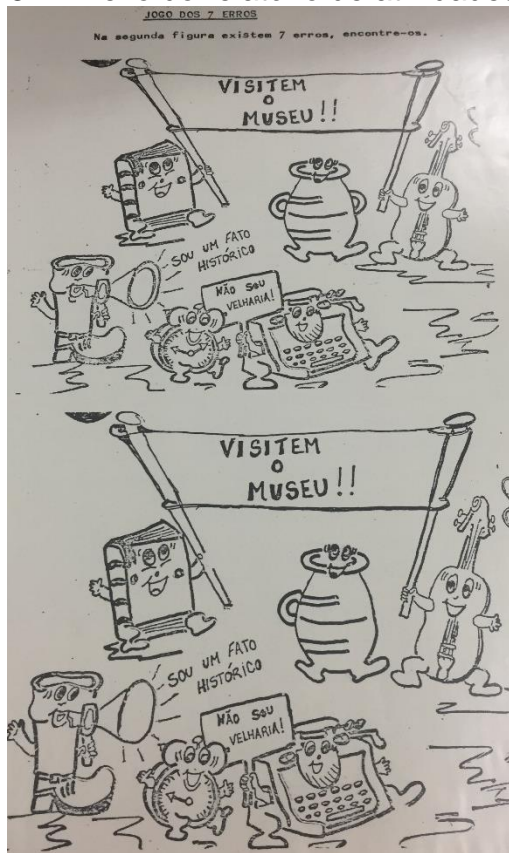
Fonte: Relatório de atividades (1992).

Figura 47 – Anexo do relatório de atividades de 1992



Fonte: Relatório de atividades (1992).

Figura 48 – Anexo do relatório de atividades de 1992



Fonte: Relatório de atividades (1992).

Figura 49 – Anexo do relatório de atividades de 1992

LIGUE CORRETAMENTE:

RELIGIÃO	BAILE
DOENÇA	CAMBÉ
EDUCAÇÃO	IGREJA
DIVERSÃO	MÉDICO
NOVA DANTZIG	ESCOLA

PALAVRAS CRUZADAS

- Quando os pioneiros chegaram em nosso município encontraram muitos selvagens.
- O primeiro prefeito eleito em nosso município foi
- Com o passar do tempo o DISTRITO de Nova Dantzig tornou -se um
- Um dos meios de transporte utilizado para chegar à Nova Dantzig foi a
- Já que chegaram em Nova Dantzig os pioneiros cultivaram sua
- O local que preserva a história de uma cidade é o
- Os colonizadores de um lugar são chamados de
- Nova Dantzig, devido à 2ª Guerra Mundial passou a se chamar

1.	A		M		S				
2.	J					★	C		
3.	M		i		P				
4.	C								
5.	T			A					
6.	M	S							
7.	P				R				
8.	C		B						

Fonte: Relatório de atividades (1992).

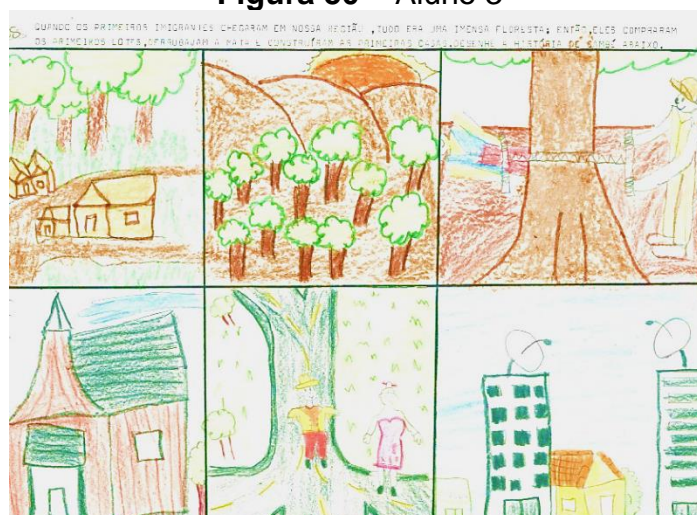
Tabela 7 – Dados obtidos nas atividades anexadas ao relatório de atividades de 1999

Ano: 1999													
	Aluno	1		2		3		4		R	D	Redação	Desenho
		R	D	R	D	R	D	R	D				
T e m á t i c a s	Museu	R		R	D					2	1	50%	25%
	Colonização/Obj. colonização			R			D		D	2	2	50%	50%
	Imigração/Imigrantes	R		R			D		D	2	2	50%	50%
	Objetos Arqueológicos			R						1	0	25%	0%
	Matas Nativas/Terra florestal	R		R			D		D	2	2	50%	50%
	Nova Dantizig			R						1	0	25%	0%
	Café	R								1	0	25%	0%
	Sem redação					R		R		2	0	50%	0%
	Sem desenho		D							0	1	25%	0%
Legenda:		R	R - Redação						D	D - Desenho			

Fonte: Relatório de atividades (1999).

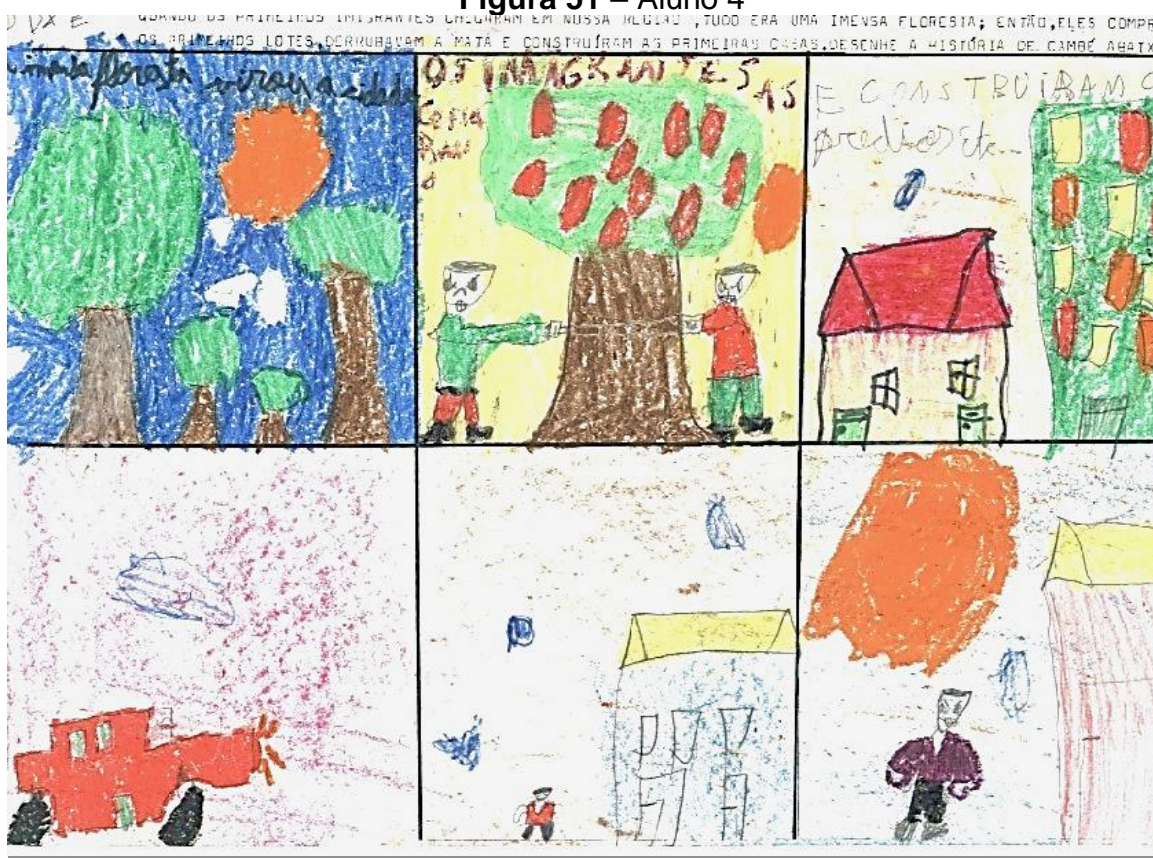
No ano de 1999 ainda são muito representativas as ações voltadas para a colonização, um exemplo disso são as atividades (Figuras 50 e 51) dos alunos 3 e 4. Somente um trabalho fala sobre objetos arqueológicos e nenhum fala sobre os indígenas, nem de modo generalizado. Além disso, a quantidade de temáticas não se diversificou como em anos anteriores da mesma década, sendo reduzida drasticamente.

Figura 50 – Aluno 3



Fonte: Relatório de atividades (1999).

Figura 51 – Aluno 4



Fonte: Relatório de atividades (1999).

No final da década de 1980 e começo da década de 1990 se mostram promissoras a respeito da temática indígena, principalmente em relação à representação dos objetos indígenas e arqueológicos, mesmo que em sua maioria o indígena seja retratado como estático no tempo e espaço. Deve-se considerar que nessa periodicidade as demandas sobre eles eram de um povo explorado, dizimado e que começava a tomar as rédeas de suas vidas, com reconhecimento de seu povo de e garantia de leis por meio da promulgação da Constituição de 1988.

Partindo do projeto iniciado em 1992, observa-se mudanças na gestão e nas iniciativas promovidas no MHC, já que as atividades aplicadas levavam os alunos a desenhar e/ou escrever sobre as temáticas Imigração, Colonização e as mudanças paisagísticas, principalmente as de cunho urbano por conta da derrubada da mata virgem para construção da cidade.

Entende-se que nessa temática estão presentes a narrativa e as representações de progresso que carregam consigo as questões de civilidade, crescimento econômico, juntamente do discurso do vazio demográfico, de sertão desabitado, pioneirismo, entre outros.

Apesar de um começo de desenvolvimento sobre as temáticas indígenas junto à de “Colonização”, elas ainda se mostram tímidas quando colocadas em comparação, demonstrando o poder da narrativa dentro da instituição sobre a história e seu desdobramento com o público.

3.5 ATIVIDADES ANTERIORES E POSTERIORES A IDA AO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ

Neste primeiro momento, será tratado sobre as atividades anteriores à ida ao MHC. Esses desenhos e redações obtiveram intervenção e orientação dos familiares. Essa escolha foi proposital, pois objetivou-se ver como as famílias se relacionam com a história do município e com as crianças, além do que elas aprendem na escola.

Os dados aqui apresentados foram resultados das aulas que esses alunos estavam tendo naquele momento. Portanto, as temáticas ali relatadas são consequências do trabalho desenvolvido principalmente pelas professoras nas aulas da disciplina de História, assim como das pesquisas livres realizadas pelos alunos junto com os pais ou responsáveis, nos cadernos e livros sobre a temática, que foram disponibilizados pela escola e na internet, entre outros meios. Por este motivo, muitos desses trabalhos, principalmente as redações, possuem palavras, diversas vezes até frases completas, idênticas umas às outras.

Não se considera esse motivo como problemático para a análise, pois essas eram as intenções, visto que assim foi possível identificar pequenos pontos que interferem no processo de ensino e aprendizagem sobre a História, tanto no que está presente no que a mídia e os veículos de informação que a população em geral tem acesso como nos livros e informações que as escolas e professores responsáveis por esse processo disponibilizam.

A seguir, é possível ver os dados da tabela resultante dessas atividades após serem analisadas.

Tabela 8 – Dados obtidos nas atividades aplicadas com 30 crianças no ano de 2019

Atividades anteriores a visita ao Museu Histórico de Cambé																																		
Aluno	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	R	D	Redação	Desenho
Tipologia	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D				
C.T.N.P	R					R				R										R											8	0	26,67%	0%
Matas Nativas/Terra florestal	R									R										R											11	10	36,67%	33,34%
Solo fértil	R																														7	1	23,34%	3,34%
Imigração	R																														13	8	43,34%	26,67%
Pioneiros	R																														1	0	3,34%	0%
Nova Dantizig	R																														18	3	60%	10%
Colonização	R																														5	2	16,67%	6,67%
Povos Indígenas	R																														10	3	33,34%	10%
Estrada/Distrito da Prata	R																														1	0	3,34%	0%
Espaço Rural	R																														3	2	10%	6,67%
Objetos Arqueológicos	R																														1	0	3,34%	0%
Aspectos Atuais	R																														7	10	23,24%	33,34%
Museu	R																														5	2	16,67%	6,67%
Espaço Urbano	R																														7	4	23,24%	13,34%
Agricultura/Café	R																														9	5	30%	16,67%
Sem redação																															1	0	3,34%	0%
Sem desenho																															0	2	0,00%	6,67%

Legenda: R - Redação D - Desenho

Fonte: Atividades realizadas em 2019.

São 30 trabalhos e ao todo foram desenvolvidas 15 temáticas pelos alunos, uma diversidade grande de temas, já que eles estavam em seu primeiro ano de aprendizagem formal a respeito da história do município. É importante frisar que aqui foi tratado somente sobre os conhecimentos de História sobre o município de Cambé.

Entre os dados encontrados nas redações, as temáticas mais desenvolvidas foram Nova Dantzig, Imigração, Matas Nativas/Terras Florestais e Povos Indígenas, enquanto nos desenhos as Matas Nativas/Terras Florestais, Aspectos Atuais e a Imigração foram os mais representados, sendo apenas 3 (10%) sobre os povos indígenas.

Nesse momento, escolheu-se ater às redações e aos desenhos que trouxeram os aspectos sobre a temática indígena para serem analisados e demonstrados com maior destaque, levando em conta que este é o objetivo buscado com esta pesquisa.

O aluno 4 comentou sobre os “diversos povos indígenas” que aqui viviam, que “a região foi conquistada ao longo do tempo de forma brutal, com práticas de perseguição, escravidão e guerras” e que depois disso esses povos passaram a viver aldeados em áreas delimitadas pelo estado. Em seu desenho não há representação dessa parte de sua narrativa, mostrando somente o começo da colonização, com aspectos da agricultura, pequenos comércios, a linha férrea e a estação de trem.

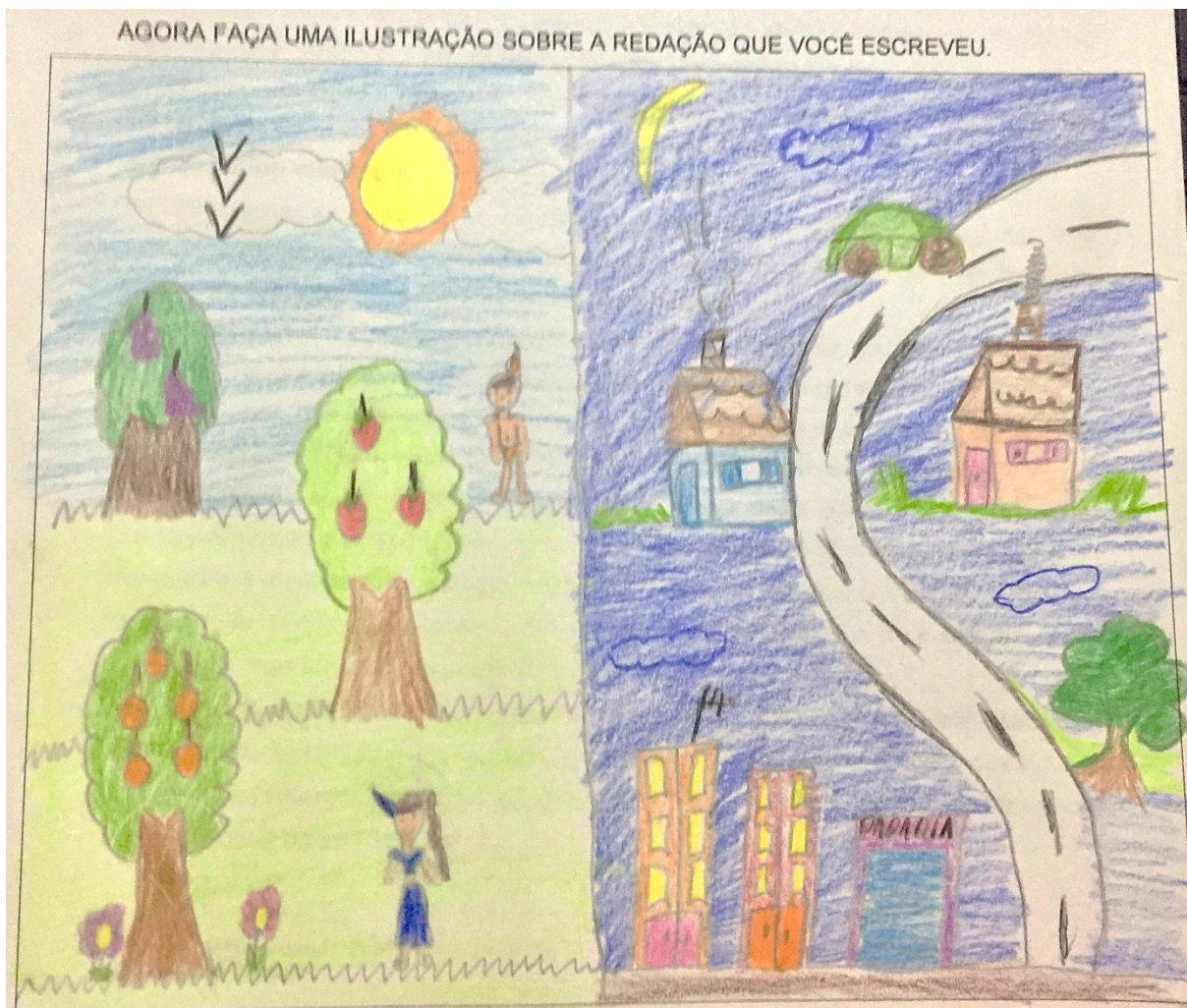
Já ao observar sua redação e desenho posteriores à ida ao MHC, a mesma criança relata que os objetos arqueológicos foram os que mais atraíram sua atenção durante a monitoria; além disso, ela comentou ter aprendido a respeito da presença de um sítio arqueológico na cidade, de onde as peças vieram. Em seu desenho só foi encontrada a representação de cestaria indígena, sem mais nenhum aspecto sobre o indígena ou sua cultura.

O aluno 9 relatou que o que mais lhe impressionou foi sobre o extermínio de indígenas pelas pessoas que vieram morar aqui, mas em seu desenho foram retratados aspectos atuais que lhe foram apresentados em um vídeo em sala de aula. Posteriormente à ida ao MHC, ele citou ver a cerâmica, mas sem contextualizá-la e retratá-la no desenho.

O aluno 13 falou sobre os povos indígenas que habitavam a região antes da

chegada dos imigrantes e como eles viviam nas matas e dependiam da natureza. Ele disse que o que mais lhe chamou a atenção foi esse aspecto e também o retratou no desenho.

Figura 52 – Aluno 13



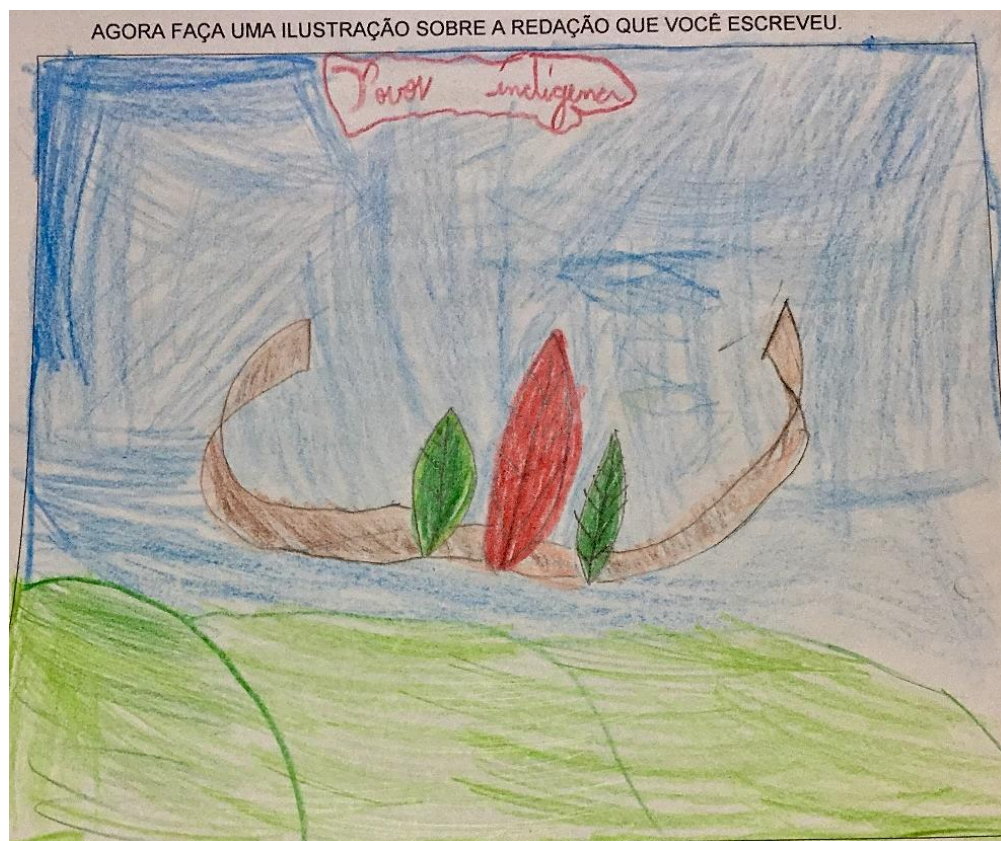
Fonte: atividade realizada em 2019.

No desenho, o indígena foi retratado em trajes típicos e penas como um cocar, estereótipo atribuído também na redação, mostrando-o em meio à mata. Em sua atividade posterior à ida ao MHC, as peças arqueológicas foram o destaque da sua visita, conforme relatou em sua redação, mas elas não foram retratadas no desenho. Isso demonstra que o aluno entendeu quem as produziu, onde, por quem foram encontradas e o porquê de estarem no museu.

O aluno 16 também falou sobre os aspectos gerais de onde e como os povos indígenas viviam na região do município e desenhou um cocar como representação

dos povos indígenas. Depois da monitoria do MHC, o aluno citou sobre os artefatos que viu e os desenhou destacando qual mais lhe agradou.

Figura 53 – Aluno 16



Fonte: atividade realizada em 2019.

O aluno 20 falou de modo geral como os anteriores sobre os povos indígenas e acrescentou o conhecimento sobre objetos arqueológicos que foram encontrados no município, que afirmam sua presença na região.

Em todos esses trabalhos foi possível encontrar as representações do imaginário das crianças, que demonstram suas visões sobre o indígena, e em todas elas o estereótipo do indígena é daquele que vive na mata e que deve ser conquistado e civilizado.

Sobre os estereótipos, Mancini e Troquez (2009, p. 185) apresentam como se dão essas construções, que geralmente são carregadas de preconceitos e ideias erradas sobre os indígenas e sua circulação no senso comum. As autoras ressaltam que a constatação de que eles são representados de forma errônea é recente dentro do campo das Ciências Sociais, graças ao descentramento do etnocentrismo

européu. (MANCINI; TROQUEZ, 2009, p. 186).

Dentro dessa mesma perspectiva, Almeida (2017) esclarece sobre como a historiografia e a forma de abordar o papel do indígena na História do Brasil são causadoras desse processo construtivo sobre o indígena.

Os índios sempre estiveram na história do Brasil, porém, *grosso modo*, como força de trabalho ou como rebeldes que acabavam vencidos, dominados, escravizados, aculturados ou mortos. Suas ações não eram, absolutamente, consideradas relevantes para a compreensão dos rumos da história. (...) As narrativas de conquista e colonização enalteciam a ação heroica e desbravadora dos portugueses, enquanto os índios pareciam ser facilmente vencidos, catequizados e transformados por eles. (ALMEIDA, 2017, p. 18-19 – grifos do autor).

Além disso, Cunha (1992) esclarece questões como a construção da identidade paranaense, vista anteriormente, dizendo que esta se assemelha à forma como foi a da identidade brasileira: branca, civilizada e progressista. A autora também fala da construção de herói desbravador promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) no século XIX e boa parte do século XX, tendo reflexo no norte paranaense, no qual não há espaço para os cidadãos comuns, muito menos para os indígenas, promovendo a aculturação, branqueamento, civilidade e progresso, incluindo nisso o aperfeiçoamento das 3 raças.

Em outro momento, há o mito da democracia racial que tratou os indígenas como bárbaros do sertão (selvagens) ou de maneira idealizada, com virtudes apreciadas, como sua relação com a flora e fauna, sua ingenuidade, seu respeito e harmonia ao viver na natureza. Neste aspecto, o indígena encontra-se em condição de degradação, pois em contato com a civilização ele não seria mais o que é.

Outro fator importante é a respeito da extinção das aldeias e das terras destinadas a esses povos, o que não é visto com bons olhos pela população em geral, dado que a construção que se tem do indígena é pautada no combate a ele mesmo, de modo ele ainda deva manter suas relações tradicionais como no passado. Isso levou a uma forma de apresentação dos indígenas onde eles estão fora da história em geral.

Predominantes em nossa historiografia e continuamente alimentadas pela mídia e pelas narrativas históricas em escolas, colégios e universidades, essas ideias foram facilmente

incorporadas no imaginário da população brasileira, com imensos prejuízos para todos, mas principalmente para os índios. (...) Ainda muito presentes no senso comum da população brasileira, essas ideias, além de extremamente danosas à autoestima dos índios, reforçam entre os não indígenas sentimentos preconceituosos e discriminatórios que resultam em atitudes de intolerância e violência contra eles. Desconstruí-las é tarefa essencial dos historiadores. É o que tem sido feito nas últimas décadas, com resultados ainda bastante acanhados em face das imensas dificuldades em desconstruir concepções tão profundamente arraigadas. (ALMEIDA, 2017, p. 20).

Movimentos de desconstruções sobre a História Indígena passaram a ser incorporados na historiografia a partir dos anos 1970 e 1980, mas eles só pautaram suas pesquisas onde o protagonismo indígena é o foco principal a partir de 1990. Assim como Almeida (2017), Mancini e Troquez (2009, p.189) ressalta o seguinte:

Entretanto, cabe ressaltar que esta nova forma de tratar a questão indígena ainda está muito restrita aos espaços acadêmicos e, mesmo que já venha sendo veiculada, ainda que timidamente, por diversos mecanismos (imprensa, congressos e seminários nacionais e internacionais), há forças políticas interessadas na manutenção de estereótipos sobre os indígenas, especialmente aqueles que os representam como preguiçosos e, em consequência, como empecilhos ao desenvolvimento econômico das regiões as quais ocupam ou por direito reivindicam ocupar. Por outro lado, observamos que os estereótipos e representações desfavoráveis aos indígenas foram sendo produzidos e reproduzidos sistematicamente ao longo dos mais de 500 anos de conquista.

Na região em que se situa o MHC, são marcantes as relações de poder em que o apagamento do indígena é de interesse das elites, assim como Cláudia E. P. M. Martinez e Angelita M. Visalli também identificaram no MHL, ou seja, como a narrativa expográfica por eles adotada ressalta sobre a história da região, exaltando-a somente após a compra de terras pela CTNP e com a recusa de materiais arqueológicos para compor o acervo (MARTINEZ; VISALLI, 2018, p. 248).

No MHC havia espaço dentro do acervo e na exposição, principalmente no começo da década de 1990, mas com as disputas de poderes – e também das relações entre essas duas instituições e outras da região -, a narrativa sobre a colonização teve força e com os poucos investimentos em desconstruir essas narrativas. Assim, percebe-se que somente o trabalho do MHC não foi suficiente.

Tendo em vista como os índios eram representados pelas crianças, em todas

as décadas aqui analisadas dentro do MHC, eles os protagonistas de sua história. A apresentação da temática indígena de forma quantitativa não prosperará se seu aspecto qualitativo não priorizar o indígena como indivíduo dono de si e da sua história.

Para perceber como os alunos representaram o indígena após sua visita ao MHC, os trabalhos foram separados por turmas, sendo A, B e C. A seguir, é possível verificar as tabelas¹⁷ resultantes da quantificação realizada nas análises resultantes de 60 atividades aplicadas.

¹⁷Os gráficos com as porcentagens sobre as temáticas estão nos anexos.

Tabela 9 – Dados obtidos nas atividades aplicadas com 21 crianças da turma A, no ano de 2019

Atividades após a visita ao Museu Histórico de Cambé - Turma A																											
Aluno	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	R	D	Redação	Desenho		
Tipologia	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	Redação	Desenho	
Matas Nativas/Terra florestal				R			R										R						2	0	9,52%	0%	
Imigração							R	D					D		R		R							3	2	14,29%	9,52%
Pioneiros														R			R	D		D				3	1	14,29%	4,76%
Nova Dantzig				R	R																			2	0	9,52%	0%
Colonização			D	D	D		D	R		D		R		D					R					4	6	19,05%	28,57%
Povos Indígenas		R	D		R			R			D				R		R							5	2	23,81%	9,52%
Estrada/Distrito da Prata	R	R	R			R	R					R					R		R					8	0	38,10%	0%
Espaço/Zona Rural							R		R	R														3	0	14,29%	0%
Objetos Arqueológicos		D	R	R	R	R	R	D	R		R	D	D	D	R	R	D	R	R	D				11	14	52,38%	66,67%
Aspectos Atuais		D	R	D																				1	2	4,76%	9,52%
Museu	R	R	R	R	R	D					R	R	R		R	R	R							12	1	57,14%	4,76%
Casas das 1ª famílias		R																				R		2	0	9,52%	0%
Antiga Estação Ferroviária			R																					1	0	4,76%	0%
Vila Rural							R	R				R	R				R							5	0	23,81%	0%
I.B.C								R			D				R				R					3	1	14,29%	4,76%
Parque Histórico <i>Danziger Hof</i>								D		R	R	R			R	R	R			R				7	1	33,33%	4,76%
Objetos Indígenas								D		R	D						R		R					3	2	14,29%	9,52%
Sítios Arqueológicos											R	R	R						R		R			5	0	23,81%	0%
Café																								1	0	4,76%	0%
Sem desenho																						D	D	0	1	0,00%	4,76%
Sem redação																						R		1	1	4,76%	4,76%

Legenda: R - Redação D - Desenho

Fonte: Atividades realizadas no ano de 2019.

Tabela 10 – Dados obtidos nas atividades aplicadas com 16 crianças da turma B, no ano de 2019

Atividades após a visita ao Museu Histórico de Cambé - Turma B																				
Aluno	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	R	D	Redação	Desenho
Tipologia	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	Redação	Desenho
Matas Nativas/Terra florestal																	0	1	0%	6,25%
Pioneiros																	0	1	0%	6,25%
Nova Dantzig																	5	0	21,25%	0%
Colonização																	10	8	62,50%	50%
Povos Indígenas																	2	0	12,50%	0%
Estrada/Distrito da Prata																	10	3	62,50%	18,75%
Espaço/Zona Rural																	9	2	56,25%	12,50%
Objetos Arqueológicos																	8	2	50%	12,50%
Aspectos Atuais																	9	7	56,25%	43,75%
Museu																	13	0	81,25%	0%
Antiga Estação Ferroviária																	1	0	6,25%	0%
Vila Rural																	2	0	12,50%	0%
I.B.C																	4	0	25%	0%
Parque Histórico <i>Danziger Hof</i>																	6	1	37,50%	6,25%
Objetos Indígenas																	0	1	0%	6,25%
Sítios Arqueológicos																	1	0	6,25%	0%
Missão Jesuítica																	1	0	6,25%	0%
Sem desenho																	0	2	0%	12,50%
Legenda: ■ R - Redação ■ D - Desenho																				

Fonte: Atividades realizadas no ano de 2019.

Tabela 11 – Dados obtidos nas atividades aplicadas com 20 crianças da turma C no ano de 2019

Atividades após a visita ao Museu Histórico de Cambé - Turma C																								
Aluno	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	R	D	Redação	Desenho
Tipologia	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	R	D	Redação	Desenho
Imigração																					1	0	5%	0%
Pioneiros	R				R	R		D			R		R	D	D						6	4	30%	20%
Nova Dantzig			R					R											R		3	0	15%	0%
Colonização	R				R	D	D	D		R			R	D	D	R					10	6	50%	30%
Povos Indígenas			R		R			R			R				R				R	R	8	0	40%	0%
Estrada/Distrito da Prata										R									R		2	0	10%	0%
Espaço/Zona Rural			R					R	R			R	R	R	R	D	R		R	R	12	1	60%	5%
Objetos Arqueológicos	R	D	R		R	R	D	D	D	D	D	D	D	D	D		R	D	D	D	14	13	70%	65%
Aspectos Atuais	R		R				R	R	R		R			R		R		R	R	R	9	1	45%	5%
Museu			R		R		R	R	R		R				R	R	R	R	R	R	13	0	65%	0%
Vila Rural														R							1	0	5%	0%
I.B.C										R											1	0	5%	0%
Parque Histórico <i>Danziger Hof</i>	R		R					R	R	R	R						R				7	0	35%	0%
Objetos Indígenas	R			R	D			D			D										2	3	10%	15%
Café			R	D			R		R			R			R				R	R	7	1	35%	5%
Legenda:																								
																				R - Redação	D - Desenho			

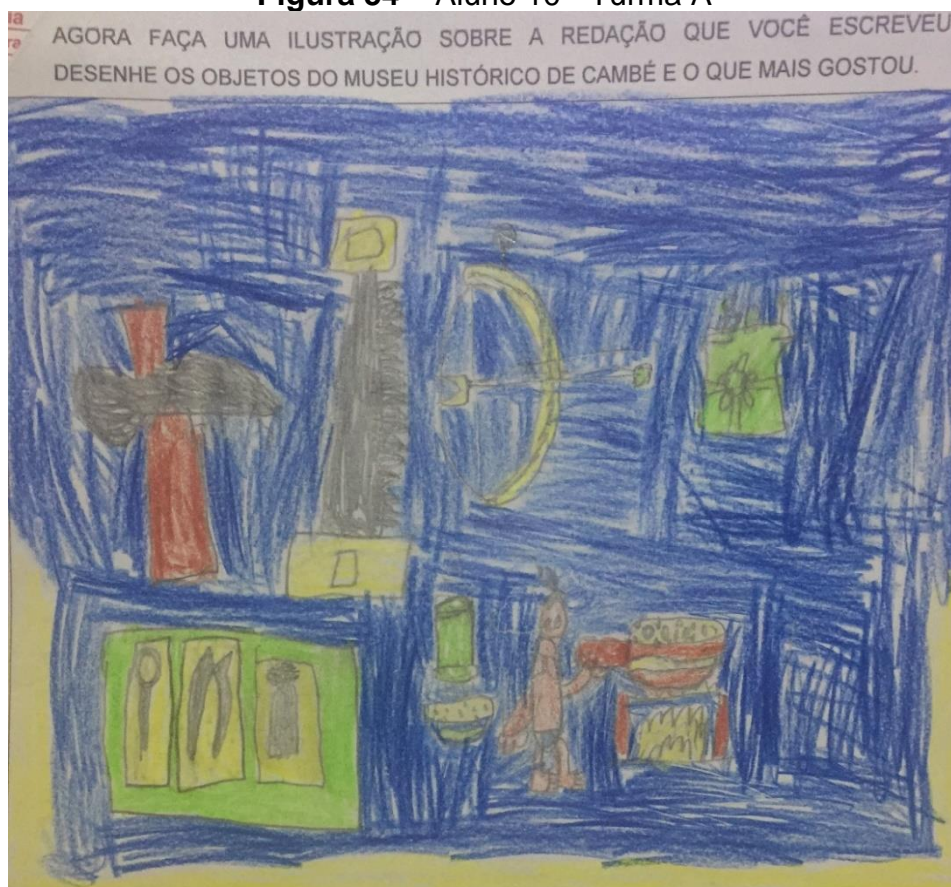
Fonte: Atividades realizadas no ano de 2019.

A variação das temáticas também se apresenta aqui e uma distribuição razoavelmente igual entre elas é notável. Começando pela turma A, em que nas redações o Museu (57,14%) e os Objetos Arqueológicos (52,38%) são as temáticas mais recorrentes. Entre os desenhos, os Objetos Arqueológicos (66,67%) e a Colonização (28,57%) são os destaques, enquanto os Povos Indígenas, Objetos Indígenas e Sítios Arqueológicos são temáticas que ganham mais destaque após o passeio realizado pelos alunos.

Os desenhos em geral reproduzem as peças de cerâmicas e líticas (machadinha) e demonstram que foi dessa parte da exposição que os alunos mais gostaram no MHC, mas também apresenta juntamente outros aspectos relatados durante todo o trajeto estabelecido pelo projeto.

No desenho do aluno 10 há a representação de um indígena utilizando os objetos por eles produzidos, revelando também a apresentação do estereótipo, mostrando que quando se fala dos povos indígenas é novamente de forma genérica.

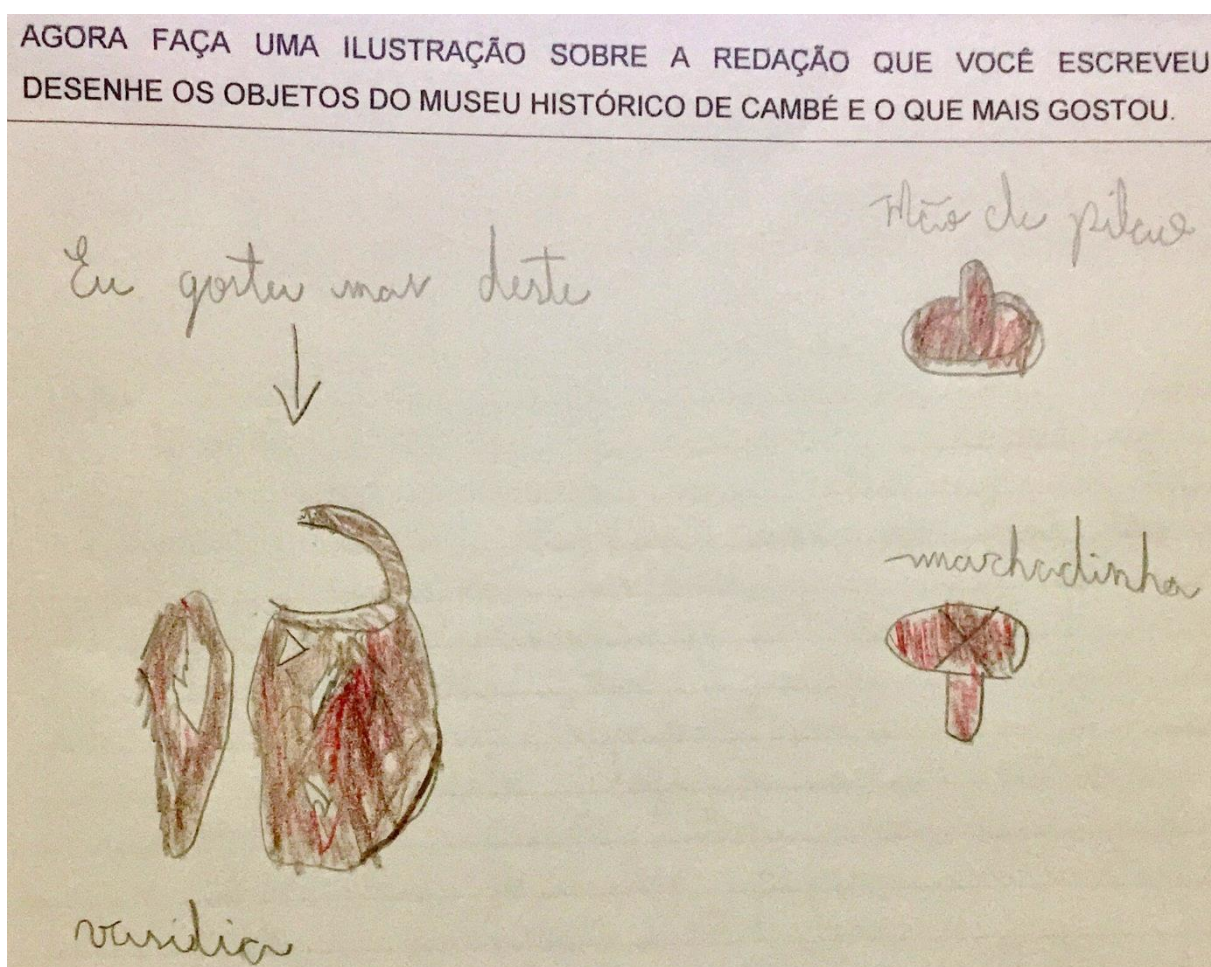
Figura 54 – Aluno 10 - Turma A



Fonte: atividade realizada em 2019.

Na turma B, as temáticas também estão mais distribuídas, mas o destaque aqui já se volta para a Colonização, Aspectos Atuais e Espaço/Zona Rural. Não há representado em desenho o indígena, mas somente os objetos arqueológicos e objetos indígenas. Nas redações, eles são citados de forma geral para mostrar que são os autores das peças arqueológicas e outros objetos presentes no museu.

Figura 55 – Aluno 18 - Turma B



Fonte: atividade realizada em 2019.

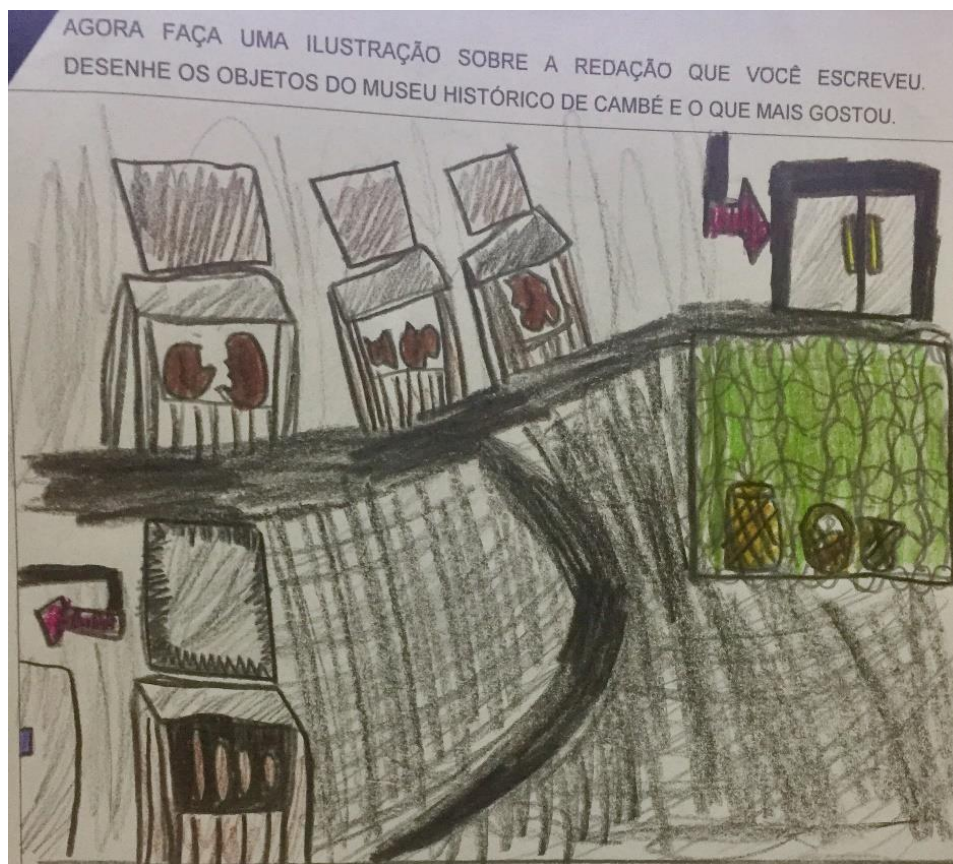
Na turma C, as temáticas mais presentes são os Objetos Arqueológicos (70%), o Museu (65%), o Espaço/Zona Rural (60%) e a Colonização (50%); já nos desenhos, são os Objetos Arqueológicos (65%) e a Colonização (30%).

O aluno 19, por exemplo, foi representativo sobre como entendeu sobre os povos indígenas, relatando a maneira como eles viviam e faziam os vasos cerâmicos, mas sem falar como eles vivem hoje. Já o aluno 7 desenhoun detalhadamente o caminho realizado na exposição e a forma como os objetos

estavam expostos, priorizando a parte onde a narrativa é sobre o indígena.

No ano de 2019, as peças saíram da Sala de Arqueologia e foram expostas junto de outros objetos indígenas do acervo, compondo uma nova forma expositiva, com outros elementos, como uma parede de bambus, armadilha de pesca, cocares e flechas.

Figura 56 – Aluno 7 - Turma C



Fonte: Atividade realizada em 2019.

É interessante observar a diminuição das temáticas Pioneiros, Imigração, e Matas Nativas/Terra Florestal, em comparação com as redações e desenhos antes da visita ao MHC. Nesse período está mais presente a parte dos objetos observados, expressivamente os arqueológicos.

Em relação à maneira de representar o indígena nos desenhos e redações, foi sempre de modo generalizado, com o uso da palavra “índio”, mesmo que durante as aulas e das monitorias no Museu o termo “indígena” tenha sido o usado.

Sobre a Missão Jesuítica *San Joseph*, apenas um aluno relatou sobre e também de forma genérica. Já sobre o Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia

há mais relatos, pois este é o local indicado na narrativa onde os objetos arqueológicos são encontrados.

Dos estereótipos e preconceitos mais recorrentes indicados por Mancini e Troquez (2009), como generalizações e simplificações – conforme encontrados nos exemplos aqui demonstrados, principalmente nas redações, em que os indígenas são considerados como uma categoria única, ignorando seus diferentes modos de ser e diversos grupos étnicos –; situando o indígena no passado e mostrando que eles fizeram parte do lugar que hoje habitam, mas que não mais integram a sociedade.

Já o menos identificado nessas análises, mas que ainda é presente de forma implícita de representação, foi considerar que os índios perderam a identidade ou são aculturados – já que em sua maioria a representação é somente do indígena no passado, mesmo que em diversos momentos eles estejam apresentados como parte integrante e participativa da sociedade atual e ainda se encontrem bem presentes no espaço, como frequentadores de escolas, universidades e espaços coletivos públicos.

Mesmo que as escolas, os museus e as políticas afirmativas e movimentos de articulações sobre e pelos povos indígenas se apresentem aparentemente há mais de uma década no MHC, ainda se encontra incrustado no imaginário os estereótipos e preconceitos de anos de construções representativas.

Não se trata aqui de impor que se reformule totalmente o que foi construído historicamente até os dias atuais, mas de propor que os grupos indígenas e demais grupos minoritários histórica e socialmente estigmatizados/ estereotipados/excluídos sejam “lidos” e representados de outra forma. Esta “nova” leitura deve ser assumida, entre outros, pelos proponentes de políticas públicas (afirmativas) as quais, muitas vezes, acabam sendo impostas à sociedade e, nem sempre, no bojo, são isentas de estereótipos e/ou preconceitos.

Neste sentido, é preciso pensar os processos educativos no sentido de reverter/desconstruir a imagem equivocada e preconceituosa ainda existente sobre as sociedades indígenas (isto vale, também, sobre as demais minorias – étnicas e/ou sociais). Faz-se necessário evitar conceitos estereotipados em que os índios são vistos como preguiçosos, “a - históricos”, “primitivos”, “reserva moral da humanidade”, detentores de uma “pureza cultural ancestral intacta”, “grupos em extinção”, entre outras. (MANCINI; TROQUEZ, p. 200, 2009).

Entende-se que falta efetuar com maior destaque nesses locais as práticas de

desconstrução dessas imagens e representações, partindo da ação transformadora junto de todos esses agentes, para que conhecimentos mais condizentes com a história e protagonismo indígena sejam a vertente desses espaços e instituições.

É indiscutível o papel que os objetos arqueológicos têm nas atividades aqui apresentadas, indiferentemente da década analisada. A arqueologia é tão presente no acervo como na exposição e acaba demonstrando essa força quando relatada pelos alunos.

Independentemente de uma reformulação na maneira como esses objetos estão expostos, com outros objetos indígenas junto deles, sua “oponência” unida à narrativa feita pela monitoria ali realizada retém a atenção dos alunos. A forma de resistência temporal dos indígenas e a maneira com que foram encontrados fazem com que as crianças entendam a importância deles para a história da região e dos povos indígenas que aqui viviam e vivem.

Scifoni (2015, p.197) relata que na maioria dos museus:

As atividades educativas não fazem parte das prioridades de trabalho ou elas estão relegadas à etapa final dos estudos e ações de identificação e proteção do patrimônio, funcionando meramente como divulgação dos bens tombados ou como forma de resolução de conflitos gerados pela ausência de participação social no processo.

Nesse ponto o MHC se diferencia, pois nitidamente as ações educativas estão entre suas prioridades, visto que além de efetuar-las, seus resultados são registrados em formato de atividades elaboradas pelos alunos ou por meio dos registros fotográficos das exposições montadas e do público participante.

Constatou-se que a predileção se encontrava e ainda se encontra nas ações educativas e assim prevaleceu durante as décadas subsequentes de sua inauguração, pois independentemente da maneira que os agentes responsáveis as conduziam, ela não deixa de ser a pauta principal da instituição.

Praticamente todos os passos conduzidos ali, como a organização do acervo e dos objetos escolhidos para participar das exposições, foram dados pensando em como iriam atingir a comunidade, seja como uma maior atração do público, seja para formação de instrução e divulgação de informação.

A participação humana dentro da instituição, tanto do público como dos funcionários e agentes responsáveis pelas ações ali estabelecidas, se mostrou

necessária para o seu desenvolvimento. Foi importante perceber as nuances de modificações nessas ações, conectadas com as mudanças nas gestões de direção administrativa do próprio museu e com a política gestora do município e secretárias adjuntas. Sem o mapeamento dessas transições, não seria possível traçar os porquês e como elas se estabeleceram durante os anos.

Constatou-se que os indivíduos comuns são realmente os componentes da relação estabelecida dentro e fora do MHC, porém, há nesse entremeio as forças dos poderes estabelecidos no imaginário coletivo formado pelas elites predominantes, pois dentro da instituição se estabeleceram maneiras e condutas realizadas fora do âmbito institucional, principalmente as que se referem ao indígena, sua cultura e modo de viver na sociedade atual.

Por mais que as intenções de quebra de estigma e estereotipação por parte do MHC e das ações recentes da mídia e sociedade em geral estejam em pauta, muitas condutas tidas pela instituição, escolas e outros setores da sociedade ainda resistem e continuam os reproduzindo. Há evidência e reprodução dessas ações nos desenhos, em todas as décadas aqui analisadas, em especial nas ilustrações e redações atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traçando minha trajetória de formação, consigo identificar o momento exato em que passei a me interessar especificamente pela ação educativa realizada no MHC. Em 2014, quando me encontrava como única responsável por esta tarefa, enquanto estagiária na instituição, também me sentia muito responsável nesse momento como ser integrante desse processo. Com isso, as preocupações com a responsabilidade que meus superiores confiaram a mim pesaram e passei a repensar o movimento que estava estabelecendo com o público, principalmente com as crianças.

Realizo algumas pesquisas, basicamente para as aplicações dentro das monitorias, mas não me aquieto com o que encontro e sinto falta de muitas respostas, inclusive para poder responder às crianças, que imaginativas como são, sempre nos fazem pensar por caminhos não antes imaginados.

Só consegui realmente buscar respostas no final de 2016, quando já não era mais estagiária da instituição, da qual tive alguma dificuldade de estabelecer certo distanciamento para realizar as análises necessárias. Julgava essa parte da pesquisa importante, pois estava envolvida com a instituição e com todos os indivíduos que construíram a narrativa ali colocada em prática, sendo eu também parte responsável por essa construção.

Partindo do meu encantamento inicial com a arqueologia e os objetos, até então inéditos para mim, questionei o papel da temática indígena dentro da instituição e assim comecei a criar meus questionamentos geradores da problemática de pesquisa.

Desse modo, o presente estudo objetivou analisar como a temática indígena foi desenvolvida e trabalhada pela ação educativa patrimonial do MHC, desde sua fundação, em 1985, até 2019. Tarefa desafiadora pela quantidade e diversidade de documentação levantada e produzida para atingir tal objetivo e a corrida contra o tempo disponível.

No primeiro capítulo foram abordadas as primeiras ações educativas realizadas pelo MHC após sua criação, na década de 1980, bem como buscou-se compreender como elas eram realizadas confrontando os relatórios de atividades com as entrevistas. Constatou-se que as práticas de caráter educativo patrimonial transiciona sobre os aspectos da (re)ocupação do espaço pelos denominados

“pioneiros” para abordagens de temática indígena, intensificada a partir do ano de 1988. As duas convivem disputando o espaço das ações educativas e, motivadas pelas frentes de alterações historiográficas e de influência da Constituinte de 1988, elas ganharam espaço por meio dos indivíduos responsáveis dentro da instituição.

No segundo capítulo, as alterações nas ações educativas durante as décadas de 1990 e 2000 foram mapeadas e houve reverberação referente ao avanço da temática indígena na região de Cambé, em consequência da revelação do Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia e da evidência da Missão Jesuítica *San Joseph* que ocorreu entre 1625 e 1631.

Percebeu-se que as mudanças diretas na instituição e de composição de funcionários foram decisivas para as ações ali realizadas. Juntamente a isso, entendeu-se que algumas das ligações entre as instituições da região, assim como as trocas de informações e conhecimentos e os pontos de rupturas entre elas, ilustram como se estabeleceu as construções narrativas da história regional.

No terceiro e último capítulo, buscou-se estruturar os reflexos das mudanças e das diferenças de representações e desenvolvimento da temática indígena no MHC, desde sua fundação até o presente momento, e sua influência no imaginário do seu público-alvo, que está registrada nos desenhos e redações dos alunos, do período compreendido entre 1980 a 1990 e 2019. Aqui foram encontrados estereótipos em relação à representação do indígena, sua cultura e hábitos, explicitados nos desenhos e nos relatos das redações, nas três décadas analisadas.

Esperava-se encontrar persistências, mas principalmente rupturas a respeito da temática indígena. Alguns avanços em relação à quantidade de trabalhos relacionados à temática são benéficos, principalmente em relação aos objetos arqueológicos, demonstrando ser esta a sua especificidade dentro das ações educativas patrimoniais.

Porém, perniciosas são as permanências sobre o imaginário em relação ao indígena, demonstrando o caráter preconceituoso e estereotipado da formação do conhecimento histórico sobre esses povos, muito além dos domínios do MHC, assim como das escolas e comunidade em geral, responsáveis pela criação e persistência desse panorama.

Além disso, procurou-se compreender quais os avanços possíveis de serem realizados, caso sejam abordadas outras instituições da região norte do Paraná em pesquisas futuras, e fez-se um comparativo entre as condutas estabelecidas em

torno da temática indígena, o que encoraja a continuar buscando respostas e perguntas além das aqui encontradas e produzidas.

O cenário não se diferenciou muito quando se buscou sobre tal temática e como ela está sendo tratada em âmbito nacional, pois é recorrente nos noticiários, jornais e meios de comunicação gerais a maneira como estão sendo abordadas e consideradas na sociedade, particularmente pelos governos atuais. Se dependesse de se ater a esses aspectos, haveria desesperança no que se refere aos caminhos que se seguem no futuro.

Portanto, resta acreditar que assim como os próprios indígenas que resistem há mais de 500 anos, nós também devemos continuar resistindo, e ainda é necessário continuar a busca pelo seu reconhecimento e valores tão caros e merecidos, especialmente para que se entenda o porquê da situação de caos atual.

Espera-se que outros pesquisadores e estudiosos interessados nesse tema tragam novos olhares para história construída pelos indivíduos comuns e responsáveis pelas permanências e rupturas do nosso viver e da nossa sociedade. Entende-se que com a geração de novas pesquisas e ponderações, vislumbres de novas correntes de pensamento e perspectivas gerais podem reverberar também nos indivíduos comuns.

REFERÊNCIAS

FONTES

Acervo do Museu Histórico de Cambé, setor de Documentação (relatórios de atividades, ações patrimoniais, projetos etc.).

Atividades realizadas em 2019 em uma escola do município de Cambé. 30 alunos.

Atividades realizadas em 2019 em uma escola do município de Cambé. Turma A. 21 alunos.

Atividades realizadas em 2019 em uma escola do município de Cambé. Turma B. 16 alunos.

Atividades realizadas em 2019 em uma escola do município de Cambé. Turma C. 20 alunos.

ENTREVISTAS

ALDUAN, Rosângela. Entrevistadora: Bruna Garcia Catarino. Entrevista cedida em 7 de maio de 2019.

CORTEZ, Cesar. Entrevistadora: Bruna Garcia Catarino. Entrevista cedida em 30 de abril de 2019.

PARELLADA, Claudia Inês. Entrevistadora: Bruna Garcia Catarino. Entrevista cedida em 12 de abril de 2019.

PAVINATO, Eduardo Roberto. Entrevistadora: Bruna Garcia Catarino. Entrevista cedida em 16 de julho de 2019.

SANTOS, Cristina Ribeiro. Entrevistadora: Bruna Garcia Catarino. Entrevista cedida em 9 de abril de 2019.

BIBLIOGRAFIAS

ADUM, Sonia Maria e Lopes. **Imagens do progresso**: barbárie e civilização (1930-1960). 1991. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 1991.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades da pesquisa. **Ouvir contar**: textos em história oral. [S.l.]: FGV, 2004.

_____. Histórias dentro da História. In: PINSK, CARLA BASSANEZI (Org.). **Fontes**

históricas. [S.l.]: Contexto, 2006.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. O Objeto em Fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, Campo Grande, v. 10, n. 17, p. 55-67, 2008.

Disponível em: <http://tomate-cabacinha/wendelloliveirauscj/Documentos/Livros/ALBUQUERQUE+J*c3*9aNOR*2c+Durval+Muniz/Identities+e+espa*c3*a7os/objeto_em_fuga,45300724.pdf>.

Acesso em: 25 jan. 2020.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

_____. A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 37, n. 75, p. 17-38, maio 2017. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882017000200017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 nov. 2019.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**. Representações da política em Londrina (1930-1975). 1993. (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

_____. **O Eldorado**: representações da política de Londrina. 2. ed. Londrina: EDUEL, 2008.

BARROS, José D' Assunção. O lugar da história local. In: _____ **A expansão da História**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BASCHET, Jérôme. Introdução: a imagem-objeto. In: SCHMITT, Jean-Claude; BASCHET, Jérôme. **L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident medieval**. Trad. Maria Cristia C. L. Pereira. Paris: Le Léopard d'Or, 1996. p. 7-26.

BITTENCOURT, José. Cada coisa em seu lugar: ensaio de interpretação do discurso de um museu de história. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 8, n. 1, p. 151-174, 1 jan.2001.

BLASI, O. & GAISLER, M. Sítio arqueológico Fazenda Santa Dalmácia. Arquivos do Museu Histórico de Cambé, **Publicações Avulsas**, Nota Prévia, Arqueologia. 1991.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz/USP, 1987.

BRASIL. **E assim começou a história que já havia começado**. Londrina/Brasília: APEART; PERI; MEC, 1999.

CAMBÉ. **Cambé**: repensando a sua História. Cambé: Gráfica e Editora, 1992.

CANCLINI, Néstor García. O Patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, 1994.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução a uma história indígena. In: _____. (Ed.) **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CATARINO, Bruna Garcia. **Representações de progresso presentes no livreto da CTNP (1930-1940)**: repercussões na historiografia norte paranaense. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Londrina,

Londrina, 2016.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. O mundo como representação. In: _____. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 61-80.

_____. "Escutar os mortos com os olhos". **Estud. av.** [online], v. 24, n. 69, 2010., pp. 6-30. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15/12/2020.

CORTEZ, Edna Scalon. **Danziger Hof: a hospedaria dos danziguenses em Cambé**. Cambé: Gráfica Objetiva, 2012.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A magia dos objetos: museus, memória e história. In: PRIORI, Angelo. (org.). **História, memória e patrimônio**. Maringá: Eduem, 2009.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. (Tradução de: **La mémoire collective**).

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Lições das coisas: o enigma e o desafio da educação patrimonial. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 31, Brasília, 2005, pp. 220-233.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, ARJUN. **A vida social das coisas**. Niterói: EDUFF, 2008.

LEME, Edson José Holtz. **O teatro da memória: o Museu Histórico de Londrina, 1959-2000**. 2013. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Assis, 2013.

LIMA, Leilane Patricia. **A arqueologia e os indígenas na escola: um estudo de público em Londrina/PR**. 2014. Tese (Doutorado) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

MANCINI, Ana Paula G.; TROQUEZ, Marta C. C. Desconstruindo estereótipos: apontamentos em prol de uma prática educativa comprometida eticamente com a temática indígena. **Tellus**, v. 9, n. 16, jan./jun. 2009. p. 181-206.

MARTINEZ, Cláudia Eliane P. Marques; VISALLI, Angelita Marques. Entre a sala de aula e o gabinete do museu: as primeiras coleções do Museu Histórico de Londrina/PR na gestão do Padre e Professor Carlos Weiss (1970-1976). **Anos 90**, Porto Alegre, v. 25, n. 48, p. 241-273, dez. 2018.

MENEGUSSO, Maquieli Elisabete. **Da cerâmica arqueológica Itararé – Taquara à cestaria Kaingang: um estudo a partir de uma perspectiva interdisciplinar sobre a trajetória Jê no baixo Tibagi, Paraná**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2017.

MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. O projeto de Roger Chartier: ouvir os mortos com os olhos. Resenha do livro *Ecouter les morts avec les yeux*, de Paris, de Roger Chartier. Collège de Paris, France/Fayard, 2008. In: **Cardernos de Letras da UFF – Dossiê:**

Literatura e humor, n. 37, p. 155-161, 2º sem. 2008.

MENESES, José Newton Coelho. Apresentação: Culturas alimentares, práticas e artefatos. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 32, n. 58, p. 15-20, abr.2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752016000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: em 30 out. 2019.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **O Objeto Material como Documento**. Reprodução da aula ministrada no curso Patrimônio Cultural: políticas e perspectivas. IAB/CONDEPHAAT, 1980.

_____. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. **Revista Ciências & Letras**, n. 27, Porto Alegre: FAPA, 2000. p. 91-101.

_____. Fontes Visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11- 36, 2003.

MOTA, Lúcio Tadeu. **Presença e resistência Kaingang no Paraná**. São Paulo: PUC, 1992.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924). 2. ed. Maringá: Eduem, 2008.

_____ (org.). **Redução Jesuítica de Santo Inácio**. Maringá: Eduem, 2010.

OBERDIEK, Iak Hermann. **A imigração judaica-alemã no Norte do Paraná**: o caso de Rolândia. 1989. Dissertação (Mestrado em História), UNESP, 1989.

_____. Sítio arqueológico Fazenda Santa Dalmácia: uma das fundações da Missão Jesuítica de San Joseph, Guairá, século XVII. **Boletim Museu Histórico de Londrina**, Londrina, v.4, n.8, jan./jun. 2013, p.8-12. Disponível em: <http://www.uel.br/museu/publicacoes/Boletim_08.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2020.

PEREIRA, Júnia S. Aprendizagem do ensino de história em museus. In: X Jornadas Nacionales y I Internacional de Enseñanza de La Historia. **Anais...** (APEHUN), 2008. Universidade Nacional de Río Cuarto, 2008.

PEREIRA, J. S.; ORIÁ, J. R. Desafios teórico-metodológicos da relação Educação e Patrimônio. **Resgate**: Revista Interdisciplinar de Cultura, v. 20, n. 1, p. 161-171, 6 nov. 2012.

POLLAK, Michael. Memórias, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**: Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p.59-72.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**, v. 14, p. 7-24, fev. 1997.

_____. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, v. 14, fev. 1997.

_____. Sempre existe uma barreira. A arte multivocal da história oral. In: _____
Ensaio de História Oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais**: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XVIII. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCIFONI, Simone. Para repensar a educação patrimonial. In: PINHEIRO, Adson (org.). **Cadernos do Patrimônio Cultural**: Educação Patrimonial. Fortaleza: Secultfor/Iphan, 2015, pp. 193-206. v. 1.

STECA, Lucinéia C.; FLORES, Mariléia de. O Norte pioneiro **in: História do Paraná**. Londrina: Ed UEL, 2002.

TOMAZI, Nelson Dácio. **Certeza de lucro e direito à propriedade**: o mito da Companhia de Terras do Norte do Paraná. 1982. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 1989.

_____. **Norte do Paraná**: histórias e fantasmagorias. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

TOMMASINO, Kimiye. **A história Kaingang da bacia do Tibagi**: uma sociedade Jê Meridional em movimento. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo USP, São Paulo, 1995.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro de entrevistas

Usaremos como apoio estas três fases das ações educativas:

1ª fase – pioneiro – até década de 1980.

2ª fase – pioneiro + sítio arqueológico – década de 1990.

3ª fase – pioneiro + missão jesuítica – anos 2000, especialmente 2009 a 2011.

Entrevista com ex-funcionários e atual.

- 1) Qual seu nome, sua formação, e peço que me diga se tenho autorização para publicar essa entrevista e te identificar.
- 2) Qual seu envolvimento com o Museu Histórico de Cambé e os anos que trabalhou lá?
- 3) Quando e como você teve contato com os conhecimentos sobre a temática indígena?
- 4) Foi identificado nos relatórios de atividades do Museu Histórico de Cambé mudanças nas ações educativas. A partir de uma determinada época elas são voltadas para a temática indígena. Na década de 1980 há uma relação com os pioneiros e um pouco sobre os indígenas. Na década de 1990 uma continuação com os pioneiros, mais a descoberta do Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia e anos 2000 com a revelação da Missão Jesuítica San Joseph. Você pode confirmar essas datas?
- 5) Como aconteciam as ações educativas nessa primeira etapa (começo do Museu Histórico de Cambé nos anos 1980)?
- 6) Na segunda etapa houve a necessidade de mudanças nas ações educativas com a descoberta do Sítio Arqueológico nos anos 1990?
- 7) Qual foi seu envolvimento/participação nessas mudanças e que pessoas

colaboraram?

8) Para realizar a montagem de exposições, você teve acesso a cursos, leituras relacionadas a isso, entre outros? De onde vieram essas informações novas e quais eram essas fontes? Como você adaptou o discurso nas ações educativas?

9) Ainda sobre essa segunda etapa, início dos anos 1990, você se lembra de como houve a transferência dessa informação para as crianças? Houveram diretrizes estabelecidas nesse momento?

10) Ocorreu alguma dificuldade na readaptação da ação educativa? Sentiu que houve resistência por parte do público visitante?

11) Você percebeu algum impacto causado na população da cidade com essas novas descobertas?

12) Quais mudanças ocorreram nas ações educativas nessa terceira fase com a descoberta da Missão Jesuítica San Joseph nos anos 2000?

13) Quais foram as novas adaptações necessárias com esse novo alinhamento em relação à temática indígena e a Missão Jesuítica San Joseph?

14) Por que o corpo dirigente e responsável pelo Museu Histórico de Cambé se mobilizou para a fabricação de relatórios a partir de 1985? E qual seu envolvimento nisso?

Entrevista com Claudia Parellada

1) Qual seu nome, sua formação, e peço que me diga se tenho autorização para publicar essa entrevista e te identificar.

2) Quando e como você tomou conhecimento sobre o Sítio Arqueológico Fazenda Santa Dalmácia?

- 3) Conforme identificado nos Relatórios de atividade do Museu Histórico de Cambé, sua participação se encontra desde o começo do projeto do Sítio Arqueológico. Fale mais sobre sua contribuição para isso?
- 4) Quais foram suas contribuições para a pesquisa em relação ao Sítio Arqueológico?
- 5) Quais são os elementos fundamentais em suas pesquisas que identificam a presença de uma Missão Jesuítica em Cambé?
- 6) Na sua perspectiva, o que limita o reconhecimento de avanços na área acadêmica e prática sobre o Sítio Arqueológico e a Missão Jesuítica San Joseph?
- 7) No seu ponto de vista, qual a importância do reconhecimento de uma Missão Jesuítica e de um Sítio Arqueológico para a História e a Memória de um município?

APÊNDICE B

Roteiros das atividades aplicadas com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal *Consolación Montes Hernandez*

QUESTIONÁRIO 1

NOME: _____ IDADE: _____ TURMA: _____

1) QUAL CIDADE VOCÊ NASCEU?

R: _____

2) SE NÃO NASCEU EM CAMBÉ, COM QUANTOS ANOS SE MUDOU PARA CÁ?

R: _____

3) SEUS PAIS NASCERAM EM CAMBÉ? SE NÃO, DIGA A CIDADE ONDE NASCERAM E COM QUE IDADE SE MUDARAM PARA CÁ.

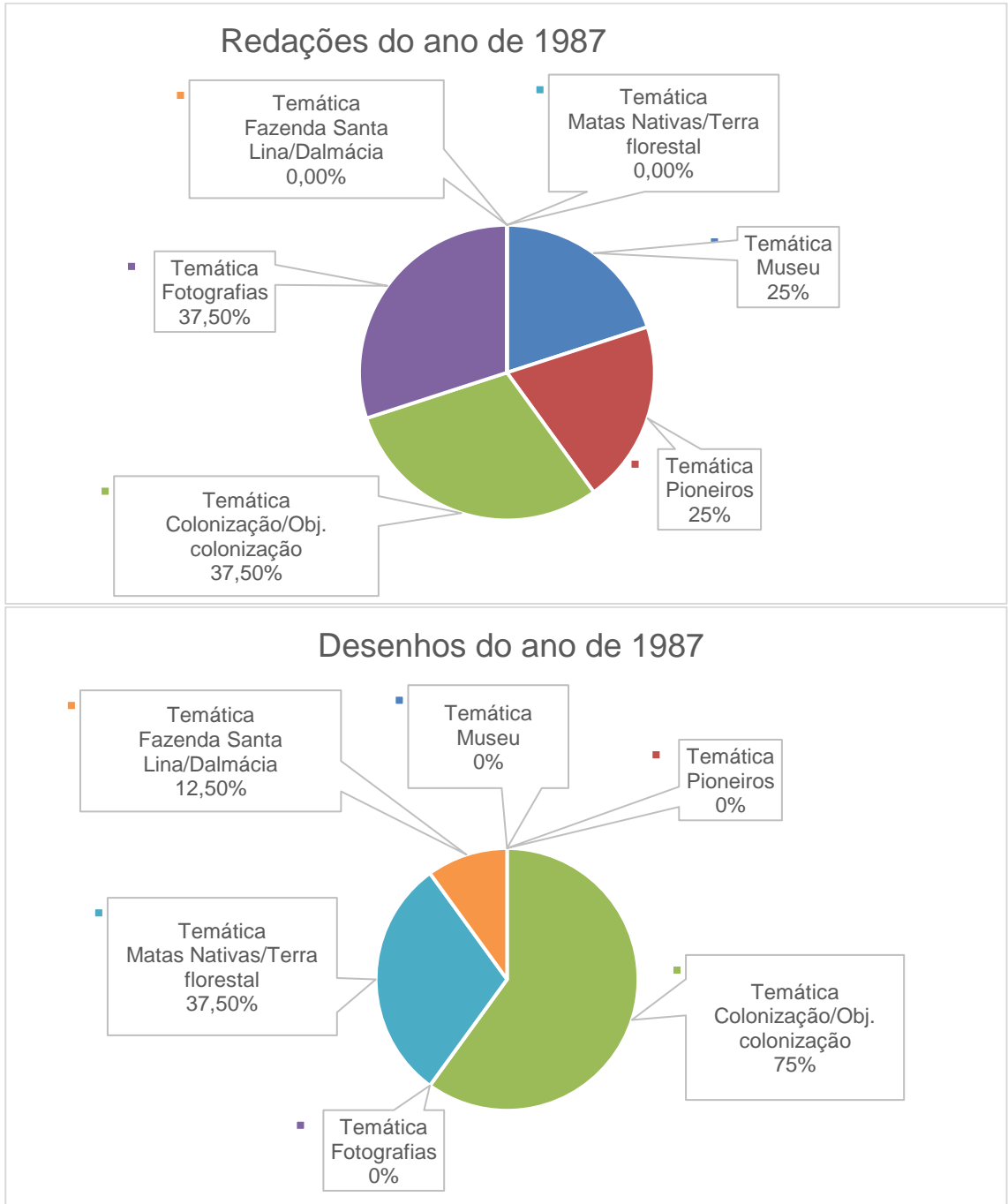
R: _____

FAÇA UMA REDAÇÃO FALANDO SOBRE O QUE VOCÊ SABE SOBRE A HISTÓRIA DE CAMBÉ. NELA FALE COM QUEM APRENDEU SOBRE A HISTÓRIA E O QUE MAIS LHE CHAMA ATENÇÃO SOBRE O QUE VOCÊ SABE.

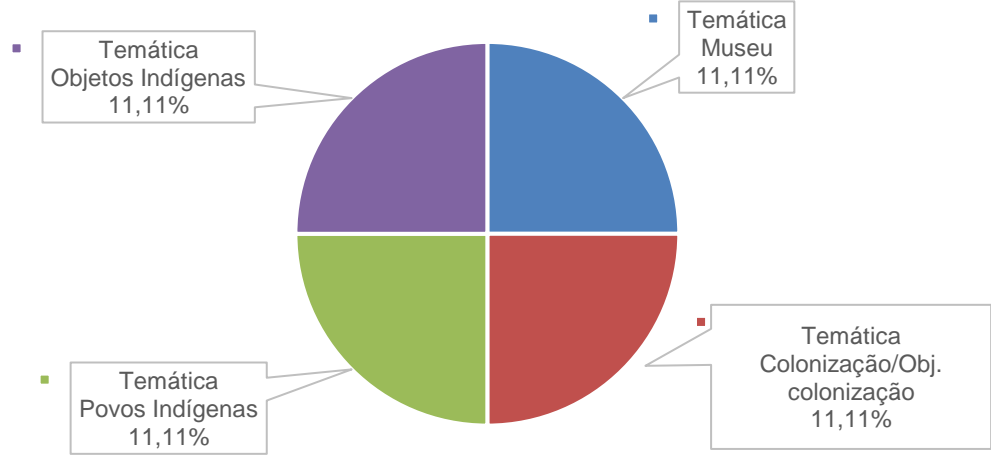
AGORA FAÇA UMA ILUSTRAÇÃO SOBRE A REDAÇÃO QUE VOCÊ
ESCREVEU. DESENHE OS OBJETOS DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉO QUE
MAIS GOSTOU.

APÊNDICE C

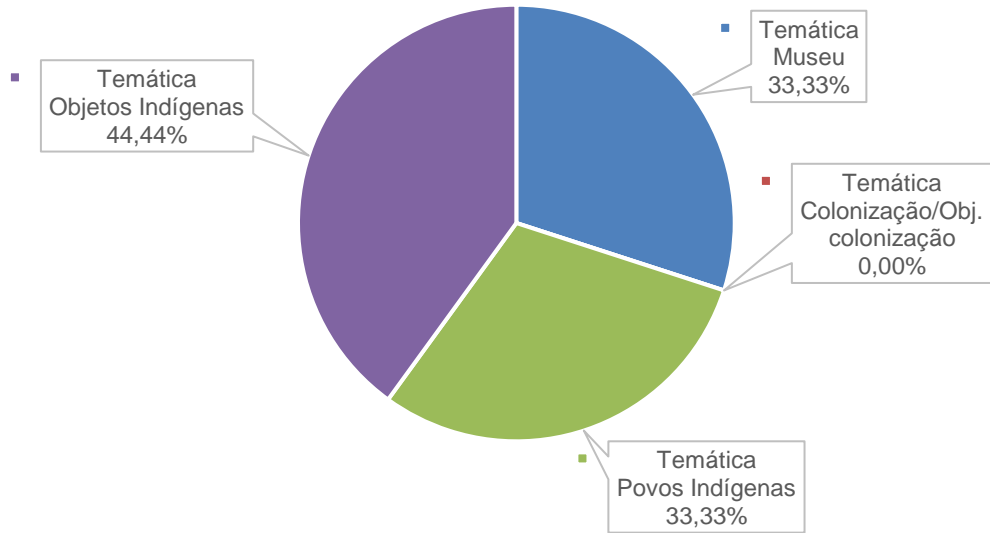
Gráficos referentes a Tabelas anexadas no Capítulo 3

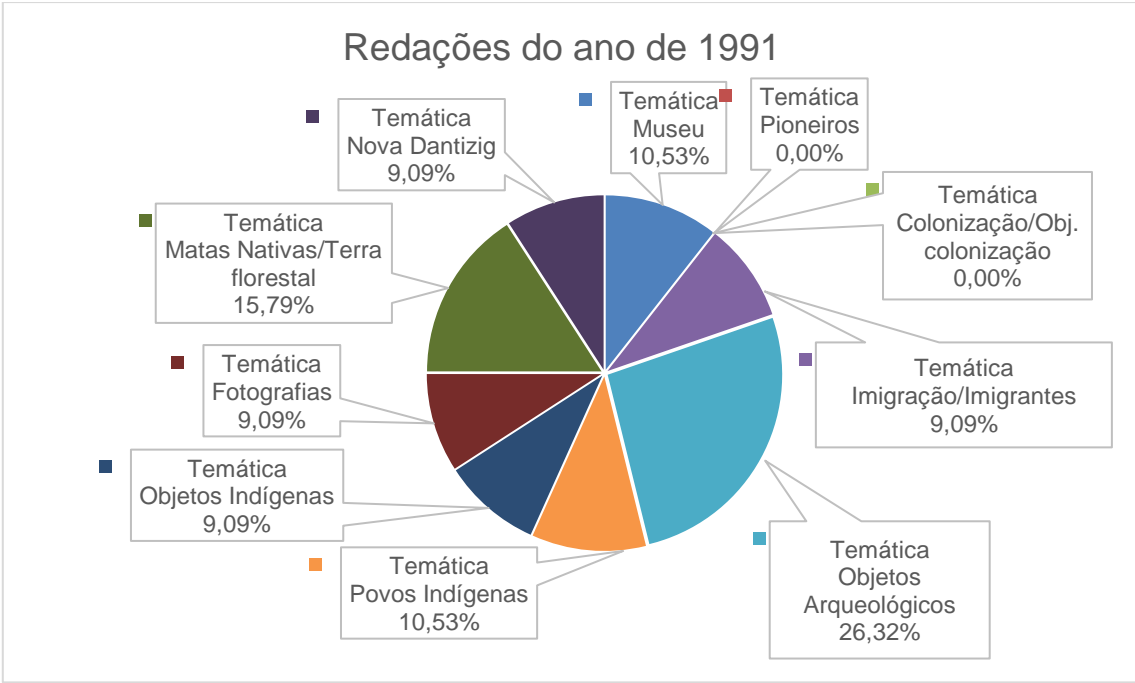
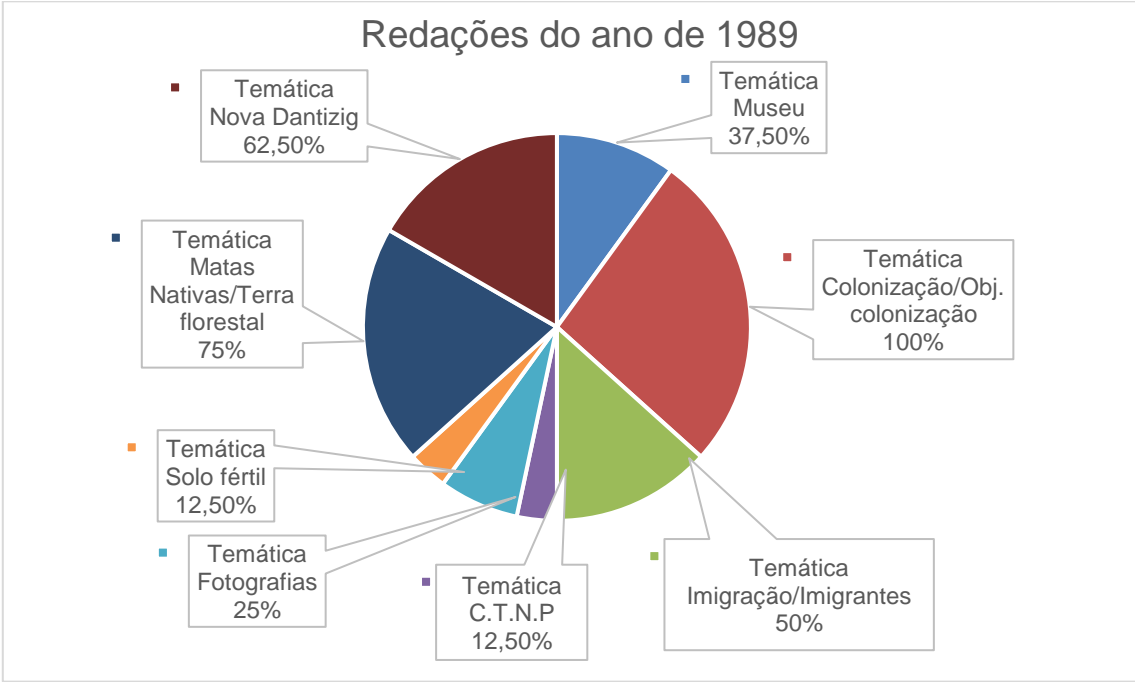


Redações do ano de 1988

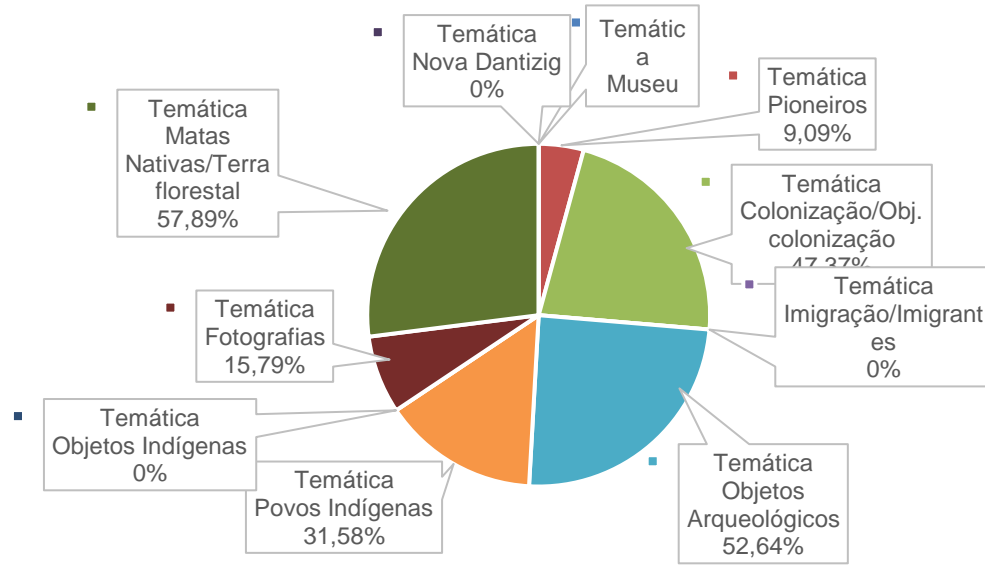


Desenhos do ano de 1988

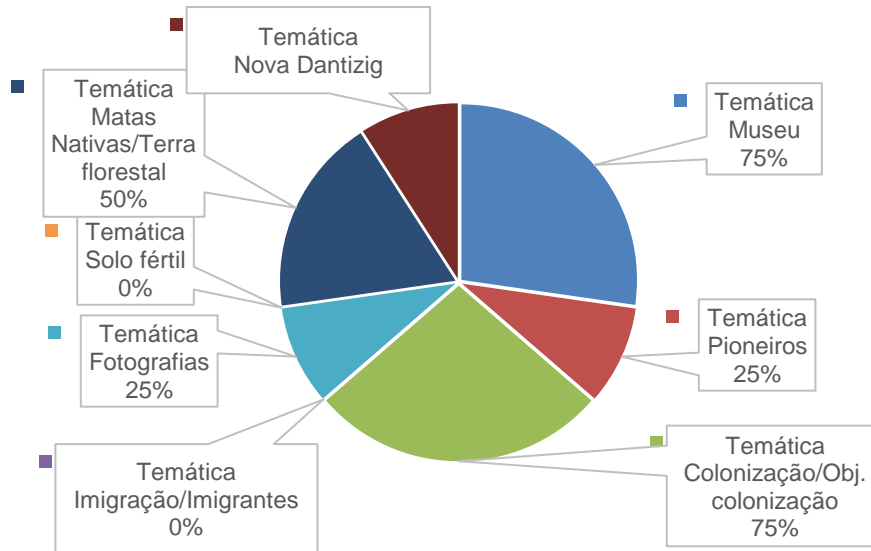




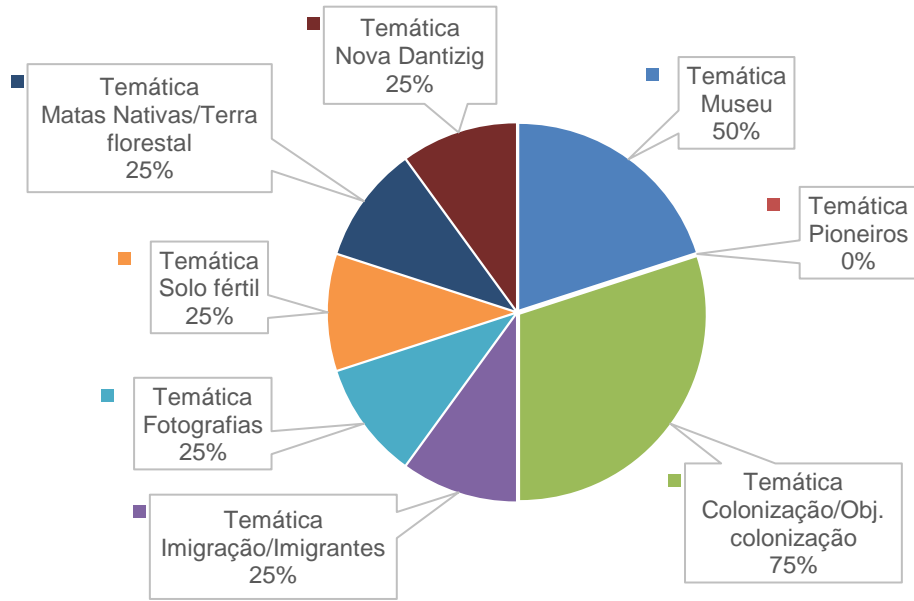
Desenhos do ano de 1991



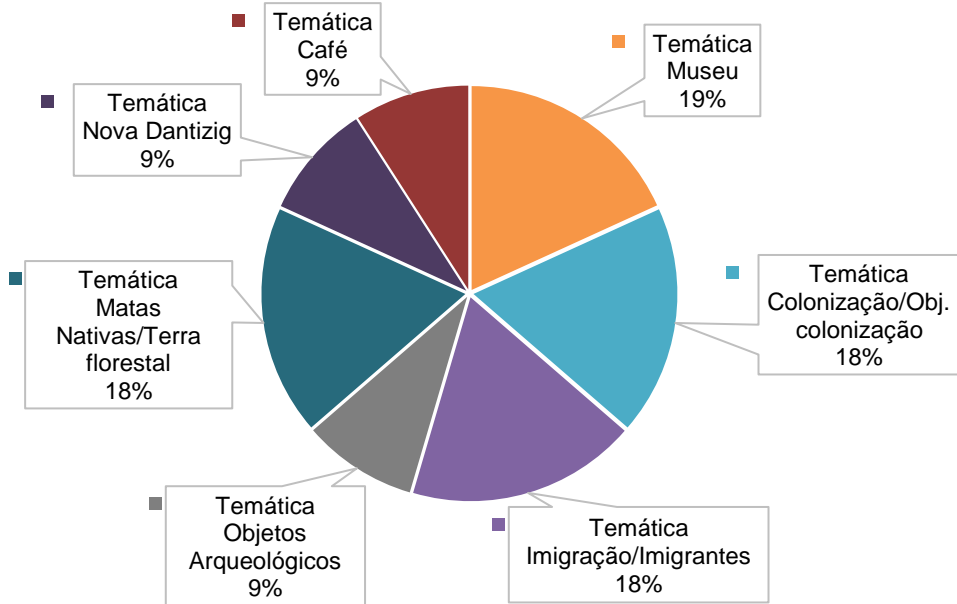
Redações do ano de 1992

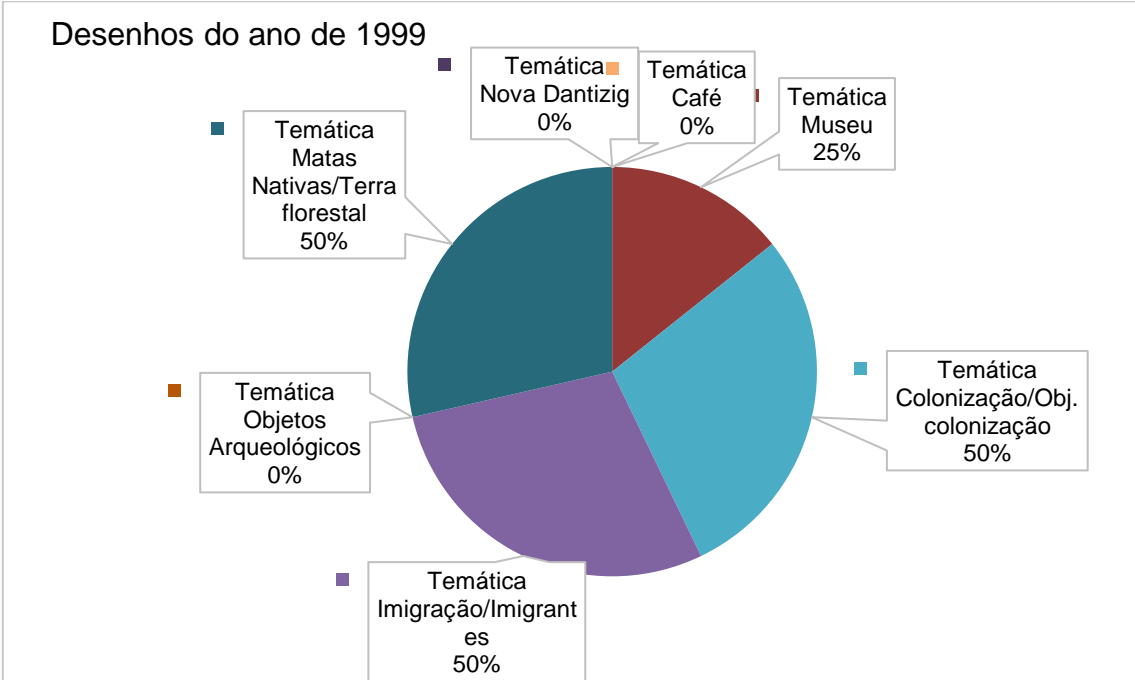


Desenhos do ano de 1992

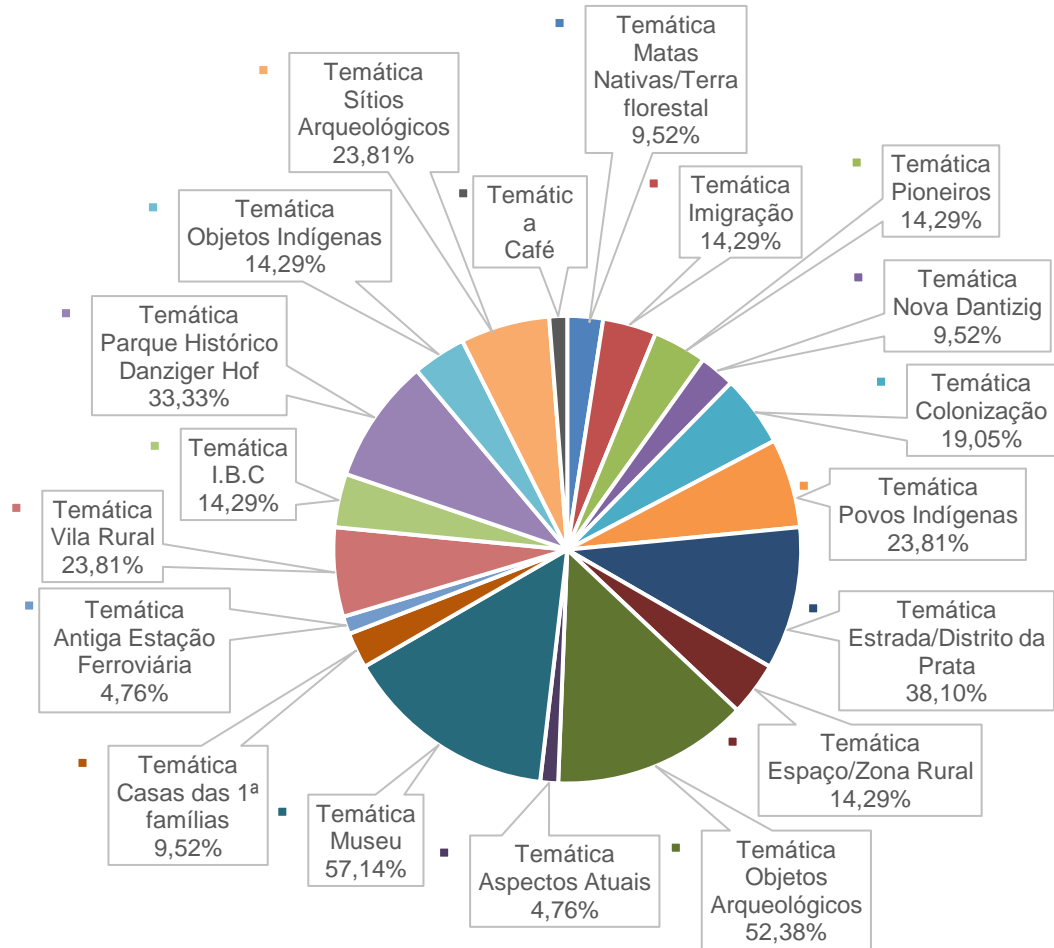


Redações do ano de 1999

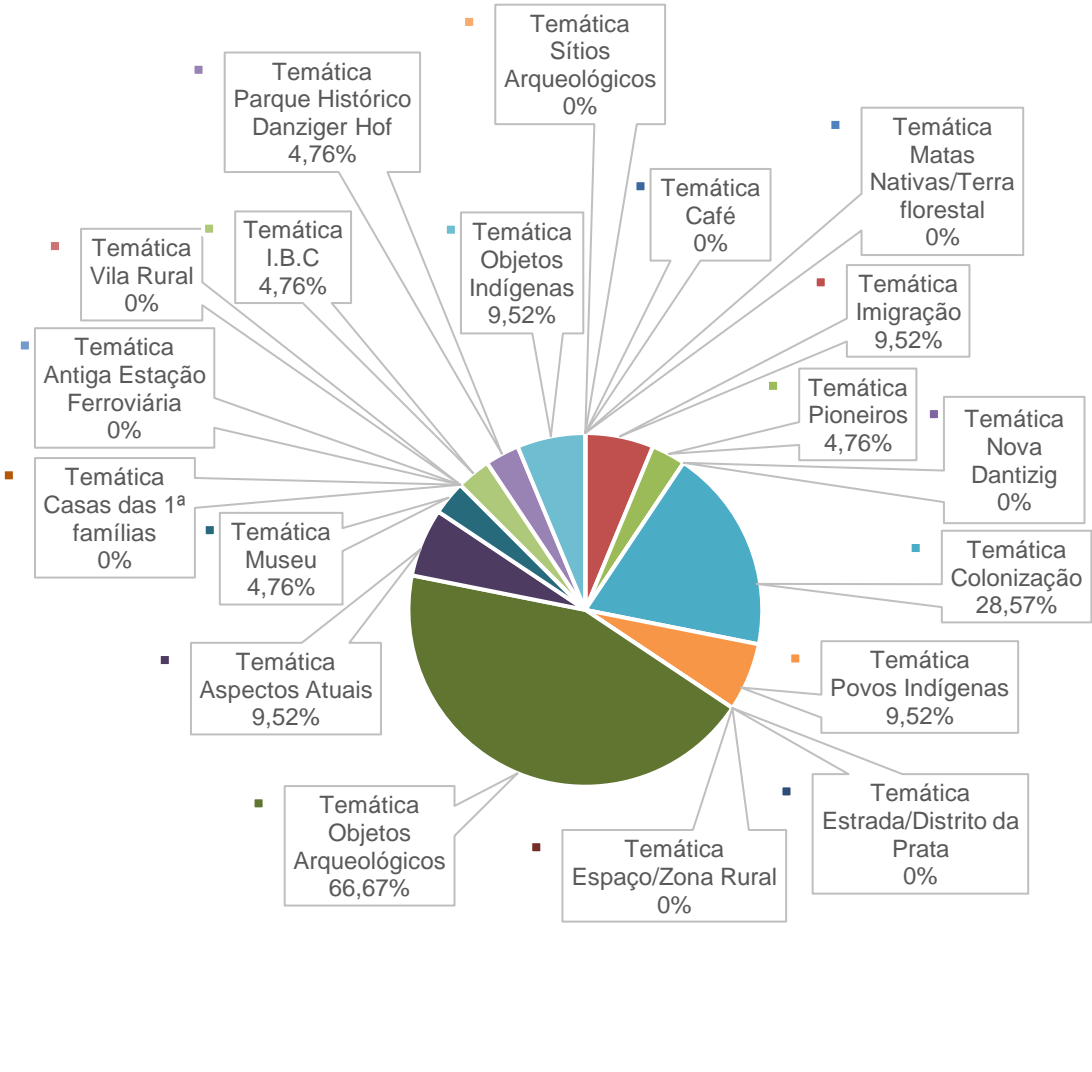




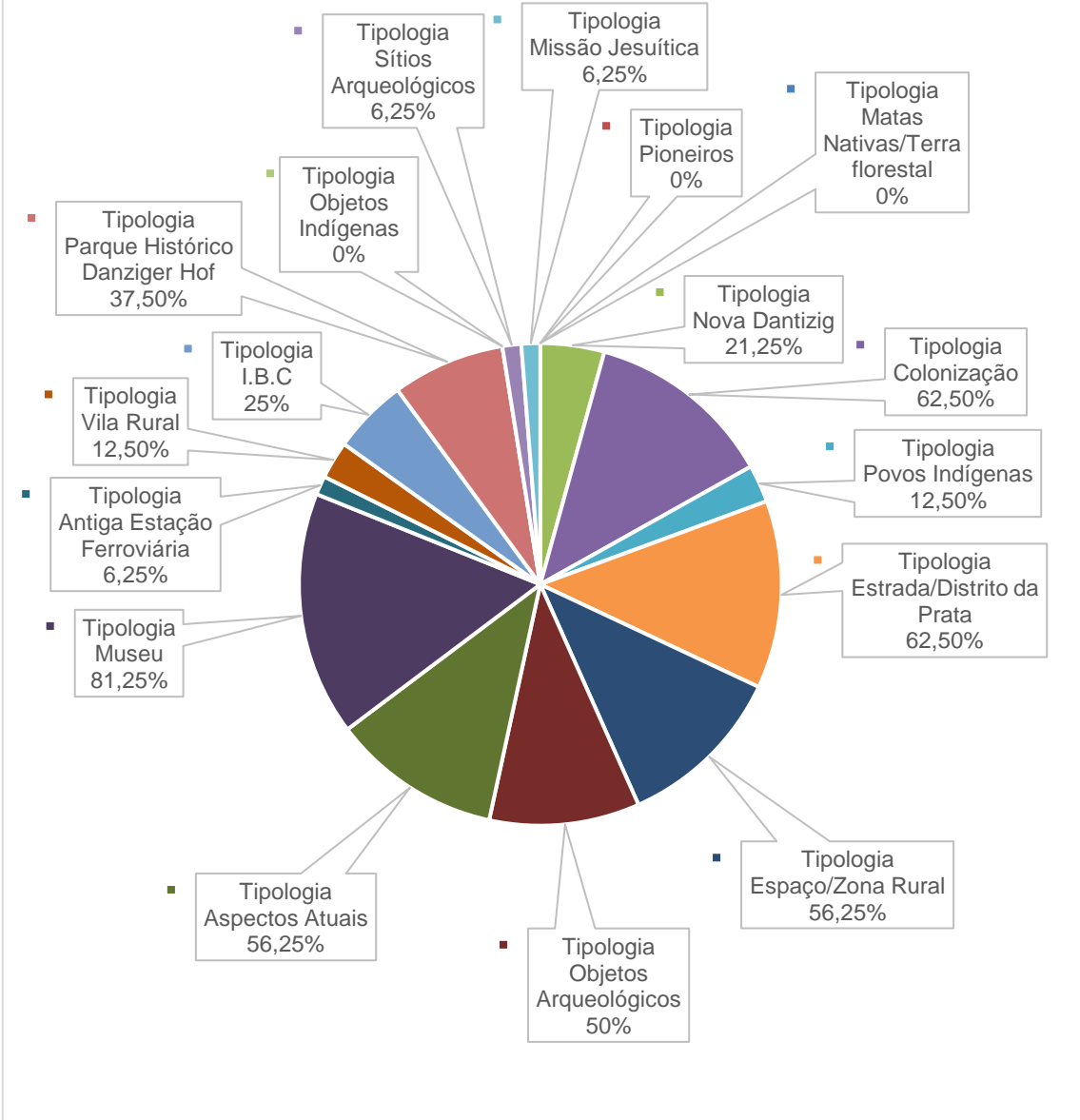
Redações após a visita ao Museu Histórico de Cambé - Turma A



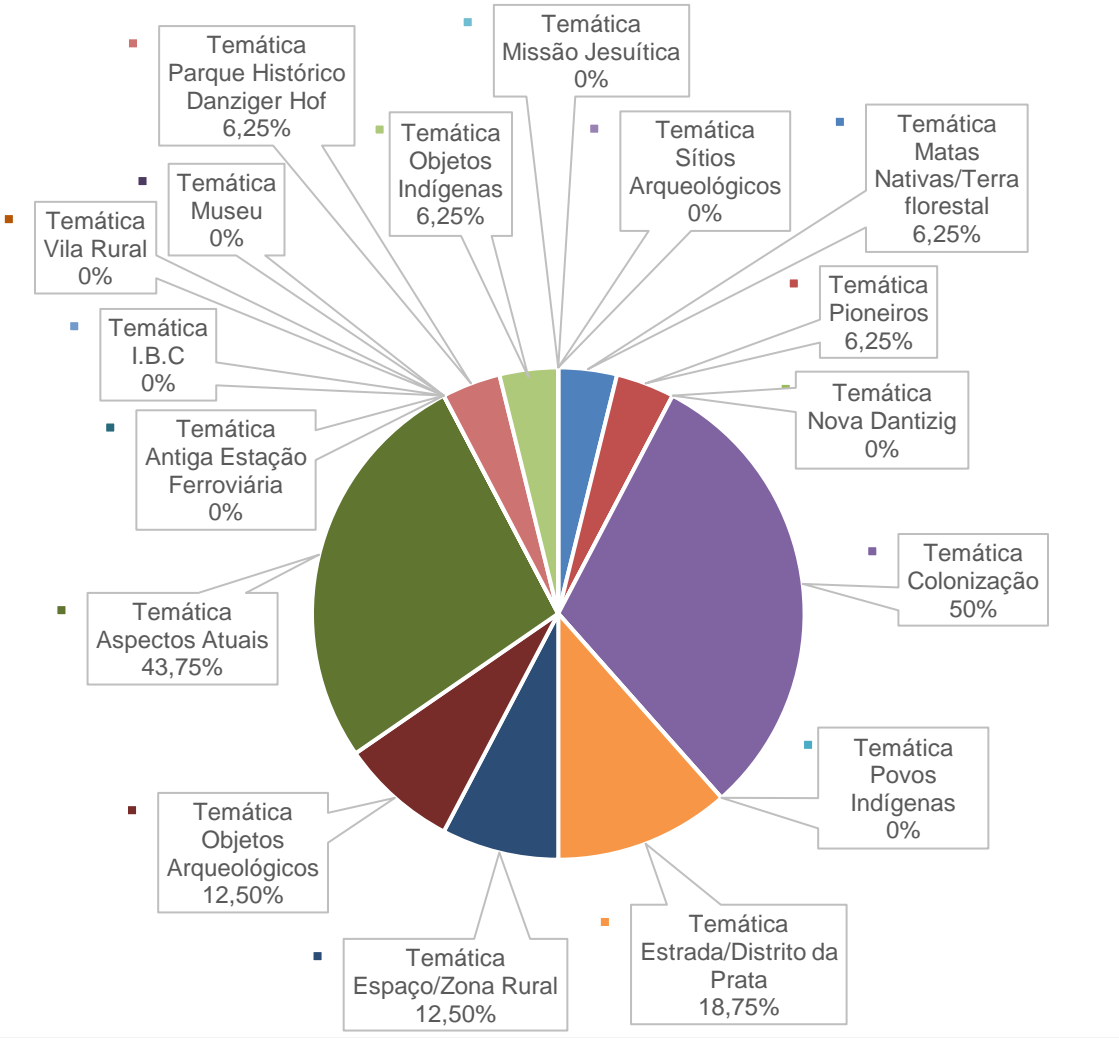
Desenhos após a visita ao Museu Histórico de Cambé - Turma A



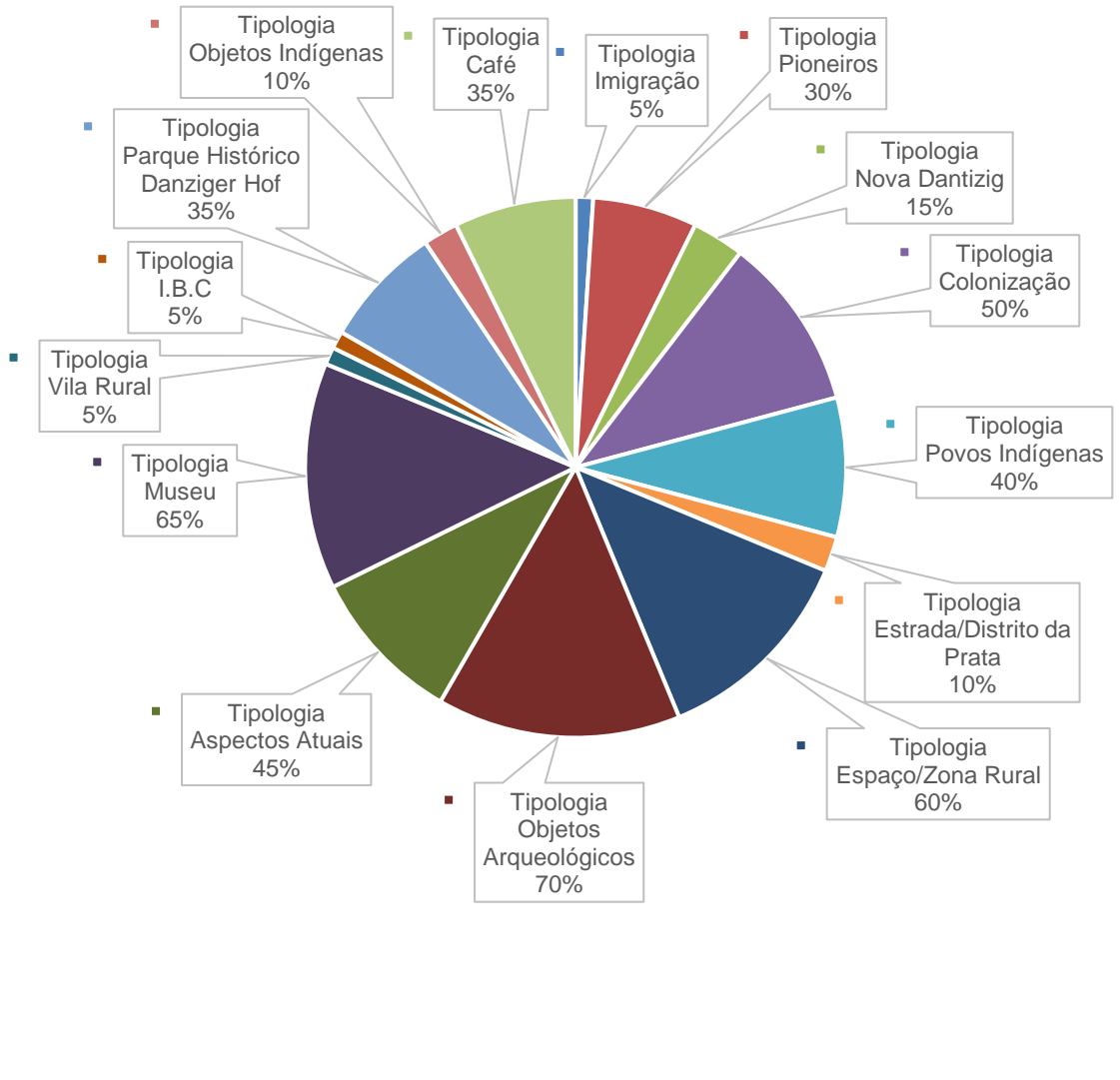
Redações após a visita ao Museu Histórico de Cambé - Turma B



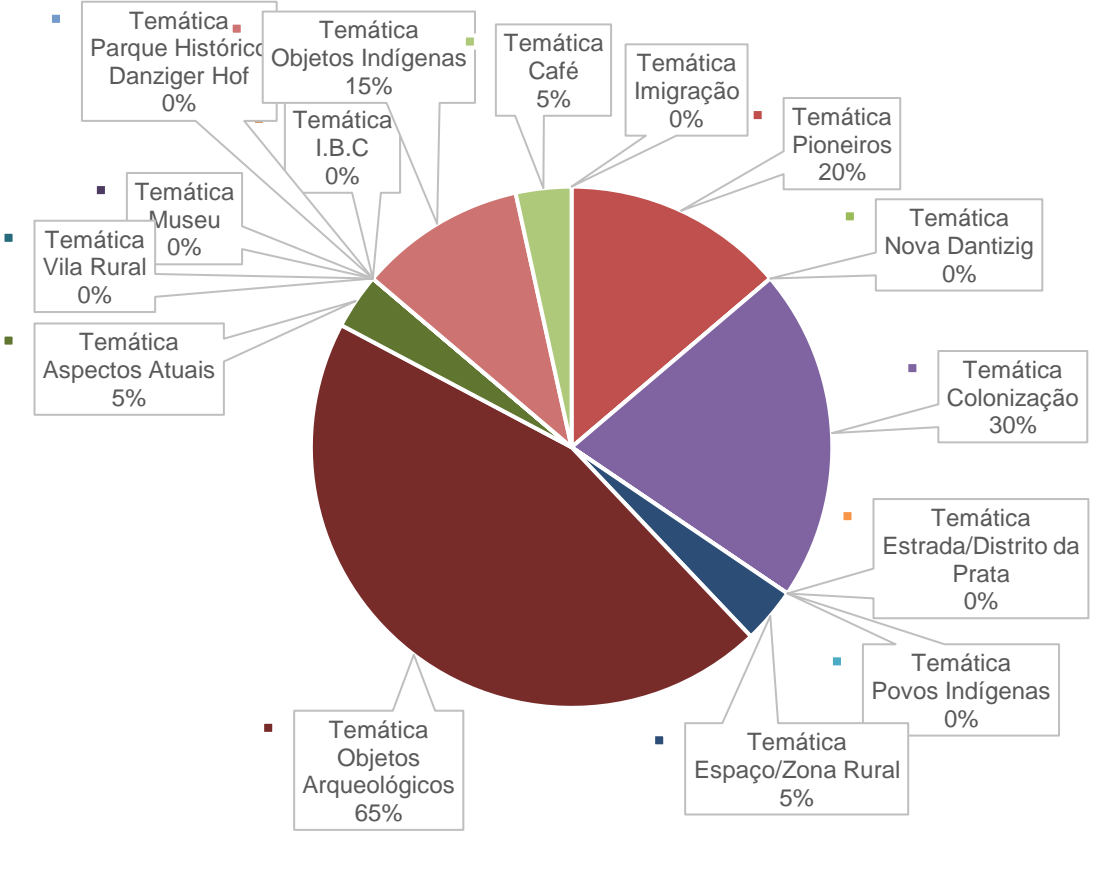
Desenhos após a visita ao Museu Histórico de Cambé - Turma B



Redações após a visita ao Museu Histórico de Cambé - Turma C

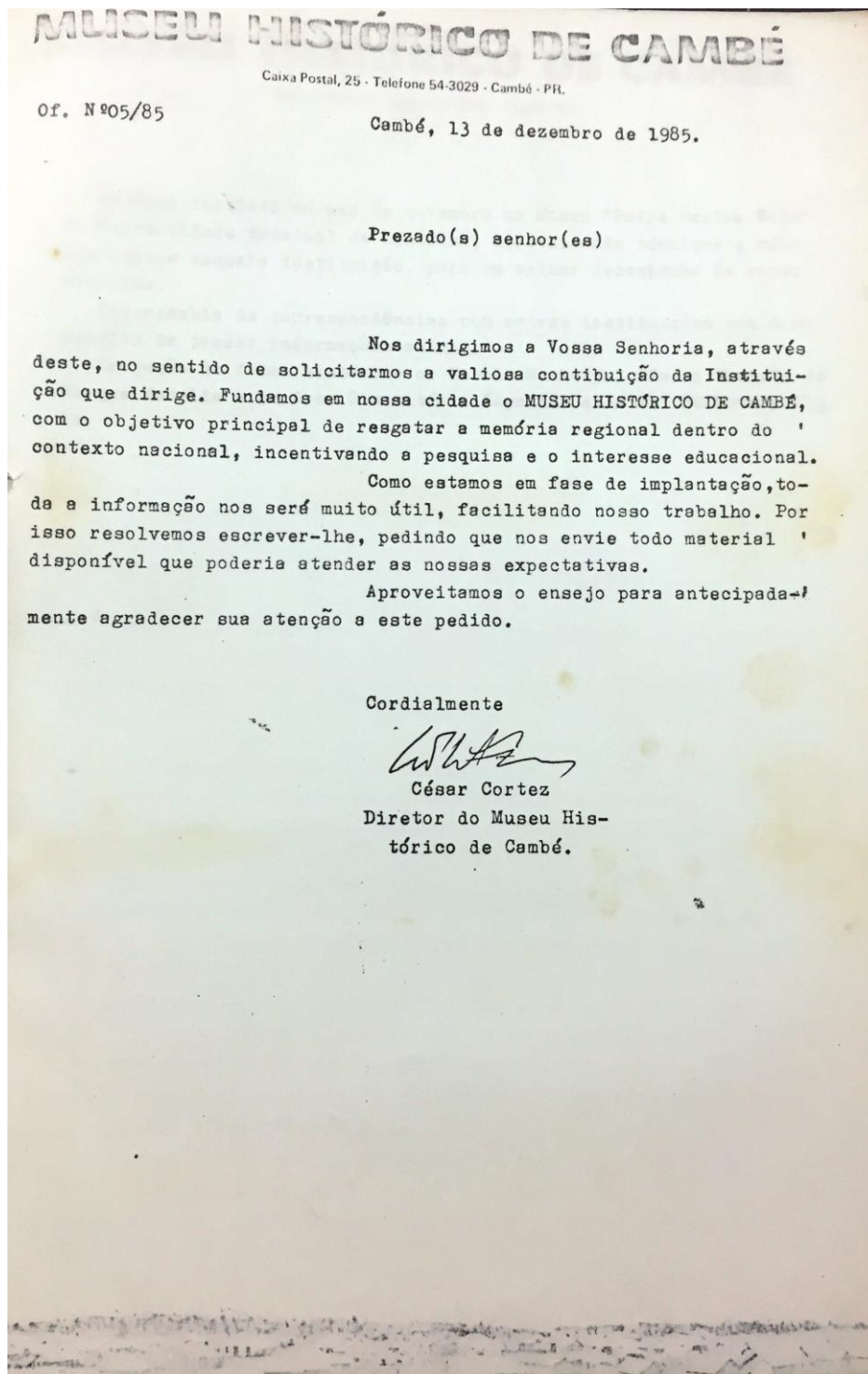


Desenhos após a visita ao Museu Histórico de Cambé - Turma C



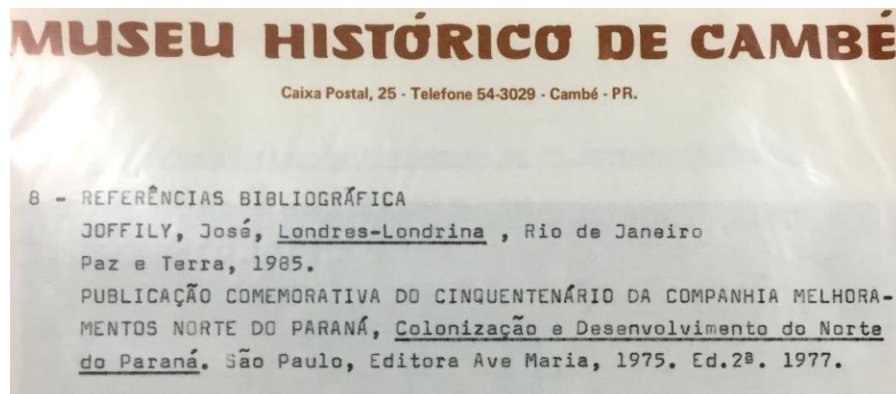
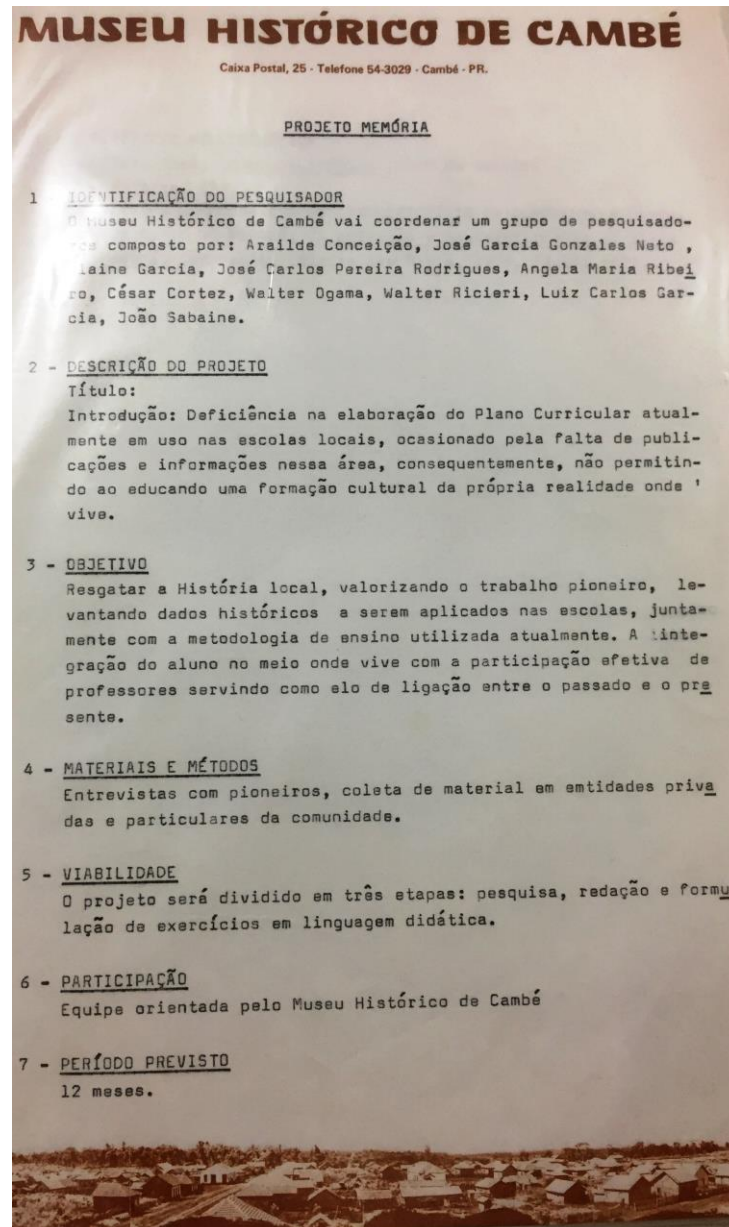
ANEXOS

ANEXO A

Relatório de atividades de 1985 – Convite aos pioneiros solicitando sua contribuição para o MHC

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

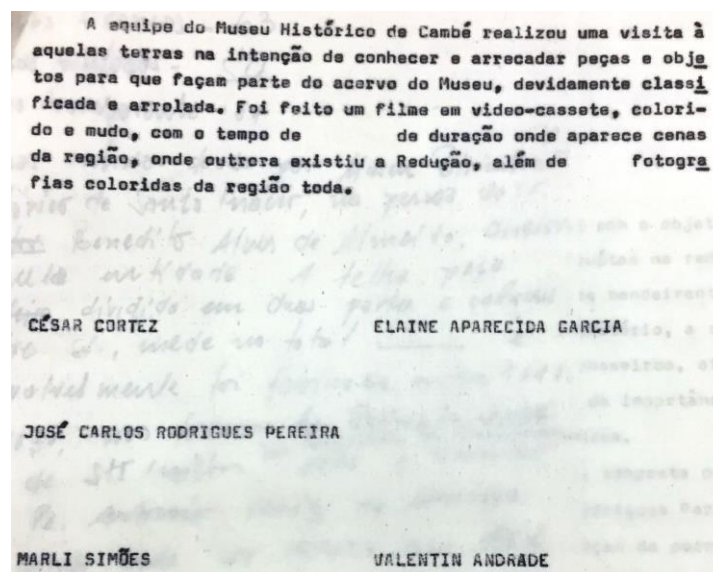
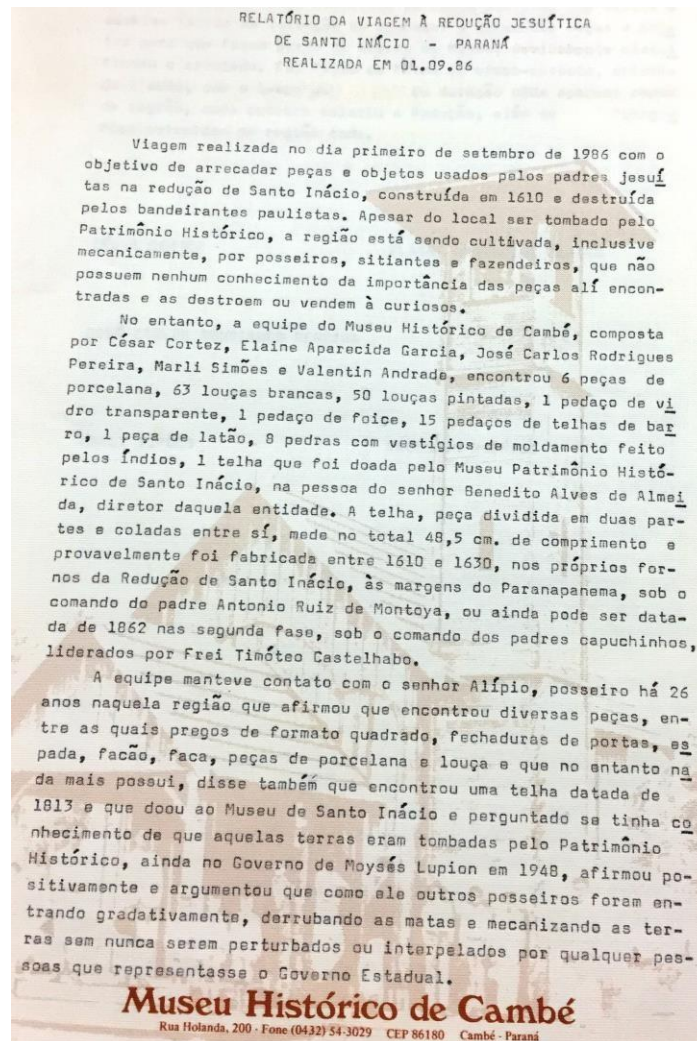
ANEXO B

Relatório de atividades de 1986 – Cópia do *Projeto Memória*

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

ANEXO C

Relatórios de atividades de 1986 – Relatório sobre a viagem feita pela equipe do MHC ao município de Santo Inácio



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

ANEXO D

Relatório de atividades de 1988 – Relatório sobre a exposição indígena realizada no MHC em 1988R E L A T Ó R I O

Assunto: EXPOSIÇÃO INDÍGENA

Período: 11/04/1988 à 06/05/1988

Local: MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ

Í N D I C E

- I - Introdução
- II - O que foi a exposição.
- III - Relação das escolas que visitaram o Museu e pessoas da comunidade.
- IV - Escolas onde houve palestras do Índio Pedemar Maraguará Poran.
- V - Anexos

I - INTRODUÇÃO

A Exposição Indígena, teve o objetivo de mostrar, às crianças da rede escolar e também para comunidadeambeense, a cultura e a arte de um povo que nós simplesmente chamamos / de "índios".

Também neste período levantamos a questão da real situação em que os índios vivem ultimamente.

Podemos dizer que nosso objetivo foi alcançado, pois através de quadros, peças, histórias e filmes apresentados, as crianças tiveram momentos de reflexão e até oportunidade, de expressar o que sabiam e conheciam sobre o assunto.

Essa exposição foi planejada para os dias 11 a 23 de abril. Devido ao fato desse curto espaço de tempo, não foi possível atender todas as escolas que existem no município. Desta forma prolongou-se a data da exposição até o dia 06 de maio de 1988.

II - O QUE FOI A EXPOSIÇÃO

Apesar do pequeno espaço, pudemos expor 85 peças do artesanato indígena do Norte e Nordeste do Brasil, como também, peças de índios encontradas em nosso município. Foram expostos 20 quadros sobre os índios do Paraná. (emprestados pelo Museu Paranaense.

Quando os alunos chegavam no Museu, eram recebidos pelas funcionárias que iam mostrando as peças e contando um pouco sobre a história dos índios brasileiros. Após as explicações os alunos podiam ficar livremente observando e anotando o que mais lhes interessava.

As crianças também podiam desenhar o que mais lhes chamasse a atenção. Sem contar que o Museu trouxe um grupo de índios da Reserva de Apucarantina do Distrito de Tamarana, para fazer artesanato, onde as crianças pudessem conhecer de perto o índio e sua arte.

III - RELAÇÃO DAS ESCOLAS QUE VISITARAM O MUSEU:

<u>ESCOLAS</u>	<u>ALUNOS</u>
Colégio Est. Andréa Nuzzi	156
Pré Escola Municipal "O Cogumelo".....	185
Guarda Mirim	25
Escola Municipal "Pedro Tkotz".....	151
Pré Escola Mun. "Antonio de Oliveira Geraldo".....	113
Esc. Municipal "Pe. José de Anchieta".....	446
Escola Para Excepcionais "Oswaldo de Jesus".....	51
Esc. Estadual Érico Veríssimo".....	275
Escola Manual Bandeira	89
Escola "São José"	153
Colégio Estadual "Olavo Bilac"	110
Escola Municipal Alvorada	73
Colégio Atílio Codato	220
Escola Santa Izabel	273
Escola Ilda Soares.....	33
Escola Estadual Antônio Raminelli	314
Escola Roberto Conceição	450
Escola Helena Kolody	10
<u>TOTAL</u>	3.187

Comunidade: 250 Pessoas

IV - ESCOLAS ONDE HOVE PALESTRA DO ÍNDIO
PEDEMAR MARAGUARA PORAM

<u>ESCOLAS:</u>	<u>DIA DAS PALESTRAS:</u>
Escola "Padre José de Anchieta	11/04/1988
Escola Estadual "Andréa Nuzzi"	12/04/1988
Colégio Estadual Érico Veríssimo	14/04/1988
Escola Atílio Codato	15/04/1988
Colégio Estadual "Olavo Bilac"	19/04/1988
Escola Santa Izabel	20/04/1988
Colégio Estadual "Olavo Bilac"	21/04/1988
Escola Municipal Alvorada	22/04/1988

V - ANEXOS

Em anexo vai:

- Trabalhos de crianças efetuados no Museu Histórico de Cambé sobre a Exposição Indígena.

- Fotos da Exposição

- Cartaz, ofícios, convites enviados às escolas e materiais fornecidos aos educadores sobre os índios do Paraná e sua localização.

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

ANEXO E

Recortes do *Jornal Nossa Cidade* e *Tribuna da Cidade*, anexados ao Relatório de atividades de 1988 sobre a exposição indígena realizada no MHC

JORNAL NOSSA CIDADE, 8 de Abril de 1988 Página 11

ODONTOLOGIA
DRA. ANDRÉA MASSUE SERA GOTO
Horário de atendimento:
8 às 11 horas - 13 às 18 horas
Av. Inglaterra, 1.020 - Edifício Pioneiros
6º andar - sala 601 - fone 54-5373

RAVENNA
MASSAS CASEIRAS
*Aos domingos frango assado
Serviço completo de buffet*

ENTREGAS À DOMICILIO
Avenida Inglaterra, 1109
Fone: 54-4345

Escritório de Contabilidade Nacional
Contabilidade em geral, abertura e encerramento de firmas, contratos, dec. de imposto de renda, regularização INPS.
Avenida Inglaterra, 792
Fones: 54-3421 e 54-3136
Cambé - Paraná

MUSEU HISTÓRICO DE CAMBÉ ABRE II EXPOSIÇÃO INDÍGENA



Estudantes aprendendo a fazer artesanato indígena durante a última exposição.

Começa segunda-feira, no Museu Histórico de Cambé, a II Exposição Indígena promovida pelo Museu e pela Secretaria Municipal de Cultura, como parte das programações do Dia do Índio, comemorado em 19 de abril.

De segunda-feira ao dia 15, o índio Pedemar Maraguara Poran fará palestras nas escolas cambenses. De 11 à 22, ficarão expostas fotografias de índios Kaingangs e Xetas (extintos) do Museu Paranaense. Neste mesmo período, serão expostos objetos indígenas confeccionados pelos Kaingangs da Reserva de Apucarantina, em Tamarana.

Também de 11 à 15, um grupo de Kaingangs estará no Museu, confeccionando e comercializando objetos artesanais. Novamente de 11 à 22, ficarão expostos objetos encontrados em Cambé, cuja origem, segundo estudos, datam de 800 anos de existência. São objetos de cerâmica e pedra polida, entre eles utensílios domésticos, instrumentos de caça e pesca.

Estudantes e pessoas interessadas terão ainda a oportunidade de assistir filmes indígenas durante todo o período de exposição, que será encerrada no dia 22. Será reservado também um espaço para a instalação de uma minibiblioteca sobre publicações indígenas. A Delegacia da Funai em Londrina trará objetos dos índios da região Amazônica para exposição e comercialização.

Tribuna da Cidade - Domingo, 10 de abril de 1988.

Cambé promove amanhã exposição indígena

CAMBÉ - Começa nesta segunda-feira, no Museu Histórico de Cambé, a 2ª Exposição Indígena promovida pelo Museu e pela Secretaria Municipal de Cultura, como parte das programações do Dia do Índio, comemorado em 19 de abril.

De segunda-feira ao dia 15, o índio Pedemar Maraguara Poran fará palestras nas escolas cambenses. De 11 a 22, ficarão expostas fotografias de índios Kaingangs e Xetas (extintos) do Museu Paranaense. Neste mesmo período, serão expostos objetos indígenas confeccionados pelos Kaingangs da Reserva de Apucarantina, em Tamarana.

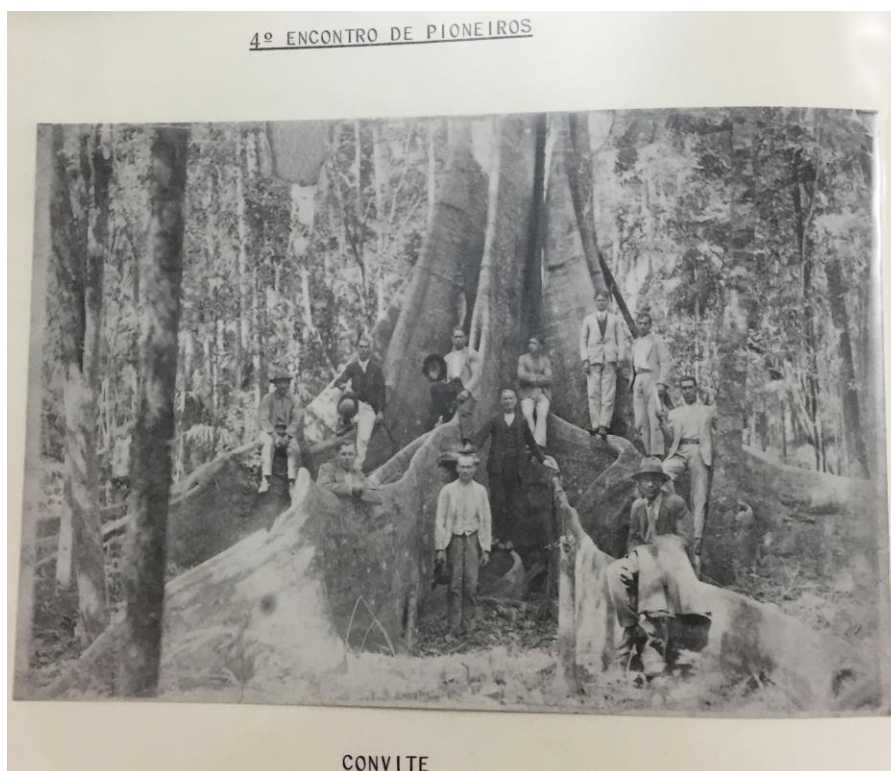
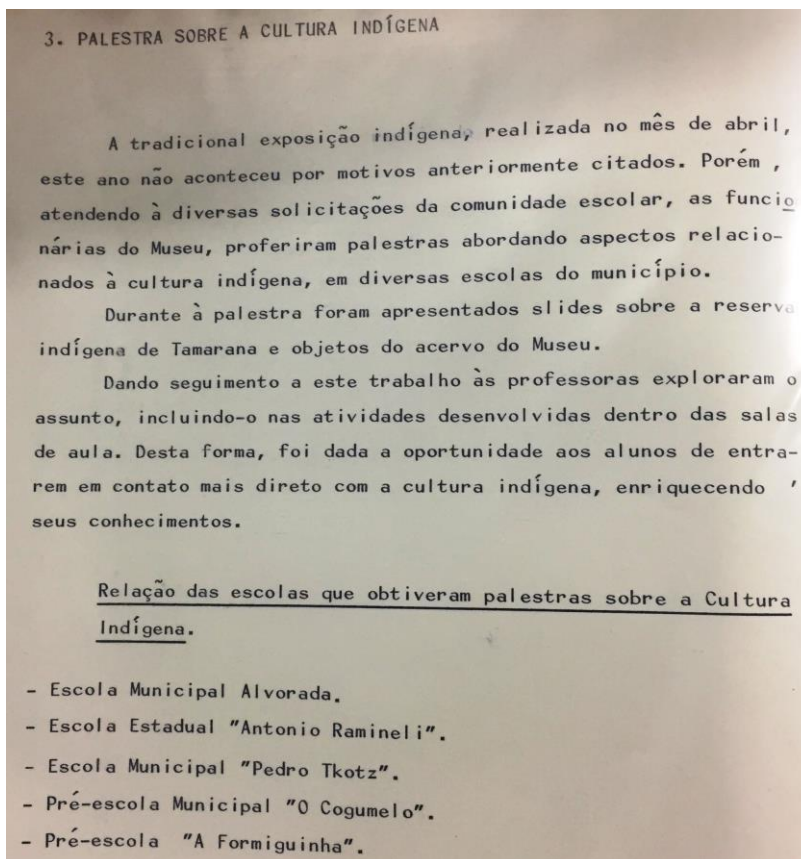
Também de 11 a 15, um grupo de Kaingangs estará no Museu, confeccionando e comercializando objetos artesanais. Novamente de 11 a 22, ficarão expostos objetos encontrados em Cambé, cuja origem, segundo estudos, datam de 800 anos de existência. São objetos de cerâmica e pedra polida, entre eles utensílios domésticos, instrumentos de caça e pesca.

Estudantes e pessoas interessadas terão ainda a oportunidade de assistir filmes indígenas durante todo o período da exposição, que será encerrada no dia 22. Será reservado também um espaço para a instalação de uma mini-biblioteca sobre publicações indígenas. A Delegacia da Funai em Londrina trará objetos dos índios da região Amazônica para exposição e comercialização.

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.

ANEXO F

Relatórios de atividades de 1989 – Algumas das ações promovidas pelo MHC em 1989. Algumas com relação ao indígena, aos pioneiros e à gincana de doações de peças históricas



9. PROJETO MUSEU/ESCOLA

O projeto Museu/Escola tem por objetivo levar aos alunos informações comparativas sobre o histórico do município e dados estatísticos atuais.

A Escola Municipal "Dom Pedro II" no Km 9 foi escolhida para ser a primeira a participar do Projeto Piloto, pois neste ano completou 50 anos de fundação e as comemorações do cinquentenário, fizeram parte dos festejos do 42º Aniversário de Emancipação Política do Município.

As atividades realizadas com os alunos foram planejadas anteriormente, visando enriquecer o currículo usado atualmente na escola.

PROPOSTA DE TRABALHO: Levar às crianças informações sobre o histórico do município e dados estatísticos atuais.

ATIVIDADES - 1º DIA:

- Apresentação dos alunos e professores (colocação de crachás).
- Explanção sobre o trabalho para as crianças.
- Separar em equipe conforme as cores do crachá.
- Entregar um trecho do histórico do município para cada equipe ler e interpretar.
- Cada equipe terá que pintar um painel (grande) com tinta goache, ilustrando o trecho lido.
- Apresentação dos painéis para a classe.
- Apresentação de slides e fotografias históricas para que os alunos vejam como era Cambé na época da Colonização.

2º DIA:

- Passeio pelo centro da cidade para que os alunos façam uma comparação de como era esta cidade.
- Será entregue aos alunos uma apostila sobre dados estatísticos atuais sobre o município, como: população, economia, política, etc.
- Ao visitar o centro da cidade os alunos conhecerão a prefeitura, biblioteca, câmara de vereadores, Museu, centro comercial, etc.
- Na volta os alunos prepararão uma entrevista para ser feita no dia seguinte.

3º DIA:-

- Levar um pioneiro para que os alunos possam fazer uma entrevista relacionada com a colonização do município e principalmente da região do Km 9.
- Após a entrevista os alunos divididos em 4 equipes, farão maquetes de Cambé antigo e atual.
- Para tarefa os alunos irão escrever sobre o que foi estudado anteriormente.

4º DIA:-

- Avaliação: Esta Avaliação escrita será simples de maneira que os alunos mostrem o que conseguiram assimilar sobre o assunto estudado.

5º DIA

- Entrega dos resultados e um piquenique de encerramento.

Observação: As atividades serão filmadas e fotografadas.

COORDENAÇÃO DOS TRABALHOS:

César Cortez

Elaine Aparecida Garcia

Lucilene Lisse

Rosângela Alduan.

RELAÇÃO DE NOMES DOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL
"DOM PEDRO II", QUE PARTICIPARAM DO PROJETO MU-
SEU/ESCOLA.

- Cristiano Aparecido Santana
- José Luis Severo
- Juliano de Paula
- Júlio César Sassi dos Santos
- Lucas Antonio Correia
- Ognei Antonio Romero
- Ovídio Fernandes da Silva Neto
- Paulo Sérgio Mortari
- Sidnei de Jesus Venzel
- Crislaine Aparecida Venzel
- Josiane Aparecida Brusaferrri
- Luciana Giralдино
- Rosana Sant'Ana Colares
- Rute dos Santos Paulino
- Sandra Moraes Lopes
- Lidiane Alessandra Monteiro
- Rudimar Soares da Cruz
- Evandro Pereira da Silva
- Fátima de Castro Santos

GINCANA HISTÓRICA DE CAMBÉ

REGLAMENTO:

- 1º- A Gincana Histórica está aberta à toda a população, com excepção aos membros da Comissão de Avaliação e Comissão Organizadora, da qual deverão ser formadas as equipes de no mínimo 10 e no máximo 15 pessoas.
- 2º- Cada equipe para se inscrever deverá constar o nome, chefe da equipe e o número de acordo com a ordem de inscrição.
- 3º- Todos os objetos entregues pelas equipes, que serão denominados de Objeto de Pontuação, serão pontuados pela Comissão de Avaliação.
- 4º- Os objetos entregues pelas equipes poderão ser documentos, fotos, objetos de valor histórico e tarefas que serão distribuídas durante a Gincana.
- 5º- As tarefas serão entregues às equipes nos dias de julgamento dos objetos (sábados), juntamente com seus respectivos valores.
- 6º- Os objetos para a avaliação deverão ser principalmente de valor histórico para o município de Cambé, em segundo de valor histórico regional e em terceiro de valor histórico geral.
- 7º- Todos os objetos de pontuação passarão para a análise da Comissão de Avaliação que se baseará nos seguintes critérios:
 - Objetos de pontuação doados de valor histórico para Cambé, anterior à 1931 até 1940, 256 pontos.
 - 1941 até 1950, 128 pontos
 - 1951 até 1960, 64 pontos
 - 1961 em diante, 32 pontos.
 - Objetos de pontuação doados de valor histórico regional, anterior a 1931 até 1940, 16 pontos
 - 1941 até 1950, 8 pontos
 - 1951 até 1960, 4 pontos

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Cambé.